

tos espiritos elevados do velho mundo, porque só então o elemento civilizador equilibrará com o selvagem, e poderá vencel-o.

Temos até um exemplo d'isto com os Boers do Transvaal, que, Europeus de origem, em um seculo apenas, perderam tudo que de civilização trouxeram da Europa, foram vencidos pelo elemento selvagem do meio em que viviam, e hoje, se são Europeus pela côr e pela religião de Christo que professam, são barbaros pelos costumes que tiraram do paiz.

O notavel era, ter eu atravessado tantos povos barbaros, onde nunca chegou o menor elemento civilizador, e não ter encontrado povo algum peor do que o Biheno, que está em contacto com a civilização da Costa de Oeste.

Ao caminhar pensava eu n'isso, e repetia a phrase que tantas vezes me tinha repetido o meu amigo Silva Porto: «Olhe que os melhores Bihenos são incorrigiveis, firme-se n'este principio e marche com elles».

Depois que eu entendia o Hambundo é que bem podia avaliar o que elles eaam.

Às vezes, á noite, na minha barraca, eu escutava as conversas que se fallavam em torno de mim, e não se calcula o que eu ouvia.

Uma noite, escutava eu episodios de uma guerra que um anno antes tinha havido no Bihé, contra gente Bihena que não reconhecia a auctoridade do sova Quilemo, e entre outros ouvi o seguinte, no meio das gargalhadas e dos signaes de approvação que os ouvintes dispensavam ao narrador:

Contava elle, que uma noite fizera dois prisioneiros, um muleque e uma rapariga pequena e que, como a pequena chorasse e gritasse por elle lhe ter amarrado fortemente os braços, elle cortou-lhe uma orelha com o machado, e depois deu-lhe com o mesmo machado no pescoço, mas de vagar para a não matar logo. Elle descrevia ao auditorio as contorsões e gritos da victima, com grande applauso dos companheiros, até que narrou o modo porque a tinha morto, coisa de que depois se arrependera muito, porque a familia d'ella, que não sabia do occorrido, veio offerecer-lhe em resgate tres escravos, com que elle poderia ter começado um pequeno negocio.

Não quero narrar mais d'estas scenas repugnantes, e direi apenas, que se deve avaliar bem, como o chefe de bandidos na Europa não precisa, para sustentar a disciplina em sua orda de reprobos, ter mais energia do que o Europeu que em Africa tem de commandar tal gente.

Fui acampar à nascente de um corrego chamado Combule, que, a uma milha da sua fonte, vai lançar, para o Oeste, no rio Chicului, as suas aguas, que ainda alli não seriam sufficientes para mover uma azenha.

Convenci as filhas do sova a voltarem aos seus lares e fizemos as mais cordiaes despedidas. Ainda Opudo arriscou com timidez o pedido, de eu voltar para o Cuchibi, e ir viver entre elles, e Capêu fez-me, mais eloquente ainda, a supplica, com um olhar de mulher, um d'esses olhares que são a verdadeira força d'ellas, porque são espontaneos, e não aprendidos na escola da garridice.

Não foi sem pesar que vi partir aquellas duas boas raparigas, as duas unicas amizades que percebi em indigenas Africanos.

Ao separarmo-nos, chegou-se a mim o meu guia Mucassequer, e disse-me:

«Eu tenho passado a minha vida no caminho que vais seguir d'aqui ao Limbai, e por isso conheço bem o paiz. Leva sempre prompta a tua melhor espingarda, e desconfia de tudo no matto, porque vais viver muitos dias entre feras. Toma cautella sobre tudo com os bufalos do Ninda, no caminho has de vêr sepulturas de gente morta por elles, e mesmo de brancos. Eu sou teu amigo, porque não me fizeste mal, e deste-me polvora e missangas, por isso te previno.»

Depois da partida dos Ambuelas, fiquei só com a minha gente, e verifiquei, não sem algum sobresalto, que tinha havido uma redução enorme nos viveres.

No dia immediato embrenhei-me em uma enorme floresta espinhosa, e onde era a miudo preciso abrir caminho para seguir àvante.

Depois de uma fatigante marcha de 5 horas, a mais difficil e atroz que fiz em Africa, acampeí à nascente do rio Ninda, tendo deixado uma grande parte do fato nos espinhos da floresta. Meia hora depois de chegar, estava convertido em verdadeira caricatura, porque estava coberto de bocados de tafetá inglez, onde os espinhos me haviam rasgado as carnes.

Estava pois à nascente do rio Ninda, afamado pela ferocidade dos habitantes das suas margens. Os leões ainda me não tinham devorado, mas cheguei a pensar, que se o quizessem fazer tinham de se apressar, para encontrarem alguns restos do que deixassem milhares de insectos que dirigiam um ataque encarnizado contra mim.

Ao cair da tarde, uma nuvem de moscas, tão pequenas que não tinham mais de um millimetro, cahiu sobre o acampamento, e n'um louco esvoaçar, entravam pelo nariz, pela bocca, pelos ouvidos, e enchiam-nos os olhos, dando-nos um verdadeiro supplicio, verdadeira praga.

O acampamento foi rodeado de fortes paliçadas e enormes abatizes, tomando-se todas as precauções para que ficássemos ao abrigo de um ataque das feras.

Eu fui acommettido por um violento accesso de febre, o que não impediu que, durante a noute, por mais de uma vez sahisse da minha tenda a investigar porque ladravam os cães.

Os leões rugiram toda a noute em volta do campo, e sobre a madrugada, um còro de hyenas veio completar aquella musica infernal.

Não posso deixar de declarar aqui, áquelles que no entusiasmo de uma coragem temeraria se fazem illusões sobre as bellezas da vida das selvas, que a vida entre feras é positivamente desagradavel.

No dia immediato, demorei-me até á tarde, para poder determinar aquella posição, e mudei o meu acampamento para uma milha mais a lêste.

Junto do sitio onde acampeí ficava a sepultura de um portuguez, o sertanejo Luiz Albino, morto n'aquelle ponto por um bufalo. Na minha comitiva estava o preto de confiança de Luiz Albino, o velho Antonio de Pungo Andongo, aquelle que eu fiz alfaiate do sova Mavanda.

Luiz Albino sahira do Bihé com uma grande factura que vinha negociar ao Zambeze, e em uma das suas etapes, veio acampar no mesmo ponto onde eu estava acampado n'aquelle dia. Sahiu a caçar, e deu um tiro em um bufalo, ferindo-o na articulação de um pé. Já se vê que atirava mal, porque não se fere um bufalo em um pé.

Voltou ao acampamento, e chamou o velho Antonio (que então era novo), dizendo-lhe, que tinha ferido um bufalo mortalmente, e que chamasse gente para o irem buscar.

Os Bihenos, sempre cautelosos, não quizeram ir, e elle, chamando-lhes cobardes, foi só com o preto Antonio. Chegado ao matto, o bufalo, que, como todos os bufalos feridos, queria vingança e o esperava, correu sobre elle. Luiz Albino disparou-lhe os dois tiros da espingarda sem lhe acertar, e foi em seguida colhido pela fera, que com uma cornada lhe rasgou o baixo ventre.

Antonio disparou contra o feroz ruminante, e o cadaver da fera foi cair sobre o cadaver do branco.

Hoje, uma forte estacada de madeira, cercando um quadrado de cinco metros de lado, fecha um recinto, onde se levanta uma cruz tosca de madeira; e lembra ao caminhante, que é preciso ter prompta a carabina e olho á mira para viajar alli.

Tinha chegado ao primeiro ponto da minha viagem onde apparecem elephantes, e por isso mandei alguns homens á descoberta, mas os exploradores voltaram tendo apenas encontrado alguns rastos antigos. Eu fui dar uma volta pelo matto, mas nada vi em que podesse dar um tiro.

No dia immediato, segui viagem, sempre na margem direita do Ninda, sem que algum factó extraordinario viesse perturbar a marcha.

A 13 de agosto, fui estabelecer um novo acampamento a dez milhas para lêste do da vespera. Um vago receio já me perturbava o espirito. Os viveres diminuiam rapidamente, e eu estava ainda longe de paiz de recursos. Tentei caçar, mas sem resultado percorri a floresta, ainda que vi muitos rastos frescos e cheguei mesmo a perceber caça, mas tão longe e esquivada que nada fiz.

No dia 14, tinha eu, sosinho com o meu Pépéca, tomado a dianteira á caravana, quando, ao chegar ao sitio onde resolvi terminar a marcha d'aquelle dia, percebi um enorme bufalo que pastava tranquillamente.

Pude, ao abrigo do matto, approximar-me d'elle, e atirei-lhe a trinta metros, apontando á espadua, porque me ficava atravessado. O animal cahiu fulminado, com grande espanto meu, porque o sitio onde atirei era para fazer uma ferida mortal, mas não produzir morte tão rapida como a que eu vi produzir. Abeirei-me d'elle, e como não fiquei espantado, vendo que a bala, em lugar de ferir o ponto a que a dirigi subiu perto de vinte centimetros na mesma vertical, indo cortar-lhe as vertebraes, e produzindo a morte instantanea, pela solução de continuidade da espinhal medula!

Este caso fez-me profunda impressão, porque um tal desvio da bala podia, em qualquer circumstancia, ser causa da minha perda; e logo que estabeleci o meu campo, tratei de alvejar a carabina a 25 metros.

O desvio vertical revelado no tiro ao bufalo continuava a manifestar-se.

Era a minha carabina Lepage, de grande calibre e balas d'aço

Sendo a sua trajectoria muito curva, o armeiro calculou a ultima ranhura da alça para 80 metros; e como eu não tinha ainda com aquella arma atirado a menor distancia, não tinha ainda advertido no perigo que corria fazendo um tiro de 20 a 30 metros. Assim, pois, a estas distancias, ainda que eu pela ranhura mal percebesse o ponto culminante da mira, o desvio vertical era constante.

Cuidei logo de remediar o defeito, e por tentativas, fui profundando a ranhura da alça, até que obtive a maior precisão á pequena distancia requerida.

Este episodio, que registei no meu diario e que hoje descrevo aqui, ainda que seja de interesse nullo para a maioria dos meus leitores é uma prevenção áquelles que me seguirem em Africa, prevenção que lhes pode ser de subida utilidade.

O rio Ninda corre n'uma planicie levemente inclinada a léste, e que me affirmam se estende ao sul até á junção do Cuando e Zambeze.

Até ao ponto em que eu estava acampado, a floresta desce espessa até á margem do rio; mas d'alli em diante fórma apenas tufos de arvores, semeados aqui e além n'uma planicie enorme.

Ali o Ouco é arvore corpulenta, e tão abundante, que por espaço de horas o caminhante vive n'uma atmosphaera embalsamada pelo suave perfume das suas flores.

No dia immediato, sustentei marcha de seis horas, e desviei-me um pouco da margem do rio, cujo canal espesso era obstaculo ao caminhar; indo acampar junto de uma lagôa de boa agua, não longe da pequena povoação de Calombeu, posto avançado do regulo do Baroze.

Nada nos quizeram vender, e já começavam a escacear os mantimentos.

Não achando boa a minha posição, e não podendo seguir no dia immediato, por ter muitos doentes, mudei o campo para uma milha mais a léste, continuando a tirar agua da mesma lagôa, ou antes paul, que melhor lhe cabe este nome.

Estava na enorme planicie do Nhengo, planicie elevada mil e doze metros ao nivel do mar que se estende a léste até ao Zambeze, e ao sul até á confluencia do Cuando.

O terreno enxuto na apparencia, é encharcado e esponjoso, e cede lentamente á pressão do corpo, deixando infiltrar agua do seu seio alagado.

Nas noites que alli dormi, deitei-me em leito

secco de hervas cobertas de pelles, para acórdar n'um charco.

Começava alli para mim uma nova vida de tormentos, porque nem á noite um somno reparador podia vir mitigar as fadigas do corpo, e adormecer as apprehensões do espirito.

A falta de viveres, que não tardaria a chegar; a difficuldade que me apresentava o paiz; a minha saude que eu sentia profundamente affectada; e a minha propria comitiva que começava a dar signaes de insubordinação, traziam o meu espirito perturbado, perturbação que se traduzia por um mau humor continuo.

No dia 16 de agosto, tive um momento de desespero. Estava só, completamente só.

Não havia um homem na minha comitiva que tivesse um pouco de energia.

Além das difficuldades que se erguiam diante de mim, todos me creavam difficuldades. Eu tinha de decidir, de intervir em tudo, até nas mais pequenas coisas de que nunca me deveria occupar.

Algumas dedicações me rodeavam, não o duvidava, mas dedicações sem energia, em gente capaz de cumprir uma ordem, mas incapaz de fazer cumprir a outros as que lhe transmittia.

O Verissimo não é cobarde, mas espirito acanhadissimo, sem vontade propria, e irresoluto, não tinha a força sufficiente para se impor no commando. Além d'isso, aparentado com alguns dos pombeiros, era por elles desattendido.

Via-me forçado até a fazer cumprir as ordens que dava!

No meu diario escrevi então alguns periodos. que vou transcrever aqui textualmente, e que traduzem o meu soffrimento de então.

«Isto desnor-tea-me, e traz-me de pessimo humor. Meu Deus! quanta vontade, quanta persistencia, quanta energia é precisa a um homem que só, rodeado de difficuldades, nos proprios que o cercam as encontra, para proseguir na missão que se impoz! Hoje sosinho no meio da Africa, tendo uma missão a cumprir, e tendo de sustentar a honra da bandeira da minha patria, quanto eu soffro! e quanto eu tremo por ella! Preciso de ser um anjo ou um demonio, e chego a crer que sou ás vezes uma e outra cousa.»

N'este dia já tive de dar comida á ração, e só milho já havia. Sentado á porta da minha barraca, ao cahir da tarde, terminava a minha parca refeição, e olhava em roda os meus carregadores, que comiam em silencio.

(Continua.)



AS PIROGAS EM QUE FUI DE DOREY A AMBERBAKI

VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuação da folha 5 — 3.º anno)

AS MULHERES escravas são muito mais raras que os homens, e apesar das reticencias com que os Papús, que eu interrogava, encobriam as suas respostas, julguei comprehender que a escravidão da mulher não tinha na Papuasía as consequencias immoraes que tem nos paizes musulmanos. A escrava Papú pôde tornar-se esposa legitima segundo os usos do paiz.

O novo escravo de Brouss foi elevado á dignidade de moço do barco e encarregado de lhe esgotar a agua, por meio d'uma escudella feita da casca do fructo do côco.

O vestuario não o incommodava no desempenho das suas humidas funcções; o seu vestua-

rio era nenhum, e o seu corpo magro e franzino facilmente podia introduzir-se até ao fundo do porão.

O pequeno escravo já tinha pertencido a muitos senhores; era um joven Aropen feito prisioneiro pelos habitantes do Talandjan (cabo d'Urville), depois vendido aos insulares de Korido que o tinham cedido aos Papús de Mafor, e fôra assim que, passando de mão em mão, chegára a ser escravo de Brouss.

Era bem novo para mostrar caracteres distinctivos de raça, se os ha, mas herdára dos selvagens ferozes, de que ninguem, nem mesmo os visinhos, ousa approximar-se, um olhar torvo odiento, vingativo e um caracter que não des-

mentia estes predicados. Não perdia a ocasião de fazer mal. Amiudadas vezes era castigado e, posto que eu intercedesse sempre por elle, as punições eram o mais das vezes merecidas. Armava rixas com toda a gente, mesmo com homens feitos, e se encontrava creanças mais fracas do que elle, não perdia ocasião de lhes bater ou de as morder com felina alegria.

Só no dia seguinte de manhã fundeamos em frente de Korido, junto d'uma pequena ilha deserta, onde ao mesmo tempo poisou um bando de pombos brancos e pretos (*Carpophaga* *luctuosa*) que foram a alegria dos nossos estomagos.

Desembarcando primeiro n'esta ilhota, o nosso fim era conhecer as intenções dos habitantes de Korido, gente muito irrequieta, muito bellicosa e que nem sempre estão dispostos a receber estrangeiros, embora elles sejam Papús.

Mal tinhamos saltado em terra, vimos em volta de nós um grande numero de pequenas pirogas, de dentro das quaes nem uma palavra nos diziam. Contentavam-se em examinar-nos. Este frio acolhimento, tão contrario ao caracter Papú, não tinha nada d'animador; voltamos para a nossa piroga, onde cada um se aprestou para qualquer eventualidade.

Para que não houvesse duvida a respeito das nossas nacionalidades e das nossas intenções, arvorou-se a bandeira triangular do sultão de Tidor, e em seguida a dos Holandezes que reclamam para si a posse nominal d'estas ilhas, e por fim a bandeira da França que eu me sentia feliz e orgulhoso de ter levado a terras, onde ella ainda não tinha fluctuado.

A povoação de Soweck que estava em frente

de nós era-nos encoberta por uma rede d'ilhotas e de vegetação, e por tanto ignoravamos completamente o que succederia, quando vimos de repente sahir, como d'uma floresta, duas grandes pirogas que se dirigiam para nós com grande velocidade. Sahimos ao encontro, tocando gongo e tambor, o que era um testemunho das nossas intenções pacificas.

Eu estava ao postigo da minha camara para melhor vêr tudo o que se ia passar.

As duas pirogas prolongaram-se com a nossa a bombordo e estibordo com grande destreza, em menos tempo do que é preciso para dizel-o, dois homens seguidos de seis remadores que substituiram os nossos saltaram para a nossa. Estes dois personagens eram o sanadi e o korano, isto é, os dois chefes ou personagens mais importantes de Soweck. Acocoraram-se junto de Brouss e em frente de mim, o que fez com que minuciosamente os podesse examinar.

Eram dois magnificos homens de cerca de trinta e cinco annos, com o rosto oval e nariz aquilino; tinham os cabellos cortados e traziam um lenço amarrado na cabeça. Ambos usavam calças d'algodão azul; o korano usava tambem uma especie de *frak* d'algodão azul de-

bruado de vermelho e o outro uma kabaia amarella com desenhos multicolores.

Brouss, offerendo-lhe *serih*, cal e betel, explicou-lhes o fim da minha visita, e gabou-lhes a qualidade das minhas fazendas, pois que os dois chefes levantaram-se immediatamente e vieram apertar-me a mão que depois levaram d'encontro ao peito e á bocca, signal de delicadeza d'origem musulmana.



AVE DO PARAISO (*Cinnamolegus magnus*)

Ajustamos immediatamente o valor do presente que eu lhes devia fazer para obter licença de penetrar na sua povoação e dei a cada um d'elles dois *kains* e dois collares de missangas.

As pirogas que os tinham trazido eram descobertas e cada uma tripulada por dois remadores armados d'uma lança, d'um arco e d'um molho de flechas de combate com ponta d'osso.

Estava baixa-mar e nós navegavamos devagar por entre os bancos de coraes; muitas vezes os *Papus* tiveram de se metter á agua para empurrar a nossa piroga. Emfim mettemos-nos entre dois bancos de madreporas, n'uma especie de canal que parecia corresponder á embocadura d'um rio que, de curva em curva, nos levou, atravez de ilhotas cobertas de vegetação, a uma vasta bacia interior fechada do lado da terra por uma floresta e do lado do mar por uma cinta de pequenas ilhas e recifes. Era aqui que estava construida a povoação de *Sowek*.

Trinta cabanas construidas como as de *Dorey*, mas maiores e com um aspecto menos miseravel, proximas umas das outras e ligadas entre si por troncos d'arvores, alinhavam-se do norte para o sul, seguindo o eixo maior da bacia. Estas cabanas eram construidas sobre estacas e sem comunicação com a praia. Não tinham cousa alguma que se assemelhasse com a ponte rustica que liga *Dorey* á terra firme. Era uma verdadeira povoação lacustre, como as que se têm descoberto no centro d'África, e ainda talvez mais semelhante a essas estações lacustres dos tempos prehistoricos, das quaes as imaginações dos nossos sabios nos tem traçado quadros que se poderiam dizer copiados do natural nas ilhas longinquoas da *Papuasia*.

Á frente da povoação havia quatro ou cinco pequenas cabanas de madeira, muito semelhantes (que elles me perdoem a comparação) a nichos de cães. Eram as habitações dos rapazes solteiros, ornamentadas nos quatro cantos com grinaldas de craneos humanos. Por meio d'esta floresta d'estacas que sustentam a povoação, circulavam em todos os sentidos umas cincoenta pirogas de todos os tamanhos, desde a que apenas podia levar uma creança, até á piroga de guerra ou de viagem, onde vinte homens têm logar.

Desde que estava na *Nova-Guiné*, ainda não tinha encontrado um centro de população tão denso. *Sowek* tinha pelo menos mil habitantes. Em parte alguma tinha visto tanto movimento, tanta actividade, nem ouvira tanto barulho;

não eram os timidos selvagens d'*Amberbahi*, perdidos nas suas montanhas; encontrava-me n'uma especie de cidade barbara, repleta d'uma população audaciosa, barulhenta e atrevida.

Apenas chegamos, retiraram-se os dois chefes, levando comsigo os presentes.

Antes de mim dois naturalistas, um italiano, outro allemão, tinham mandado fundear os seus *schooners* nas aguas da ilha *Korido*, e tinham mandado a terra os seus caçadores malaios. Mas era esta a primeira vez que um homem branco penetrava na povoação. Tinha excitado a curiosidade e de sobra m'o mostraram. N'um instante o nosso prao foi cercado por um grande numero de pequenas pirogas; sem pedirem licença e o mais simplesmente do mundo, como se o prao lhes pertencesse, mettam-se dentro d'elle dez, quinze, vinte, ao mesmo tempo, com risco de o fazer metter a borda n'agua, mechiam em tudo, installavam-se até no meu cubiculo, olhando-nos insolentemente, a mim e aos meus homens. Se tinhamos necessidade de pegar em qualquer cousa, ou se nós mesmos tinhamos de mudar de logar, era impossivel fazel-os tirar d'onde se tinham acororado. Eramos esmagados pela massa; nem as minhas recriminações, nem as dos meus homens, nem as do meu guia *papu*, o *sanadi-Brouss* podiam libertar-nos d'estes tenazes importunos que mostravam ainda mais maldade do que curiosidade.

Mandei *Brouss* ir ter com os dois chefes perguntar-lhes o que resolviam elles a respeito da hospitalidade que eu larga e adiantadamente lhes pagára.

Depois de larga discussão, *Brouss* trouxe-me a resposta dos dois chefes: «Tinham-me trazido até á sua povoação e mais nada me podiam fazer.»

Brouss tentou, mas em vão, o negociar com alguns habitantes o aluguel de parte das suas cabanas; nada pode conseguir. O tumulto ia augmentando com a audacia dos ilhéos, de que o nosso prao estava cheio, e que nem mesmo queriam abrir logar para os que a cada momento se arremessavam para dentro do barco.

Era bem evidente que não podiamos demorar-nos na povoação de *Sowek*. Para me dedicar aos meus estudos de historia natural, era-me necessaria a ajuda e a boa vontade dos indigenas. Só a curiosidade me podia reter em *Sowek*, mas eu já vira o que queria, e preferia vêr os habitantes das florestas a vêr estes insupportaveis selvagens.

Além d'isso, Brouss disse-me que ainda estávamos distantes da grande ilha, que Sowek era apenas uma pequena ilha toda pantanosa, separada da grande ilha Korido por um braço de mar não muito largo, mesmo tão estreito em certos pontos e pejado de paletuvios que uma das suas embocaduras estava mui proxima de nós sem que a descobrissemos.

Portanto, Sowek era apenas uma estação para mim, e resolvemos tentar acampar em outra povoação, situada na costa da grande ilha, e como ella tambem chamada Korido. Á força d'indagações, Brouss soube que um dos principaes habitantes da povoação Korido, um outro sanadi (ha-os por toda a parte na Nova-Guiné e nem por isso uns são mais influentes do que os outros) andando na pesca, devia á noite passar por Sowek. Era, disse-me elle, um homem com quem já tivera relações commerciaes; quem sabe se negocio de escravos!

Brouss, que tinha ido a terra, (ou antes ás estacas da povoação) com effeito ao anoitecer trouxe-me o tal sanadi, e eu prometti-lhe um magnifico presente, se elle me levasse á sua povoação, me hospedasse na sua cabana e me procurasse os meios de eu poder caçar e mandar os meus homens á caça.

Depois de larga conferencia entre Brouss e o sanadi, este ultimo acceitou e prometteu vir no dia seguinte buscar-me com homens da sua terra. Dei-lhe um pequeno presente para lhe dar uma amostra das mercadorias que receberia, se as soubesse ganhar, e partiu.

Felizmente a noite passou-se socegradamente; os Papús não são valentes de noite e atrevem-se pouco a sahir de suas cabanas. Para irmos para a nova povoação podiamos seguir dois caminhos; ou navegarmos pelo mar largo, ou entrarmos n'esse braço de mar, cuja embocadura estava encoberta pelos paletuvios.

Este ultimo caminho era mais interessante e mediante uma faca mais, dada ao sanadi, resolvei-o a guiar-nos por elle. Por detraz da povoação entramos em pantanos cobertos de paletuvios, no meio dos quaes havia um canal bastante profundo, mas muito estreito.

Fomos navegando, de curva em curva, umas vezes cortando os ramos d'arvores que nos impediam a passagem, outras vezes arrastando o prao por cima das raizes entrelaçadas; era muito pittoresco, mas navegavamos muito de vagar e, se a viagem fosse mais longe, levar-nos-hia uma semana.

Aqui e alli erguiam-se ilhotas relativamente altas, com declives abruptos, cobertos de arvores, de fetos, d'orchideas, de plantas parasitas, emfim uma mistura d'essa vegetação de fórmas e côres tão differentes, formando um agradável contraste com a monotonia dos paletuvios, cujas raizes descarnadas pareciam sugar no lodo mephitico os sucos morbidos, que circulam nos seus troncos estiolados e na sua pallida folhagem.

O paletuvio é, seja-me permittida a expressão, o sapo da vegetação. Parece bastar só vel-o para ter um ataque de febre.

É a agglomeração de todas estas pequenas ilhotas, unidas entre si unicamente por arcadas naturaes de raizes de paletuvios, que fórma a ilha de Sowek, ou (para empregar expressão mais verdadeira) o que parece ser a ilha de Sowek; pois que, se se cortassem todas as arvores, só restaria agua e alguns rochedos. Provavelmente isto assim foi, em épocas antigas, antes que os coraes subindo desde o fundo do mar, tivessem formado um solo submarino onde as raizes dos paletuvios se podessem fixar.

Todas estas ilhas que cercam a Nova-Guiné e algumas das suas costas são da mesma formação. Em volta d'uma rocha antiga, verdadeiro esqueleto geologico, agglomeraram-se os coraes, crescendo com vagar perseverante; no fim d'annos, seculos talvez, a superficie do rochedo duplicou-se, triplicou-se, duas rochas visinhas foram reunidas por meio de seres vivos, depois tres, quatro e por fim será uma ilhota que fará junção com outra, e o marinheiro que passa verá do alto do navio os contornos d'uma grande ilha. O que mais me surpreendeu foi vêr no meio d'estes pantanos, junto d'um monticulo, uma nascente d'agua doce.

Depois d'assim ter navegado por mais d'uma hora pelo meio d'arvores, de repente desemboçamos n'um vasto lago interior, a que se não via sahida, nem mesmo aquella por onde tinhamos entrado.

Este lago tinha mais de cem metros de extensão por quinhentos de largo; as aguas eram salgadas, pouco profundas e transparentes, deixando vêr no fundo lodo, onde havia algumas conchas mortas e madreporas. A este era limitado por paletuvios, e a oeste por collinas que, gradualmente subindo, se iam ligar ás montanhas que, correndo do noroeste para o sudoeste, formam a aresta central da ilha de Korido. É um dos pontos mais pittorescos que eu encontrei na Nova-Guiné.

Para utilizar uma pequena brisa, armamos o mastro e içamos a vella. Quando, chegando perto do sopé das montanhas, tínhamos atravessado o lago em toda a sua extensão, dobramos a ponta nordeste da ilha Sowek e de repente encontramos-nos n'um magnifico rio d'agua salgada, que ia, ao longe, confundir-se com o mar, depois de ter beijado d'um lado as rampas abruptas de Korido e do outro os paletuvios de Sowek. As aguas tornaram-se mais profundas e tomaram a côr do mar; o rio ia alargando-se salpicado de formosas ilhas, até que, terminando a ilha Sowek, se confundia com o mar.

Ahi, n'uma praia areenta, onde se abre um

desfiladeiro das montanhas, vimos a povoação de Korido. A maré era baixa e o nosso prao não podia varar na praia, mas uma pequena piroga veio ao nosso encontro. Saltei para ella com Brouss e com o chefe d'aldeia; fomos ter á casa de maior apparencia e, trepando pelas estacas como por mastros de cocanha, encontramos-nos n'uma habitação em tudo semelhante ás de Dorey e d'Aiambori.

Para inspirar mais confiança, os meus caçadores malaios tinham ficado no prao e eu não levava commigo arma alguma, offensiva ou defensiva. Acocoramos-nos sobre um sobrado de cortiça e começou um conciliabulo que durou mais d'uma



UMA PAISAGEM DA ILHA DE KORIDO

hora e durante o qual se consumiu uma quantidade prodigiosa de *sirih*, cal e betel offerecido por Brouss. Por detraz dos homens estavam em pé as mulheres e as creanças, as primeiras o menos vestidas possiveis, a não estarem completamente nuas. Todos me fitavam com ar admirado. Principiou a parecer-me que a deliberação durava tempo demasiado e disse a Brouss que a abreviasse. Por fim combinaram que me cederiam, a mim e aos meus homens, um dos compartimentos da cabana que eu pagaria ao proprietario geral que era o sanadi, e que daria uma indemnisação ao proprietario parcial do compartimento, pelo incommodo que lhe causava.

O ultimo devia ser indemnizado adiantadamente, mas consegui não pagar ao sanadi, senão

no momento da partida. A peça que os chefes de Sowek me tinham pregado ensinara-me a ser prudente. Concluido o ajuste tiraram do compartimento a mobilia assaz primitiva que continha e eu pude lá metter as minhas bagagens. Appareceu uma difficuldade; o compartimento era inteiramente escuro; pedi que me dêssem ar e luz; para isso bastava tirar algumas folhas que cobriam o tecto; mas a minha ideia, que eu julgava muito simples e excellente, levantou muitos protestos. «Fazer um buraco no tecto! exclamavam os Papús, é abrir a porta aos espiritos dos mortos que invadiriam a casa e sobre ella acarretariam todos os maleficios; deitemos abaixo os muros, mas no tecto não toquemos, unico sitio por onde elles podem entrar!» Foi com effeito o que se fez. Abriu-se um buraco.

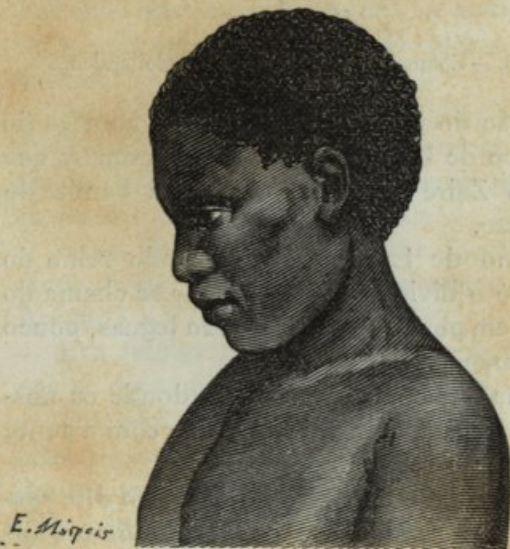
n'uma das paredes feita de nervuras de sagueiro; mas esta porta por onde os mortos não entravam não era prohibida aos vivos e confesso que á sociedade d'estes ultimos eu preferia a dos manes dos seus antepassados; occupariam menos logar e teriam feito menos barulho.

Vendo que a este proposito os Papús tinham deixado transparecer uma das suas crenças, tentei alcançar algumas informações mais explicitas, mas limitaram-se-me a responder com sorrisos de desconfiança.

Logo no dia seguinte de manhã os meus caçadores sahiram e eu mesmo sahi e metti-me por um estreito valle, onde corria um formoso e pequeno rio, umas vezes murmurante por entre

seixos, outras vezes por sobre bancos d'areia, formando aqui e alli pequenas cascatas para saltar por cima d'um tronco d'arvore ou d'um rochedo que lhe difficultavam o curso. De cado lado a floresta fechada em abobada abrigava-me dos raios solares; era um passeio encantador. O solo ao principio absolutamente plano tornava-se pouco a pouco mais accidentado e no fim de uma hora de marcha estava em frente d'uma muralha de rochedo com a altura d'uma dezena de metros, atravez da qual o rio abria um estreito canal d'onde sahia espumante, como sahe a agua da bocca dos golpinhos nas nossas fontes publicas.

Olhando para cima atravez das folhas via a



DOUS TYPOS PAPUS OUANDAMEN

montanha coberta de vegetação. O pico que se erguia n'este ponto e que me pareceu ser o ponto culminante d'esta pequena cordilheira é o monte Kañori de que eu calculei a altitude em cerca de quinhentos metros.

Abandonando o calçado como um estorvo da velha civilização deliciei-me passeando por este rio, chapinhando nas suas puras aguas; infelizmente era um logar menos rico d'insectos que de poesia, e um naturalista em viagem está sempre mais propenso a invocar Diana caçadora, do que uma das musas. O rio era encantador, cheio de sombra e de frescura; todavia alguns detritos tinham preenchido o fim que alli me levava.

Quando regressei a casa pedi aos Papús que no dia seguinte me levassem ás partes da florestas em que tivesse havido queimadas. Responderam-me seccamente que nos arredores não havia e que apenas encontraria uma povoação si-

tuada um pouco ao sul no centro da floresta, habitada por Alfuros, onde ninguem me poderia levar. Limitei-me a mostrar as caixas d'insectos e a pedir que me trouxessem mais, prometendo em troca muita missanga. Esta noticia espalhou-se com maravilhosa rapidez; a partir d'este momento não tive um instante de socego; traziam-me constantemente animaes de todas as especies, e o que era mais desagradavel, era eu não ter o direito d'escolher nem de recusar. Quem me trazia um insecto mutilado, uma concha quebrada dava altos berros, se eu não lhe pagasse a sua mercadoria avariada pelo preço que pagava as boas; via-me obrigado a queimar ou pulverisar esses restos d'animaes, se não, na mesma occasião em que os deitava fóra, depois de os ter pago, os Papús apanhavam-os impudentemente á minha vista e forçavam-me novamente a pagar-lh'os.

(Continúa.)

MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

(Continuação da folha 6 — 3.º anno)

V

1621¹

Loango. — Commercio e produções. — Hollandezes

RELAÇÃO do reino de Loango que começa do Cabo de Lopo Gonçalves até o engoy que é o Zaire rio de Congo pela banda do Norte.

O reino de Loango é visinho do reino do Congo; só o divide o rio Zaire que se chama do Congo. Tem por costa cousa de 120 leguas, pouco mais ou menos.

Tem na dita costa o seu porto donde os nossos vão fazer suas feiras, resgatando com a gente da terra por o rei ser nosso amigo.

Vão da cidade de S. Paulo a fazer o dito resgate que é uma pannaria de palha que é o dinheiro que no dito reino de Angola corre, e assim resgatam algum marfim que ha no dito reino a troco de contarias que nós lhes levamos e algumas palmilhas asueis, vermelhas e verdes de Alemtejo, e assim com alguma roupa da India e cascaveis e outras cousinhas d'esta sorte.

Este rei de Loango é nosso amigo, e como vê que o rei de Congo por ser christão permanece e tem amizade com outros muitos reis, sendo seu reino pouco, e com o nosso commercio se tem augmentado, mostra desejar muito ser christão, e assim tem pedido já por vezes lhe mandem lá religiosos para se fazer christão, por onde se lhe deviam mandar lá quatro padres

¹ Juntámos aqui este pequeno documento porque embora sem indicação expressa de nome do auctor, nem de data, é evidentemente uma ampliação do anterior, e do mesmo Garcia Mendes. Não annotámos este e o anterior, porque nos reservamos para outra descripção inedita d'aquella costa, que esperamos poder publicar.

da Companhia para fazerem a dita christandade.

Não temos sabido o que ha pela terra dentro, por respeito que não andam os portuguezes por ella, nem temos mais commercio com elle que termos lá uma feitoria aonde se resgata com elle, e com os naturaes da terra aquella panaria que é infinita e os naturaes não têm outro trato mais que fazel-a e trazel-a a vender ao feitor que o contractador de Angola lá tem no dito reino, aonde se resgata o que acima digo, e trazem algum marfim quando lh'o deixam resgatar.

Ha n'este reino infinito mantimento de milho que é mais grosso alguma cousa que o nosso; ha milho zaburro e feijões e o ando que é quasi como lentilhas, mas mais grosso, e inhame, muitas gallinhas, infinitos papagaios asueis que veem de lá capoeiras cheias, mas não é boa carne; ha gado de cabello, e os carneiros são de cabello e não de lan, e algumas vacas.

N'este dito porto estão de continuo umas duas naus hollandezas que fazem resgate com o dito rei e estão resgatando marfim, e resgatam tambem alguns rabos de elephantes que as serdas d'elle levam á costa da Mina com que resgatam o ouro, que todo o gentio as estima como cadeas de ouro.

E estão os ditos hollandezes com uma feitoria, lá perto da nossa, de modo que os nossos resgatam panos e os ditos hollandezes marfim e do dito porto vão a roubar e roubam, e assim vão uns e veem outros e estão com os nossos por el-rei lhes mandar nos não façam nenhum damno, e por esse respeito o não fazem.

Os ditos hollandezes têm tambem no cabo de Lopo Gonçalves que é d'este mesmo rei, sempre naus e lá resgatam tambem o dito marfim e como os nossos navios vão por ali demandar a ilha de S. Thomé que veem dos resgates de

Arda, Benim, e outros resgates que da dita ilha de S. Thomé mandam resgatar, e tomam vista do cabo para irem tomar a ilha, e d'ahi atravessam aquelle golfo que é de 40 leguas, para a não errar, e os ditos holandezes ahi as tomam que vêem carregadas de peças, marfim, panaria de algodão, que o dito cabo é d'este mesmo rei, que se lá tiverem padres, far-lhes-ha que não consintam nos seus portos aquella gente nem tratem com elles, mas antes façam por os tomar que se lhes derem aso para isso fal-o-hão, e como uma vez os não consentirem e lhes fizerem mal guardar-se-hão d'ali e de seus portos.

Podia-se-lhe mandar uma armada de 2 ou 3 galleões para alimparem aquella costa do Cabo Verde, até lá e fariam grandes prezas e seria de muito effeito e de grande serviço de Deus e de Sua Magestade que augmentará os seus vassallos e diminue as forças do inimigo, que todos os navios que por aqui andam são ladrões mercadores e não levam muita força e se podia fazer n'elles grandes prezas com que lhe diminuisses as forças, e as acrescentassemos a nós, e se sustentassem os nossos galleões de armada.

1593-1631

TERRAS E MINAS AFRICANAS

SEGUNDO

BALTHAZAR REBELLO DE ARAGÃO

Balthazar Rebello de Aragão é vagamente citado n'algumas obras que tratam da conquista e exploração da Africa portugueza, pelos seus serviços militares e como auctor de uma tentativa malograda de travessia do continente africano.

Lopes de Lima nas investigações para os seus bellos *Ensaíos*, e Valdez, escrevendo a sua obra, *Six years of a traveller's life*, tiveram occasião de ver alguns dos documentos que publicámos agora. Nem se conhece, porém, sufficientemente a historia d'aquella tentativa, nem tem parecido merecer uma determinação mais detida este modesto vulto, do qual pouco mais se conhece, tambem, do que o nome.

Alguns escriptores estrangeiros, com aquelle acintoso e leviano espirito que caracteriza muitos dos que tratam das nossas indisputaveis prioridades na historia da geographia moderna, têm procurado insinuar a idéa de que Balthazar Rebello fosse «aragonez», illudindo-se ou fingindo

illudir-se com o nome patronymico de «Aragão», tão antigo e vulgar em Portugal.

As investigações geneologicas a que procedemos elucidaram-nos pouco, como era natural.

Balthazar Rebello fixou-se em Africa, moço ainda, e perdeu-se provavelmente da vista dos geneologos do reino, na turba de aventureiros de todas as classes que durante mais de um seculo devorou a idéa dominante da exploração das minas de alem mar.

Em 1610 vivia em Santarem um João Rebello de Aragão, que reclamava a pequena legitima paterna de um irmão, Nicolau Soares de Aragão, «que havia trinta annos se fôra do reino», e se considerava morto.

Estes dois individuos eram filhos de um João Rebello, que era já fallecido em 1587 e que casára, pela segunda vez, com D. Maria de Aragão Soares.

Aqui temos indicada uma união de Rebellos e Aragãos que se conserva nos nomes patronymicos da descendencia, onde tambem apparece ás vezes o nome de Balthazar.

Seria Balthazar Rebello de Aragão, filho lidimo d'este João Rebello e d'esta D. Maria de Aragão?

Era fidalga esta gente, de geração de fidalgos se diz tambem Balthazar Rebello.

Que era portuguez é irrecusavel á face dos seus documentos, n'um dos quaes até se lamenta de que mais graças do que a elle se dispensem a dois «estrangeiros» que, pelos nomes, deveriam ser hespanhoes.

Julgâmos ocioso insistir n'isto.

Das familias Aragões se pôde dizer o que das Rebellos conta uma genealogia manuscripta da bibliotheca nacional de Lisboa: «com o principio do reino de Portugal corre parelhas o principio da familia dos Rebellos», etc.

Diz Balthazar Rebello de Aragão que fôra para a Africa em 1593, referindo a esta data a partida para Angola do governador D. Francisco de Almeida, na companhia do qual, affirmam uniformemente os melhores escriptos, ter elle seguido para aquelle reino.

O *Catalogo dos governadores do reino de Angola* fixa aquella partida em 9 de fevereiro de 1583. Ha erro evidente no anno.

As *Memorias* de Feo Cardoso, determinam-na em igual dia e mez de 1593.

Um curioso manuscripto da sociedade de geographia de Lisboa, indica a data de 9 de fevereiro de 1592.

E Lopes de Lima, verificando no registro existente na Torre do Tombo, que D. Francisco de Almeida fôra nomeado por carta regia de 9 de janeiro de 1592 «capitão mór e governador da conquista do reino de Angola e mais provincias d'elle com 800.000 reis de ordenado», diz que chegára em julho ao seu governo.

Em 24 de junho de 1592 fixa o manuscrito indicado a chegada a Angola, e em 8 de abril de 1593 a saída precipitada de Almeida para Pernambuco, fugindo ás intrigas sediciosas dos jesuitas de Loanda, successo que o *Catalago* e as *Memorias* tambem erradamente põem em 8 de dezembro de 1594, quando já em 11 de outubro de 1593 era nomeado em Lisboa o seu successor João Furtado de Mendonça.

Se, como parece, Balthazar Rebello fazia parte da luzida expedição organizada por D. Francisco de Almeida, estava já em Angola alguns mezes antes da data que designa, ou em 1592, o que não obsta a que tomemos aquella para determinação chronologica dos seus documentos, pois que a 1593 se referem naturalmente as suas indicações n'este sentido.

Em 1598 salva o presidio de Massangano, e no anno seguinte funda á sua custa o de Muxima.

Foi no governo de João Furtado de Mendonça.

Massangano fôra fundado por Paulo Dias de Novaes na confluencia do Quanza e do Lucalla, por lhe parecer ponto mais adequado do que Macunde, onde primeiro estabelecêra este presidio, e junto de umas minas de sal, nas terras da Quiçama, fundára D. Jeronymo de Almeida, um outro.

Mas o atrevimento de alguns potentados indigenas crescêra com a derrota que soffrêramos n'uma emboscada de um d'elles, o Cafuxe-Cambare, como lhe chamam as memorias do tempo; o posto da Quiçama fôra abandonado ou perdido, e Massangano estava estreitamente cercado.

Balthazar Rebello afugentou a negraria, municiou o presidio, desceu pelo Quanza, reduzindo a Quiçama á sujeição portugueza, e substituiu o antigo estabelecimento por um mais forte e melhor situado, na margem esquerda do rio, não exactamente no ponto em que elle hoje existe, mas a pequena distancia, em Casenga, seguindo a tradição local. Foi o de Muxima.

Em 1603-1604 acompanhava provavelmente a expedição victoriosa de Manuel Cerveira Pereira, pois que o ajudou na fundação do importante presidio de Cambambe, «carregando a pedra

ás costas», diz elle no seu singelo e rude memorial dirigido ao Rei.

É em 1607, segundo Lopes Lima, que vem do sertão acudir a esta mesma fortaleza, tendo naturalmente partido n'esse anno para a travessia do continente, por ordem de Manuel Pereira Forjaz, que assumiu o cargo de governador de Angola em 1606, segundo uns, e em 1607, segundo aquelle escriptor, que verificou ter sido a sua nomeação regia em 2 de agosto d'este anno.

É provavel, porém, que haja equívoco na data assignalada á volta de Balthazar Rebello sobre Cambambe.

Tendo Forjaz tomado posse do governo sómente nos fins de 1607, e suppondo mesmo que logo fizesse partir Rebello para aquella ousada exploração, não parece provavel, em face até do documento em que este falla do successo, que no mesmo anno ainda podesse voltar a Cambambe, quando, alem d'isso, se sabe que sómente depois de ter sido tirado d'alli o capitão que lá pozera o governador antecedente, se rebellaram novamente os indigenas e sitiaram a fortaleza.

Diz o manuscrito que temos citado:

«Intentou Forjaz, amando as empresas arduas, sem arriscar fadigas corporaes, abrir pelo sertão communicação com os habitantes da contra-costa oriental, descobrimento de que incumbiu a Balthazar Rebello de Aragão, animoso soldado e activo pratico dos sertões, dos quaes havendo já penetrado grande distancia, retrocedeu a Cambambe por lhe constar o aperto em que a fortaleza se achava...»

Não é esta, como se sabe, a primeira tentativa portugueza de atravessar a Africa, partindo da costa occidental.

Pôde dizer-se que a idéa é contemporanea das primeiras descobertas e estabelecimentos n'esta costa.

Não podêmos descobrir ainda outro documento de Balthazar Rebello ácerca d'aquelle emprehendimento, alem do que publicâmos agora, onde elle figura apenas incidentalmente e como occorrença, por dizer assim, modesta e facil demais, para que possa acrescentar notavelmente os brazões de gloriosa audacia e de esforço heroico dos conquistadores e aventureiros portuguezes.

É que já então muitos d'estes se internavam pelos sertões mais longinuos, como teremos occasião de ver.

(Continua.)



ENCONTRO D'UM EUROPEU — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNÓGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuação da folha 7 — 3.º anno)

PARECIA que uma tristeza profunda havia cahido sobre o meu campo, apossando-se de todos os espiritos.

De repente os meus cães levantaram-se e correram ao matto ladrando furiosos.

Um homem desconhecido, seguido por uma mulher e dois rapazes, sahiu do matto e sem fazer caso dos cães, entrou no acampamento, que percorreu com um rapido olhar, vindo sentar-se a meus pés.

Era um preto coberto de andrajos. Um panno

esfarrapado mal encobria a sua nudez. Um casaco completamente despedaçado pendia-lhe dos hombros nus. Na cabeça uma cousa que muito esforço de imaginação faria suppôr os restos de um chapéu braguez, e na mão um pau.

As suas armas eram trazidas pelos dois mulques que o seguiam.

A physionomia energica, o olhar, andar e os modos decididos do indigena, prenderam logo a minha attenção.

Perguntei-lhe quem era, e o que queria.

Elle respondeu-me em Hambundo: «Eu sou Caiumbuca, e venho procural-o.»

Ao ouvir o nome de Caiumbuca, não pude conter a minha emoção.

Tinha diante de mim o mais audaz dos sertanejos do Bihé. Do Niangue ao Lago Ngami é conhecido o nome de Caiumbuca, o antigo pombeiro de Silva Porto.

Em Benguella dissera-me Silva Porto: «Chame para junto de si a Caiumbuca, e terá o melhor immediato que pôde encontrar em toda a Africa Austral.»

Procurei-o debalde no Bihé, onde não me souberam dar noticias d'elle.

«Anda no sertão, e nunca se sabe bem onde elle anda» —foi a resposta que obtive de todos.

Caiumbuca estava no Cuando, abaixo da confluencia do Cuchibi, e sabendo da minha passagem, viera, só com uma mulher e dois muleques, procurar-me.

Conversei a sós com elle por espaço de uma hora, li-lhe mesmo uma carta que Silva Porto me tinha dado em Benguella para elle, fiz-lhe as minhas propostas, e ao cahir da noite reuni os meus carregadores e apresentei-lhes o meu immediato.

A 17 de agosto, forcei marcha de seis horas, porque os viveres estavam no fim, e era preciso alcançar as povoações.

Acampei na margem direita do rio Nhengo, que é o Ninda depois de receber do norte um affluente volumoso, o Loati.

O Nhengo tem de 80 a 100 metros de largo, por 4 e mais de fundo, com uma corrente quasi insensivel. Às vezes parece uma comprida lagôa, onde vegetam milhares de plantas aquaticas. Nas suas margens ha uma forte vegetação arborea, vegetação que por vezes estende os seus ramos vigorosos por sobre as aguas, e de uma e outra margem vem dar um abraço fraternal a meio-rio.

Este grande affluente do Zambeze corre na enorme planicie de que já disse duas palavras, a planicie que d'elle toma o nome, planicie humida, onde não é encharcada ou verdadeiro paul. Allí milhares de moluscos terrestres arrastam a sua casa espiral por entre a herva curta e rachitica.

Alguns cágados e muitas tartarugas de lagôa (*Emgdes*), vivem na campina, onde já, aqui e além, algumas palmeiras, as primeiras que encontrava desde Benguella, balançam ao vento as suas copas elegantes.

Os meus pretos fizeram colheita de tartarugas

(*Emgdes*), que a fome lhes fez devorar, apesar do repugnante cheiro que rescendem estes pequenos cheloneas carnivoros.

Tendo-me dito Caiumbuca, que, a pequena distancia do acampamento, haviam algumas povoações, decidi demorar-me allí um dia, para obter viveres.

Foi debalde que, no dia immediato, enviei gente ás povoações a pedir mantimentos; o gentio muito esquivo fugia, e não attendia razão nem offertas.

A nossa posição tornava-se muito séria, porque já nada havia que comer para esse dia, e as tentativas de caça e pesca não deram o menor resultado.

Um pequeno bando capitaneado pelo meu Augusto, entrou no campo, perseguido por um bando de leões, que só retiraram ao perceber o ruido do acampamento.

Conferenciei com Caiumbuca, e decidimos fazer, no dia seguinte, marcha grande, para alcançar umas povoações a que elle chamava Capaca, e onde me disse que poderíamos obter viveres.

Seguimos pois no dia 19, tendo comido pela ultima vez a 17, de manhã.

A marcha foi sustentada por oito horas, indo acampar perto de uma lagôa, porque tinhamos deixado a margem do rio, para nos approximarmos das povoações.

Apesar da fadiga da jornada e da fraqueza produzida pela fome, enviei gente a procurar viveres, indo entre elles o proprio Caiumbuca. Voltaram ao anoutecer com as mãos vazias. Nada, absolutamente, o gentio lhes quizera ceder, mostrando-se até hostil!

A nossa posição era grave. Tentar outra marcha, no estado de fraqueza em que estavamos, era arriscarmo-nos a ficar todos mortos de inanição.

Reuni os pombeiros, a quem expuz as circumstancias precarias da caravana, e de tal modo os encontrei desalentados, que nenhum alvitre me foi proposto.

Chamei alguns dos pretos que tinham ido ás povoações e perguntei-lhe: «se effectivamente allí haveria mantimentos» e tendo-me elles respondido affirmativamente, eu tomei uma resolução immediata. Disse aos pombeiros que fossem animar a sua gente, porque no dia immediato de manhã teriamos de comer em abundancia.

Ficando só com Caiumbuca, communiquei-lhe a resolução que tinha tomado, de ir no dia

immediato fazer provisão de alimentos ou por bem ou por mal.

Na madrugada de 20, mandei de novo o Augusto com alguns pretos ás povoações pedir que me vendessem milho ou mandioca, e expôr as circumstancias em que nos encontravamos.

A unica resposta que obtiveram os meus enviados foi uma aggressão insolita.

Então reuni todos aquelles a quem a fome não tinha completamente prostrado, e pude ter oitenta homens, semi-validos.

Puz-me á sua frente, e assaltei a povoação do chefe, que, depois de um curto tiroteio sem consequencias, se rendeu á discripção.

Corri logo aos celeiros, que estavam cheios de batata dôce, e tirei tanta quanta me era precisa para matar a fome da minha gente, regressando ao campo, com o chefe e mais alguns pretos prisioneiros. Dei a estes o valor das batatas em missanga e polvora, e pul-os em liberdade, fazendo-lhes vêr, que era melhor tratar as cousas por bem d'alli em diante. Elles agradeceram muito a minha generosidade, e prometteram fornecer-me aquillo que tivessem, logo que eu lh'o mandasse pedir.

N'esse dia, á 1 hora e meia, estando o ceu limpo, apenas com espessa barra no horisonte, cahiu um tufão vindo do N., que, depois correu a S. O.; o foco passou um kilometro a O. de mim, arrancando arvores e destruindo tudo na sua passagem.

No meu campo o vento soprou tão rijo que tivemos de nos deitar por terra em quanto durou a sua maior intensidade.

O thermometro subiu de 20 a 32 graus, e o barometro desceu de 667^{mm} a 663. Foi esta a mais violenta oscillação barometrica que observei na Africa tropical.

Ás duas horas e meia, o vento acalmou de repente, ficando a atmospherá completamente coberta de um nevoeiro denso.

As povoações que me ficavam um kilometro ao sul chamam-se Lutué; mas Caiumbuca disse-me, que entre os Bihenos são conhecidas apenas pelo nome de Cacápa, por serem ricas em batata dôce, que na lingua Hambunda se chama *écápa*.

As gentes d'estas povoações, como a de todas da planicie do Nhengo, são de raça Ganguela, submettidas pela força aos Luinas ou Barôzes. São povos miseraveis e intrataveis.

Pela tarde, chegou ao meu campo uma tropa de Luinas, que andavam rondando no paiz, e

que, sabendo que eu chegara alli na vespera, me vieram vêr.

Era commandada por tres chefes, dos quaes o maioral se chamava Cicóta.

Os chefes vieram complimentar-me e offercer-me os seus serviços, e pedindo-lhes eu logo que me obtivessem de comer, elles responderam que tambem estavam lutando com falta de viveres, mas que no dia seguinte me acompanhariam até umas povoações onde achariamos recursos. Disseram-me, que me iriam conduzir até junto do rei do Lui, e que nada me faltaria pelo caminho logo que chegassemos ás povoações Luinas, já pouco distantes.

Estes Luinas tem uma boa presença, são altos e robustos. Uma pelle de antilope primorosamente curtida, passada entre as pernas e presa no cinto de couro na frente e nas costas, e um amplo capote de pelles, é o seu vestuario. Os tres chefes traziam carabinas raiadas de grande calibre, de fabrica ingleza. Os outros sobraçavam grandes escudos de fórmula ogival, de um metro e 40 cent. de comprimento por 60 cent. de largo, e estavam armados de um feixe de azagaias de arremesso. O peito e os braços cheios de amulêtos. Os pulsos são ornados de manilhas de cobre, latão e marfim, e por baixo dos joelhos trazem de 3 a 5 manilhas muito finas, de latão. O que n'elles é admiravel são as cabeças, não pelo cabello, que é cortado curto, mas pelos enfeites que lhe põem.

A do chefe Cicóta está coberta de uma enorme cabelleira, feita da juba de um leão. Os outros traziam penachos de plumas multicolores verdadeiramente assombrosos.

Durante a noite appareceram entre nós innumeros escorpiões, sendo mordidos por elles alguns dos meus homens.

O terreno continúa esponjoso e humido, sendo um tormento viver em tal paiz.

Multiplicam-se alli as palmeiras, e já vão apparecendo algumas arvores no campo.

As termites apresentam aqui já um novo aspecto nas suas curiosas construcções.

A 22 de agosto levantei campo, e cinco horas depois, ia de novo acampar junto da povoação de Canhete, a primeira povoação de raça Luina. Durante a manhã houve um denso nevoeiro.

Algumas mattas que passei eram formadas de arvores enormes, e limpas de arbustos, sendo facil o caminhar alli.

Logo que acampeei, por prevenção de Cicóta, vieram muitas raparigas ao campo trazer-me gal-

linhas, mandioca, massambala e ginguba. Durante toda a tarde continuaram a trazer-me presentes, que eu retribuía o melhor que podia. Tinha já que comer em abundancia!

Pedi tabaco, de que eu trazia ainda boa provisão, e sal, sal que eu não provava havia tantos mezes!

Responderam-me que tinham o maior pesar de não poderem satisfazer ao meu desejo, mas que o tabaco e o sal só se davam ou se vendiam por uma licença especial do regulo.

Eis uma terra africana onde ha dois artigos de contrabando! Felizmente não ha alfandegas.

Fui visitar as povoações de Canhete. Cresce alli nos quintaes o tabaco e a canna de assucar com um desenvolvimento enorme.

As casas são feitas de caniço revestido de colmo, e tem umas a fôrma de um semi-cylindro de 1^m,5 de raio, outras são ogivaes, não tendo mais altura do que aquellas.

Os celeiros são como os das povoações Ambuelas, mas de menores dimensões.

Os Luinas vieram ao meu campo, e fizeram alli uma dança guerreira, muito pittoresca, em que havia um mascarado que fazia o papel de truão.

N'essa noute chegou o preto Cainga, que eu tinha mandado, dois dias antes, ao regulo, a participar-lhe a minha chegada.

Vieram com elle alguns chefes com presentes do rei para mim, e entre elles seis bois.

Carne de vacca! tinha carne de vacca para comer!

Disse-me o Cainga, que elle se mostrou ufano por eu vir fallar com elle de mando do Mue-neputo, e que me esperava uma recepção esplendida.

Eu estava sempre desconfiado, porque conhecia bem os negros, e sabia quantas traições encerram as suas zumbaias, mas não deixei de ficar satisfeito.

Elle mandou reunir muitos barcos, de modo que podesse passar a minha comitiva de uma só vez, para mostrar a sua grandeza.

Disse-me o Cainga que elle era rapaz de 20 annos, e que sabendo que eu era novo, dissera que seriamos amigos.

Comi tanta carne e tanta batata, já temperadas com sal, condimento que obtive por contrabando, que me senti muito incommodado, e passei uma pessima noute.

Os chefes Luinas que vieram da parte do regulo, trouxeram ordem ás povoações para me

fornecerem o que eu pedisse sem retribuição. Esta ordem foi acertada, porque eu não tinha com que retribuir.

Quando ia a levantar campo, chegaram novos enviados do rei com sal e tabaco para mim, e com o recado, de eu não seguir o caminho directo da embocadura do Nhengo, porque elle queria castigar as povoações privando-as da minha visita.

Mandei dizer-lhe, que eu não seguiria outro caminho, por ser este o que mais me convinha. Que eu não servia para elle castigar commigo os seus povos delinquentes; e que, se elle me não mandasse barcos ao sitio do Zambeze que eu havia designado, eu passaria o rio sem o auxilio d'elle.

Logo á sahida de Canhete, encontrei um paul horrivel, que tendo apenas 500 metros de largo, levou 1 hora a transpôr. Caminhei a leste, e tres horas depois alcancei as povoações da Tapa, onde aceitei uma casa offerecida pelo chefe, por não ser possivel acampar fóra da povoação em terreno pantanoso.

As casas alli são formadas por uma pyramide tronco-conica de caniço, coberto interna e externamente de barro. A porta tem 60 centímetros de alto por 50 de largo.

Esta casa é cercada por outra só de granito, concentrica áquella, e que tem de raio um metro mais. O tecto abrange as duas casas e é feito de caniço coberto de colmo.

O chefe levou-me um presente de gallinhas e batata doce.

Marquei, duas milhas ao sul, a grande povoação de Aruchico.

No dia 24 de agosto parti ás 8 horas da manhã, e depois de atravessar um paul como na vespera, alcancei a margem direita do rio Nhengo ás 9 horas, descendo até ao Zambeze que encontrei ás 10 e meia.

Com que entusiasmo eu saudei o grande rio! Alguns hippopotamos vinham resfolgar á tona d'agua a 30 metros de mim, e dois foram victimas da sua imprudencia.

Um crocodillo enorme foi tambem infeliz em se conservar ao sol n'uma ilha proxima.

Tinha saudado devidamente o Liambai! Tinha-o saudado tingindo-o de purpura com o sangue das feras.

No meio do maior entusiasmo dos meus e dos muitos Luinas que me acompanhavam, alcancei as canôas, e passei, ao meio dia para a margem esquerda do rio.

Segui sempre a leste, e ás 2 horas, encontrei outro braço do Liambai, que se separa d'elle junto a Nariere. Andei por isso em uma grande ilha onde ha povoações, sendo a principal Liondo.

Aquelle braço do rio, ainda que tem 150 metros de largo, é pouco fundo, e foi transposto a vao. Na outra margem havia mais gente mandada pelo regulo.

Segui sempre, e ás 3 horas, encontrei uma grande lagôa junto á povoação de Liara, que passei embarcado. Este lago, formado pelas aguas que o Zambeze lhe introduz no tempo das chuvas, chama-se Norôco.

Segui sempre a leste, por entre um labyrintho de pequenas lagôas, que era preciso evitar, e ás 5 horas cheguei a Lialui, grande cidade, capital do Barôze, ou reino do Lui.

O rei tinha feito programma.

Tive em poucos dias duas grandes surpresas, para mim já meio selvagem e esquecido dos costumes europeus. O contrabando de tabaco, de sal, e o programma do rei do Lui.

Uns mil e duzentos guerreiros formaram alas até á casa que eu devia provisoriamente ir occupar, e um dos grandes da côrte, acompanhado de uns trinta figurões, formaram o meu sequito.

Chegado á casa, que tinha um grande pateo cercado de caniçal, estava um estrado, onde eu me devia sentar, para receber os cumprimentos da côrte.

Logo em seguida, chegaram os quatro conselheiros do rei, dos quaes é presidente Gambela. Com elles vinham todos os grandes que formavam a côrte do rei Lobossi.

Sentaram-se, e começou, da parte d'elles e da minha, uma troca de cumprimentos e saudações, com mil protestos de amizade.

Por fim retiraram-se gravemente e foram substituidos por outros massadores, que só me deixaram á noute fechada.

Retirei-me para a casa que me destinavam, que era um d'esses semi-cylindros de que já falei, e tive uma noite de insomnia, pensando no futuro da minha empreza.

Estava sem recursos e se o rei não protegesse energicamente a minha viagem, que poderia fazer?

Sem a generosidade d'elle, nem mesmo teria que comer alli.

Elle mandara-me dizer, que me fallaria no dia immediato. Como nos entenderiamos! Aquelle Gambela, o presidente do conselho, que acabava de estar commigo, o homem que todos me di-

ziam ser o verdadeiro rei, que seria elle para mim?

O capitulo seguinte mostrará, que não era sem razão que um presentimento mal definido me produziu uma noite de insomnia em 24 de agosto de 1878.

CAPITULO IX

NO BAROZE

No alto Zambeze—O rei Lobossi—O reino de Barôze, Lui ou Ungenge—Os conselheiros do rei—Grande audiencia—Audiencias particulares—Parece que tudo me corre bem—Eu explicando geographia a Gambela—Volta-se a face aos negocios—Intrigas—Os Bihenos querem voltar—Uma embaixada a Benguella—Quimbundos e Quimbares—A preta Marianna—Tentativa de assassinato—6 de setembro—Incendio e combate—Retiro para as montanhas.

A 25 de agosto levantei-me muito incommodado e ardendo em febre. Estava no alto Zambeze, junto do 15° paralelo austral, na cidade Lialui, nova capital estabelecida pelo rei Lobossi, do reino do Barôze, Lui ou Ungenge, que todos estes nomes pôde ter o vasto imperio da Africa tropical do sul. Como se sabe pelas descrições de David Livingstone, um homem vindo do Sul á frente de um exercito poderoso, o guerreiro Chibitano, Basuto de origem, atravessou o Zambeze junto da sua confluencia com o Cuando, e invadiu os territorios do alto Zambeze, sujeitando ao seu dominio todas as tribus que habitavam o vasto paiz conquistado.

Chibitano, o mais notavel capitão que tem existido na Africa Austral, partira das margens do Gariép com um pequeno exercito formado de Basutos e Betjuanas, ao qual foi aggregando os mancebos dos povos que vencia, e ao passo que caminhava ao norte, ia organisando essas phalanges, que depois se tornaram tão terriveis, já na conquista do alto Zambeze, já na defesa do paiz conquistado.

A esse exercito, formado de elementos differentes, de povos de muitas raças e origens, deu o seu chefe o nome de Cololos, e d'ahi lhe veio o nome de Macololos que tão conhecido se tornou em Africa.

No alto Zambeze encontrou Chibitano muitos povos distinctos, governados por chefes independentes, que não puderam, separados como estavam, oppôr séria resistencia ao terrivel guerreiro Basuto.

Tão sabio legislador, como prudente administrador, e audaz guerreiro, Chibitano soube

dar união aos povos conquistados, e fazer com que elles se considerassem irmãos no interesse commum.

Estes podiam agrupar-se em tres divisões, marcando tres raças distinctas.

Ao sul, abaixo da região das cataractas, os Macalacas; no centro, os Cangenjes ou Barôzes; e ao norte, os Luinas, raça mais vigorosa e intelligente, que devia substituir um dia os Macololos na governação do paiz.

É propriamente no paiz do Barôze ou Ungenge, que se tem conservado as sédes do governo desde o tempo de Chicreto, o filho e successor de Chibitano; e todos os povos de Oeste chamam ao vasto imperio Lui ou Ungenge, ao passo que os povos do sul lhe dão o nome de Barôze. Mais tarde, n'este capitulo, terei occasião de fallar na historia d'este povo desde a ultima visita de Livingstone até á minha passagem alli, proseguindo agora a narrativa das minhas aventuras sob o reinado de Lobossi, e do seu conselheiro intimo Gambele.

A organização politica do reino do Lui é muito differente da dos outros povos que eu tinha visitado em Africa. Alli ha dois ministerios perfeitamente definidos, o da guerra, e dos negocios estrangeiros; sendo este ultimo dividido em duas secções, cada uma com seu ministro. Uma d'ellas trata dos negocios de Oeste, outra dos do Sul. Isto é, uma trata com os portuguezes de Benguella, outra com os inglezes do Cabo.

Na occasião da minha chegada, os conselheiros do rei eram quatro, dois dos quaes não tinham pasta, sendo ministro dos negocios estrangeiros de Oeste um tal Matagja e accumulando duas pastas, a da guerra e a dos negocios estrangeiros do sul, Gambela, o presicente do conselho do rei. Aprendi bem estes detalhes, para regular a minha conducta nas graves questões que tinha a tratar.

Logo de manhã, fui avisado de que o rei Lobossi me esperava.

Larguei os meus andrajos, e vesti o unico vestuario que já possuia, dirigindo-me em seguida á grande praça onde devia ter logar a audiencia.

Elle estava sentado em uma cadeira de espaldar, no meio da grande praça, e por detraz d'elle um negro fazia-lhe sombra com um guarda-sol.

Era um rapaz de 20 annos, de estatura elevada, e proporcionalmente grosso.

Vestia um casaco de casimira preta sobre uma camisa de côr, e em logar de gravata, trazia ao pescoço um sem-numero de amulêtos.

As calças eram de casimira de côr, e deixavam vêr as meias de fio de Escocia, muito alvas, e o sapato baixo bem lustrado.

Um grande cobertor de listas multicolôres em guisa de capote, e na cabeça um chapéu cinzento ornado de duas grandes e bellas pennas de avestruz, completavam o traje do grande potentado.

Na mão um pedaço de madeira lavrada, ao qual estavam presas muitas clinas de cavallo, servia-lhe para enxotar as moscas, acção que elle fazia com toda a gravidade.

À sua direita, em cadeira mais baixa, estava sentado o Gambela, e na frente os tres conselheiros. Um mil pessoas sentadas no chão em semi-circulo, deixavam perceber a sua jerarchia pelas distancias a que estavam do soberano.

Á minha chegada o rei Lobossi levantou-se, e logo em seguida os conselheiros e todo o povo. Troquei um apertar de mão com elle e com Gambela, abaixei a cabeça a Matagja e aos outros dois conselheiros, e sentei-me junto a Lobossi e a Gambela.

Depois de uma troca de cumprimentos e de finezas, que mais pareciam de uma côrte Europeia do que de um povo barbaro, eu disse ao rei, que não era negociante, que vinha visital-o por ordem do Rei de Portugal, e que tinha a fallar-lhe em assumptos que não podiam ser tratados alli diante de tão numerosa assembléa.

Elle respondeu-me que sabia e comprehendia isso, e que a recepção que me mandara fazer na vespera e a que elle mesmo me fazia alli, me mostravam que eu não era confundido com um negociante qualquer; que eu era seu hospede, e teriamos tempo de fallar em negocios, porque elle esperava ter a felicidade de me possuir algum tempo na sua côrte. Depois de me dizer esta amabilidade, despediu-se de mim, que voltei a casa abrasado em febre.

No meu pateo encontrei trinta bois, que o rei me mandava de presente.

Disse-me o escravo favorito de Lobossi, que seria delicado da minha parte, mandar matar os bois, e offerecer a melhor perna de boi ao rei, e dar carne á gente da côrte.

Dei ordem a Augusto para fazer isso, e houve logo uma carnificina enorme, sendo todos os bois mortos, e a sua carne distribuida entre os meus carregadores e a gente da côrte, tendo o cuidado de mandar ao rei e aos quatro conselheiros a melhor parte, cabendo ainda assim o melhor quinhão a Gambela, a quem fiz notar a distincção que fazia.

As pelles, que alli são muito estimadas, offereci eu a Matagja e Gambela.

Pela 1 hora, fui recebido pelo rei em audiencia particular, em uma casa tambem semi-cilindrica, mas de grandes dimensões, que não contava menos de 20 metros de comprido por 8 de largo.

Lobossi estava sentado em uma esteira, e em frente d'elle os quatro conselheiros occupavam outra, de companhia com alguns fidalgos, entre os quaes estava um velho vigoroso, cuja physionomia sympathica e expressiva me impressionou. Era Machauana, o antigo companheiro de Livingstone, na viagem que o celebre explorador fez do Zambeze a Loanda, e de quem elle falla, no seu roteiro com tanto elogio.

Uma enorme panella de quimbombo foi collocada no meio da casa, e depois de o rei ter bebido, beberam todos com profusão, e nem me offereceram, sabendo que eu só agua bebia.

Conversamos sobre cousas indifferentes, e eu entendi não dever fallar-lhe ainda dos meus negocios. Entre outras cousas, fallamos a respeito de linguas differentes, e Lobossi pediu-me que fallasse um bocado em portuguez, para elle ouvir. Recitei-lhe as *Flores d'Alma* do poema D. JAYME, e os pretos ficaram encantados ao escutar a harmonia da nossa lingua, que o mimoso e grande poeta, Thomaz Ribeiro, soube imprimir e fazer resaltar n'aquellas estrophes singelas.

Quando eu ia retirar-me, o rei disse-me baixo, de modo que ninguem percebeu, que lhe fosse fallar depois de ser noite fechada.

Pouco depois de eu chegar a casa, appareceu-me alli Machauana, com quem conversei sobre Livingstone, e que me fez os maiores protestos de amizade.

Á noite, pelas 9 horas, fui á morada do rei. Elle estava n'um dos pateos interiores, sentado em uma esteira, junto a um grande fogo, que ardia n'uma bacia de barro de dois metros de diametro. Na sua frente, em semi-circulo, uns 20 homens, armados de azagaias e escudos, conservavam a maior immobildade e silencio.

Pouco depois de eu chegar, chegou o Gambela, e começou a nossa conferencia.

Eu principiei por lhe dizer, que tinha sido obrigado a deixar no caminho os ricos presentes que lhe trazia, mas que, ainda assim, tinha podido salvar algumas pequenas coisas que lhe daria, e entre ellas uma farda e um chapéu, que lhe apresentei logo.

Era uma d'essas fardas ricamente agaloadas, que toda Lisboa viu aos lacaíos postados nas ante-camaras do Marquez de Penafiel, e que foram vendidas quando o opulento fidalgo trocou a sua residencia luxuosa de Lisboa, pelo viver mais buliçoso da capital da França.

Lobossi ficou encantado com a farda e com o chapéu armado, e fez-me mil agradecimentos. Depois de uma pequena conversa sem importancia, entramos em assumpto.

No Barôze fallam-se tres linguas. O Ganguela, a lingua Luina, e o Sezuto, idioma deixado alli pelos Macololos, que modificaram os costumes d'aquelles povos a ponto tal, que até lhes implantaram a sua lingua, que é a lingua official e elegante da côrte.

Era n'este idioma que fallavam Lobossi e Gambela, servindo-me de interpretes Verissimo e Caiumbuca. Eu disse ao régulo, que vinha da parte do rei de Portugal (o Moeneputo), nome pelo qual sua Magestade Fidelissima é conhecido entre todos os povos da Africa Austral, e que é formado por duas palavras—*Muene*, que quer dizer rei, e *Puto*, nome dado em Africa a Portugal. Disse-lhe, que o meu fim principal era abrir caminhos ao commercio, e que estando o Lui no centro de Africa, e já em communicação com Benguella, desejava abrir o caminho do Zumbo, e assim um mercado muito mais perto, onde elles poderiam ir abastecer-se dos generos Europeus de que precisassem.

Elle queixou-se muito da falta que nos ultimos tempos lhe havia feito o não virem alli negociantes de Benguella, não me occultando que, entre outras coisas, estava sem polvora. Eu respondi-lhe, que elles viriam, se com elles fizessem bons negocios, e que eu lhe podia affirmar que o Mueneputo estava disposto a proteger o commercio com elle, se elle se compromettesse a não consentir nos seus estados a compra e a venda de escravos.

Não lhe occultei a falta de meios com que eu lutava, e mostrando-lhe o desejo e empenho que tinha em abrir o caminho do Zumbo, prometti-lhe, se elle me coadjuvasse na empresa, fazer-lhe chegar de Tete, no menor tempo possivel, a polvora e mais artigos de que elle carecia.

O Gambela, homem intelligente e fino diplomata (tambem os ha pretos), quiz por vezes arredar-me, mas eu não sahia da verdade e da logica, e elle foi vencido.

(Continua.)



Paisagem — UMA CASA NA ILHA MAPOR

VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

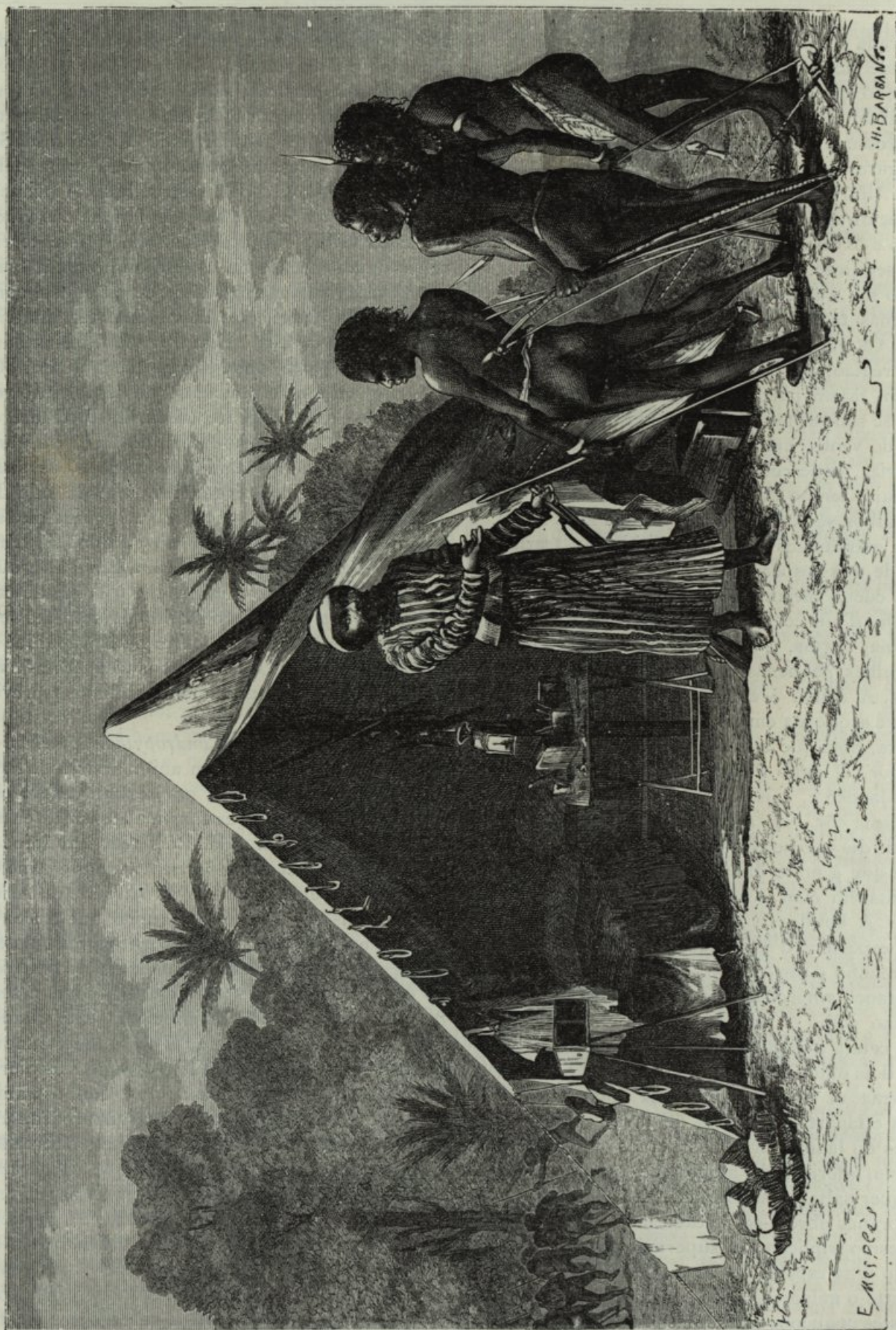
ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuação da folha 7 — 3.º anno)

FHEGAVAM até a concertar as conchas com terra ou rezina para m'as trazerem. Entre o grande numero traziam-me insectos muito notaveis, cuja proveniencia era por mim conhecida; tinham-os agarrado em troncos

d'arvores recentemente cortados, cuja seiva, repentinamente detida na sua circulação, atravessa a casca que secca a um sol ardente.

A existencia de cortes nas florestas pouco distantes era-me assim tão evidentemente de-



PIRATAS BIAKS NA ILHA MAFOR

monstrada como se os vira, mas a esse respeito não pude alcançar informação alguma. Compreendendo que para me vender os insectos me occultavam a sua proveniencia offereci pagar uma grossa somma a quem me conduzisse a esses logares. Advinhára.

Os Alfuros, seduzidos pelas minhas promessas, decidiram deixar-me penetrar nos seus dominios e o dia da minha visita foi fixado para o dia seguinte.

Não me traziam unicamente insectos e conchas, mas tambem (e sempre vivos) animaes e reptis. Os mamiferos pertenciam, como todos os d'esta região, á familia dos marsupiaes, de que tambem fazem parte a sarigueia e o kanguru. Como se sabe as femeas dos marsupiaes têm debaixo do ventre um sacco contendo as glandulas mamarias, onde recebem os filhos e os recolhem por muito tempo. Não é rhetorica o dizer-se que estes filhos se refugiam no seio das suas mães.

Os marsupiaes que em Korido me traziam eram de duas especies: os *cucus* e *belideas*.

Os *cucus* variam, segundo a idade, entre o tamanho d'um coelho e os d'uma raposa; têm as pernas curtas, a cabeça grande e arredondada, orelhas pequenas e grandes olhos avermelhados. A cauda é comprida, quasi sem pello, aspera e arqueada em espiral; é uma cauda prehensora, pois que este animal é essencialmente trepador. O pello é curto, muito espesso, um pouco lanoso e, coisa curiosa, não ha dois *cucus* da mesma côr. São animaes nocturnos que dormem de dia enroscados em cima d'um ramo d'arvore e que á noite dão os seus passeios para se alimentarem com a polpa d'alguns fructos selvagens. A *belidea*, a que os naturalistas dão o nome especifico d'Ariel, é um gracioso animal, do tamanho d'um punho, côr de rato nas costas, branco amarellado no ventre, com um pello tão fino como o velludo mais fino, com uma longa cauda e uma formosa cabeça em que brilham dois olhos negros e inteligentes. Tem uma conformação singular que eu já notára nos esquilos e lagartos voadores de Java: a pelle dos flancos do lado interno das pernas continúa até á parte inferior, de modo que quando o animal quer saltar, estende as quatro pernas e as membranas abrem-se de cada lado, duplicando, ou mesmo triplicando a superficie do corpo, formando uma especie de para-quedas, o que lhes permite o galgar espaços consideraveis.

Estes pequenos marsupiaes tão bonitos, como extraordinarios, são tambem nocturnos; de dia

vivem em cima dos coqueiros, cujo fructo lhe dá abundante alimentação.

O numero dos reptis era grande, as suas fórmas e côres variadas. Ainda não vira paiz em que as serpentes fossem mais numerosas. Só mencionarei duas, as mais notaveis, uma pela sua feeldade, outra pela sua belleza. A primeira (*Acantophis cerastinus*) é da familia das viboras e basta-lhe isso para se saber que é terrivel: é uma serpente do comprimento d'um braço, ás vezes menos grossa do que um pulso, com cauda muito curta, que de repente termina em ponta; a sua cabeça é chata, grande, triangular, grossa no pescoço, onde parece que junto dos ouvidos se sentem as vesiculas que despejam o veneno n'esse maldito dente, comprido, forte, acerado, que leva a morte ao individuo em quem abre ferida. Para augmentar-lhe a feeldade, as suas arcadas supriciliares erguem-se de cada lado da cabeça, por cima dos olhos, n'uma lamina que se assemelha á base d'um corno partido, faz lembrar a vibora cornuda d'Africa, a cerasta, o que valeu á vibora papú o dar-se-lhe o nome de cerastina; a sua côr é d'um pallido livido. Esta serpente existe por toda a parte na Nova-Guiné e nas ilhas visinhas. Os indigenas trouxeram-m'as muitas vezes, mas geralmente tinham o previo cuidado de as matar.

A outra serpente (*Condropython pulcher*) é por bastantes motivos um animal curioso. Primeiro para o naturalista, por ser um genero especial da Papuasias e que fórma a transição entre o antigo e novo mundo, pois tem simultaneamente os caracteres das serpentes boas d'America e das serpentes pythons da Africa e da Asia.

É preciso todavia não se julgar que é, como as boas e as pythons, uma serpente monstruosa; não tem mais d'um metro e cincoenta centimetros de comprimento; mas em quanto a côres é sem duvida um dos reptis mais bellos (tanto quanto uma serpente pôde ser bella). Quando é nova é d'um vermelho côr de tijolo com malhas hiéroglyphicas muito carregadas; depois com os annos torna-se amarella e as malhas desaparecem; em seguida toma uma côr d'um verde assombreado, e emfim quando está completamente feita é azul com tons d'aço. Posto que a cabeça tenha um terrivel aspecto, que principalmente deve á particularidade curiosa (as escamas que lhe debruam os labios formando covas retangulares) este reptil não é venenoso; é commum na Nova-Guiné, posto que mais raro do que o antecedente, e foi principalmente em Korido que eu encontrei es-

sas variedades multicolores das serpentes novas.

O dia prefixado para a excursão á povoação Alfuros chegára e eu parti de manhã cedo n'uma piroga com os meus dois caçadores malaios e com dois Papús de Korido.

As aberturas feitas na floresta que encontrei eram já d'antiga data; as arvores estavam desde muito seccas e por isso abandonadas pelos insectos. Dirigi-me para as habitações que me pareciam rodeadas de cortes mais recentes e de que eu apenas estava separado por um pequeno valle.

Mandára Markus caçar para a floresta e conservára commigo William que fallava alguma cousa papú.

Apenas começára a descer o valle, quando todos os indigenas, sahindo das suas habitações, vieram ter commigo, gritando, gesticulando e apondo as suas armas, como para me fazerem signal de parar. Chegando junto de nós explicaram a William que não podiam deixar-me penetrar nas suas novas queimadas, porque a presença d'um branco fazia mal a todas as culturas, que não queriam que eu proprio apanhasse os insectos, que elles se encarregavam d'esse trabalho e que eu lh'os compraria á maneira que elles os fossem apanhando. Tinha de resignar-me ao papel d'espectador e pagador.

Sentei-me n'um tronco d'arvore; puz ao meu lado o sacco com missangas, confiei os meus frascos aos que me pareceram mais intelligentes e esperei.

Toda a população poz mãos á obra. Eu ia-me revoltando contra a ordem dada por elles e aqui e alli ia apanhando alguns escarabeos. Felizmente os meus frascos e tubos iam-se enchendo á medida que o sacco das missangas se esvasiava; no fim de duas horas d'este exercicio, possuindo cada um dos meus caçadores improvisados um bello collar de missanga azul celeste, declararam-me que estavam cançados e que iam para casa comer. Julguei então poder eu mesmo entregar-me á caça dos insectos e abusei: os Papús instaram para que eu me fosse embora com o pretexto de que, se eu me demorasse, lhe roubaria todos os fructos.

Chamei Markus com um tiro d'espingarda; não tinha podido embrenhar-se pela floresta por estar por toda a parte o solo eriçado de pequenas hastes de bambu aguçadas. Os Papús só voltaram para as suas cabanas, quando nos perderam de vista.

Quando cheguei a Korido, soube uma noticia

bem desagradavel. Os Papús, que tripulavam a nossa pequena piroga, tinham, apesar das minhas ordens, teimado em ficar em Sowek para negociar; tinha tido uma discussão muito acalorada com os habitantes; palavras mal soantes mesmo para ouvidos Papús tinham sido trocadas; tinham mesmo chegado a provocar e os Papus de Sowek muito irritaveis, muito sanguinarios, já não fallavam senão em degolar no dia seguinte os Papús Mafors.

Eu teria deixado que os Papús regulassem entre si as suas discordias, se não receasse que este triste acontecimento tivesse para nós perigosas consequencias. Se viessem ás mãos, naturalmente eu teria de intervir efficaçmente. Só tinhamos quatro espingardas e seria necessario lutar com muitos inimigos para esperar sahir vencedor. Procurei apasiguar o sanadi de Korido, fazendo-lhe entrever que em caso de conflicto, eu seria obrigado a deixar a povoação antes que todas as minhas mercadorias tivessem passado a ser propriedade sua.

Brouss estava tão inquieto como eu pelo presente e pelo futuro. Receiava que se os Mafors fossem assassinados em Sowek as suas familias de Mansinam lhe pedissem contas do sangue derramado. Seu filho e seu cunhado estavam tambem em Sowek.

Combinou-se d'accordo com elle e com o sanadi que dois mensageiros, um Mafor e um habitante de Korido, iriam a Sowek para tentar socegar o caso e apasiguar por bem, ou á força, os nossos turbulentos Papús. Partiram. Esta embaixada pareceu produzir bom resultado; os espiritos socegarão, mas os nossos Mafors não vinham e, no dia seguinte, soubemos que tinham havido novas injurias e novas ameaças. Brouss foi a Sowek e conseguiu trazer seu filho e seu cunhado; mas um Mafor, chamado Sowoki, sob a influencia dos vapores embriagantes do vinho de palma, continuava sempre a insultar e a provocar os habitantes de Sowek que tinham chegado aos paroxismos da colera.

Talvez uma unica cousa, o medo das nossas espingardas, lhe detivesse as mãos promptas a retezar o arco. Pedi ao sanadi de Korido que fosse em pessoa a Sowek, que prendesse Cosvowi e m'o trouxesse de pés e mãos ligados; o sanadi recusou-se, dizendo-me que para me ser agradavel ainda ia tentar um ultimo esforço. Mandou buscar um comprido bambu, nas duas extremidades do qual atou dois bocados de rotim em que deu em cada um vinte nós.

«Isto, disse elle, representa outros tantos guerreiros. Apresentar-se-ha a Sowowi o bambu sem que elle saiba o numero dos nós. Se elle é tão valente como o apregõa, acceitará o desafio que lhe fazem quarenta dos nossos homens, e, esmagado pelo numero, morrerá. Se recusa é um covarde que expulsaremos ignominiosamente.»

Conhecendo a covardia dos Mafors, esta provocação directa dava-me as maiores esperanças. Os acontecimentos tomavam uma fôrma mais legal, que me fazia esperar que, mesmo no peor dos casos, podia ser circumscripto. Esperei toda a noite ancioso; mas as minhas esperanças não foram illudidas; no dia seguinte Sowowi che-



O INTERIOR DA ILHA KORIDO

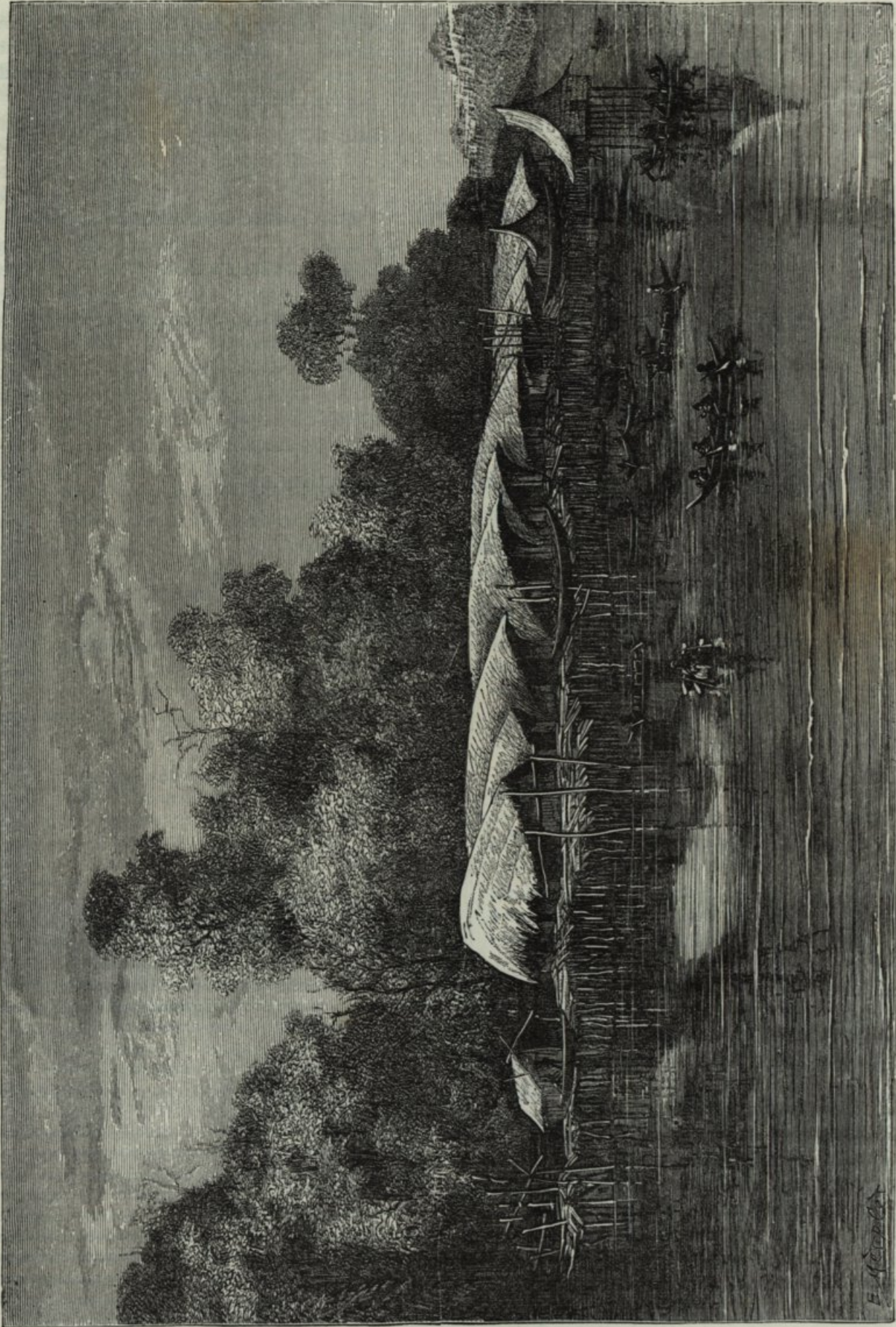
gou perseguido pelas vaias e chufas dos habitantes de Soweik; quiz apresentar-se-me, mas Brouss e todos os outros Mafors justamente irritados deram-lhe o porão do prao para prisão.

Eu, ficara satisfeitissimo com este desenlace pacifico, pois que os insulares de Soweik e de Korido eram terriveis decepadores de cabeças. Por toda a parte se viam craneos humanos pendentes das cabanas, as pequenas ilhas deshabitadas estavam, diziam, todas cobertas.

Com o fim d'enriquecer as colleções anthropologicas dos nossos museus annunciara que compraria todos os craneos que me quizessem vender e isto tornou-se immediatamente o objecto d'um commercio importante. Estes Papús

não se contentavam em trazer-me o que pessoalmente tinham conquistado com as suas armas, roubavam uns aos outros os tropheus e eu era obrigado a ser muito escrupuloso nas compras, afim de não ser um receptador de furtos, o que me teria criado grandes difficuldades.

Um dia trouxeram-me uma piroga completamente cheia de craneos; mas o vendedor parecia tão apressado em se desfazer da mercadoria e era tão pouco exigente no preço que me inspirou suspeitas. Depois descobriu-se que elle roubára todos estes craneos e o sanadi pediu-me que os não comprasse, porque isto poderia dar logar a uma guerra entre as duas povoações, e o menos que me poderia acontecer era ter de os



POVOAÇÃO LACUSTRE EM SOWEK

1874

entregar ou de os comprar duas vezes; tive, bem apesar meu, de mandar embora o ladrão e a mercadoria.

É curioso observar que estes homens, que não têm o maior escrupulo de matar um homem para o decapitar, têm pelos seus tropheus

um religioso terror; nunca n'elles tocam; só me apresentavam os craneos na extremidade d'um pau ou d'uma corda e todos estremeciam, quando eu lhe pegava com as mãos.

(Continua.)

MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1593-1631

TERRAS E MINAS AFRICANAS

SEGUNDO

BALTHAZAR REBELLO DE ARAGÃO

(Continuação da folha 8 — 3.º anno)

FOMTUDO, quando se considera na ousadia do intento que não deixou de corresponder hoje ainda, com todos os recursos de quasi tres seculos de civilização e de sciencia, a um dos feitos mais asperos e gloriosos que pôde realisar o *branco*; quando se reflecte em que aquelles homens não podiam já crear-se grandes illusões ácerca do extensissimo caminho a percorrer e da terrivel selvageria a atravessar, e que elles proprios, a pequena distancia, relativamente da costa, sentiam duramente o que valia a resistencia, a força, a perfidia do gentio, a hostilidade do clima, a difficuldade de uma vida mediamente confortavel e segura; quando, enfim, se pensa que elles desarmados dos conhecimentos que hoje nos desafogam o espirito e nos attenuam, se não supprimem, o terror do desconhecido, se sentiam, pelo contrario, dominados pela superstição das lendas e do maravilhoso que lhes exaggerava os perigos: inclinâmo-nos naturalmente a admirar a grandeza, a energia, a potencia enorme da vontade, da bravura e do esforço do homem, o que nos salva de nos julgarmos profundamente decadentes, assombrados pela rija tempera e pela extraordinaria ousadia dos nossos antigos.

Embora se malograsse a tentativa, Balthazar Rebello fornece-nos informações preciosas, e através da sua rude linguagem revela-se um espirito

investigador e sensato e um caracter firme e independente de verdadeiro explorador.

Até onde foi elle?

Não antecipemos hypotheses.

Os quatro documentos interessantissimos que seguem existem no archivo da Ajuda.

I

1618 ¹

Angola—O Coanza—Mochima—Massangano—Cambambe—Ilamba—Administração e fazenda publica—Quiçama—Minas de sal—Fertilidade do solo—As feiras de escravos—Abusos dos governadores—Pinda (*Congo*)—Comercio no Zaire—Benguella—Minas de cobre—Tentativa de travessia—O sertão—Minas de prata—Povos diversos—Informação de um grande lago—Missões religiosas—Os lacos.

Ex.^{mo} sr.—O reino de Angola de que v. ex.^a quer saber algumas cousas assim da terra e sitio

¹ A determinação das datas dos documentos é feita pelas proprias indicações d'elles, tomada a base de 1593 que n'um é indicada como a data da chegada a Angola de Balthazar Rebello de Aragão. Já o observámos na nota prefacial. Devemos acrescentar que intencionalmente pomos todos os documentos—estes e os que se seguirem na publicação—em linguagem corrente de hoje, evitando apenas qualquer alteração syntactica ou orthographica que possa induzir duvida.

d'ella como da guerra e governo e outras cousas notaveis e curiosas que n'elle ha, darei a v. ex.^a larga informação pela muita experiencia que do dito reino tenho por me haver creado na conquista d'elle de onde ha vinte e cinco annos assisto.

Está o dito reino em altura de 8^o da parte do sul.

Tem de costa de mar entre o reino do Congo, que fica da parte de norte, e Benguella, que está da parte do sul, 50 leguas e terá de leste oeste, pela terra dentro, 150 leguas, de sorte que em si é reino pequeno mas mui rico e fertil de mantimentos e minas de metaes.

Divide a este reino do reino de Congo um rio a que chamam Damge¹, e outro rio a que chamam Longa² divide o reino de Benguella.

Pelo meio d'este reino desce o rio Coanza, rio mui caudaloso e que todo o anno se navega até á fortaleza de Cambambe que está no fim d'elle, não que até agora lhe saibamos ter fim, mas por que d'qui para cima não se pôde passar, por respeito da grande caida que aqui faz a agua, a qual é tão grande que do fumo e vapor que aqui faz a agua e de si lança para o ar se faz n'elle uma espessa nuvem de nebrina, a qual tornando a descer, sendo a agua do rio muito excellente,

¹ Segundo Capello e Ivens, *Dange* é uma das grandes divisões actuaes da Ginga ou Jinga, ou talvez melhor Nginga: Dongo, Dange e Matamba, e de um rio que, ou dá, ou recebe, o nome d'aquella região. É naturalmente denominação generica. Encontramol-a no districto de Pungu-á-ndongo (Pungoandongo), em Candange e Dange Aquilombo, nascentes ou depositos de agua d'aquelle presidio. Ngola-a-Nginga é o nome que João Vieira Carneiro dizia em 1848, que se dava á Jinga, e tambem Dongo. Segundo Carneiro, o rei Ngola (de Angola) senhoreava as terras da margem sul do Nzenza (Bengo) até ao Longa, e observam Capello e Ivens que o actual potentado da Jinga ou Nginga se intitula ainda Ngola Quilluange Quiassamba. Parece chamar-se Calunga N'Dombo Acumbo. Em 1837, por occasião da nossa campanha contra a Nginga, um soba Quilluange Quiassama, Cas-samba, ou Quilluange Quiassamba tinha a sua nbanza onde hoje está o nosso presidio do Duque de Bragança. Em 1847 o commandante Vicente José Duarte, dava-o estabelecido nas terras do chamado districto do Porto Novo, juncto do rio Colle. Era simples sova, poderoso e irrequieto, mas não rei da Nginga; dizia-se porventura *Muco* ou *Mona-Ngola-Quilluange-Quiassamba*, titulo da sua dignidade ou cargo. D'aqui, a confusão, naturalmente.

Nas terras de Quibungo, região de Caconda, encontrou tambem a ultima expedição portugueza uma Ngola!

² Desemboca em 10^o 19' 30" S. e 22^o 39' E. segundo Castilho.

esta se converte em fino salitre pelos penhascos do dito rio¹.

Está a bôca d'este rio 14 leguas da cidade de S. Paulo de Loanda, em a costa brava, de sorte que para se ir entrar por elle, saem ao mar largo, e vão entrar n'elle como quem vae ao rio de Setubal. Navega-se 60 leguas, que é até á fortaleza de Cambambe. N'elle ha tres fortalezas que hoje provê Sua Magestade.

A primeira que estará 30 leguas do mar se chama Maxima, que eu mesmo fiz á minha custa sendo governador João Furtado de Mendonça².

A segunda que é Masangano, estará 50 leguas pelo rio arriba da parte do norte; foi posta pelo primeiro governador d'aquelle reino Paulo Dias de Novaes; está entre este rio Coanza e outro que se vem metter n'elle a que chamam Lucalla, e como fica na ponte e península d'estes dois rios, é cercada de alagoas, é muito forte e não pôde ser cercada nem lhe podem tolher o socorro, mas é muito enferma por respeito dos paús e alagoas que a cercam³.

¹ Em 1866 dizia Castilho: «É ainda desconhecida por muito entranhada pela Africa a dentro a nascente d'este caudaloso rio; sabe, porém, que na sua barra não podem entrar embarcações que demandem para cima de 3 metros de agua, por causa dos muitos bancos aliás movediços formados successivamente pela alluvião do rio... Embarcações pequenas podem, sendo bem pilotadas, subir pelo Coanza até Cambambe que fica a umas 50 leguas da foz; mais para cima começam as grandes cataractas onde a agua se despenha de altissimos rochedos, todavia passadas ellas torna o rio a ser navegavel, mas só por canoas, etc.»

Hoje as nascentes e curso do Coanza estão determinadas, e como teremos occasião de reproduzir narrativas e descrições de diversas datas, em relação a este rio, limitar-nos-hemos por agora a convidar o leitor a consultar a bella obra em publicação de Capello e Ivens.

² João Furtado de Mendonça foi nomeado por carta regia de 11 de outubro de 1593, chegou a Loanda em 1 de agosto de 1594, e terminou o seu governo em 1602, tendo sido nomeado em 30 de janeiro de 1601 o seu successor João Rodrigues Coutinho. Muxima foi fundada em 1595. O *Catálogo dos governadores* e as *Memorias* de Feo, teem muitos erros de data.

³ Masangano ou Massangano, foi fundado nos annos de 1580 a 1583, primeiro em Mucunde e depois onde hoje está. Dizia em 1847 o commandante do presidio, n'uma pequena memoria que havemos de publicar: «...acha-se situado em uma lingua de terra entre os dois famosos e ferteis rios Lucalla e Coanza, dez leguas acima de Muxima e 40 distante da capital.» Na igreja matriz de Nossa Senhora da Victoria foi sepultado Paulo Dias de Novaes.

Comparem-se as indicações descriptivas de Balthasar Rebello com as que modernamente possuímos e ver-se-ha a exactidão do nosso antigo explorador.

A fortaleza de Cambambe dista d'esta 12 leguas pelo rio arriba da mesma parte do norte, está em uma serra mui alta no fim da navegação do rio; é mui san e de bons ares, e mui forte por natureza e quebradas que a defendem; pôde ser cercada ao largo e o soccorro ser-lhe trabalhoso por ir n'aquella parte o rio estreito e entre montes mui altos, mas não difficultoso de se lhe dar em todo o tempo.

Esta é a melhor fortaleza que por ora tem Sua Magestade no dito reino, assim por ser mais saudavel como porque estando mais pela terra a dentro gosa mais dos fructos e proveitos da terra.

Estas duas fortalezas, Masangano e Cambambe, estão na comarca em que el-rei de Angola tem sua côrte que se chama o Mosseque, e sem passar nem um rio se pôde lá ir ¹.

A de Masangano estará 20 leguas da côrte e Cambambe 14; são terras mui povoadas e ricas de mantimentos e metaes.

Bento Banha Cardoso, sendo capitão mór do dito reino, poz um presidio pelo rio Lucalla acima, 7 ou 8 leguas ao travez de Masangano, em a provincia a que chamam Ilamba; este presidio não tinha mais defeito que estar afastado do rio, mettido algum tanto pela terra dentro, de sorte que lhe será o soccorro trabalhoso e elle estava por este respeito arriscado; poderase remediar com o retirar ao longo do rio e pol-o em parte de onde por agora podesse ser soccorrido que ha para isso mui bons sitios ².

O governador Luiz Mendes o retirou de sorte que o metheu mais de 10 leguas pela terra dentro e mui pegado à côrte de El-Rei, por onde em nenhuma maneira se pode conservar, sem muito gasto da fazenda de Sua Magestade, porque ha de andar sempre gente em campo para se sus-

tentar e não a havendo logo é perdido, e se nós o havemos de perder ou largar com necessidade, melhor é logo, pois não é de mais effeito que de proveito para o governador que o gosa.

Todos estes presidios não rendem nada a Sua Magestade, nem ha n'elles cousa que tenha nome real porque tudo levam os capitães e governadores, podendo render muito e serem de muito rendimento à fazenda de Sua Magestade se se dessem os Sovas aos conquistadores com pensão para a fazenda de Sua Magestade, ou se arrendassem por conta de Sua Magestade, porque é muita a fazenda com que contribuem aos governadores e capitães, e tudo isto se sonega e não ha carregar nada nos livros reaes.

E os ditos Sovas são roubados e mal tratados, porque como são pessoas poderosas os que os gosam, não querem fructos da terra senão escravos que elles pagam de mámente por lhes serem trabalhosos de haver.

Em a provincia da Quissama, da parte do sul do rio Coanza, estão umas minas de sal onde chamam Adenda, e se os governadores quizeram pôr um presidio sobre ellas, como já esteve em tempo de D. Jeronymo de Almeida, foram de muito proveito à fazenda de Sua Magestade, porque, sómente com os quintos do sal que os naturaes da terra tiram, se podem pagar todos os gastos da conquista: é o melhor dinheiro d'aquelle reino. Vale cada pedra de sal 200 réis, o qual se tira debaixo do chão um estado, em pedreiras que d'elle ha no dito sitio, que é mais de 10 leguas, e todo se lavra ao picão e corre por diversos reinos por moeda corrente; está afastado este logar 12 leguas da costa do mar e outras tantas do rio Coanza, pelo qual se leva aos presidios ¹.

(Continua.)

¹ Retirando diante dos portuguezes o rei de Ngola estabelecera a sua residencia em um sitio do Dongo, a que chamam as primeiras narrações dos conquistadores Cabassa e Cabanza. Era, como observa João Vieira Carneiro, onde hoje temos o presidio Pungu-á-ndongo (Pungoandongo) que os indigenas chamam tambem Mu-Nbanza-ia-Cabaça, o que significa: «na Nbanza segunda» ou segunda côrte (residencia). *Pungu* significa grande idolo e *Ndongo*, grande logar. *Mosseque*, ou *Musseque*, é palavra correspondente ainda hoje a vivenda de recreio ou de campo.

² Bento Banha Cardoso foi governador interino de Angola de 1611 a 1615. O presidio que fez na Lamba (Ilamba) em 1614 foi o que Luiz Mendes de Vasconcellos em 1616 transferiu para Embaca ou Ambaca, ou mais propriamente Nbaka (que significa comitiva, equipagem, segundo Vieira Cardoso), na opinião de Lopes Lima e de outros.

¹ Quiçama é melhor orthographia, segundo a pronuncia mbunda e a indicação de Vicira Carneiro. Adenda, como dizem Balthasar e quasi todos, ou Demba, como escreve Pigneiro de Lacerda, o novo conquistador da Quiçama (1784), é Ndemba. No tempo de Lacerda, o soba dominante era «Calculo Caquimone» como veremos. Em 1848, Carneiro chama-lhe Muene Ndemba, que significa sómente senhor de Ndemba, como Calculo tem por significado «o velho». correspondente a «Século.»

Lopes Lima transcreve este periodo da *Memoria de Rebello*, nos seus *Ensaio*s, notando que *um estado* na lingua-gem do tempo significava a altura regular de um homem, ou pouco menos que uma braça. *

* O final d'esta nota vac no numero seguinte.



MR. E MADAME COILLARD — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo uma photographia

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNÓGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuação da folha 9—3.º anno)

NO FIM de muito discutir, ficou decidido, que o rei Lobossi mandaria uma comitiva a Benguella, para guiar a qual eu lhe daria um homem de confiança, com cartas para o governador, e para Silva Porto, e que elle me daria a gente de que eu precisasse para ir comigo ao Zumbo.

Era uma hora da noite quando eu me retirei, e ainda que sempre desconfiado de pretos, não posso deixar de confessar que me retirei satisfeito.

O dia foi todo muito occupado, e depois de á uma hora me recolher, sobreveiu-me um enorme accesso de febre.

Levantei-me muito doente no dia seguinte, e mandei logo Quimbundos e Quimbares construir um acampamento meio kilometro ao sul de Lialui, para o que obtive auctorisação do rei.

Pelas 10 horas, fui visitar Lobossi, que encontrei n'uma grande casa circular, cercado de gente, e tendo diante de si seis enormes panellas de capata. O meu Augusto, Verissimo, Caiumbuca e a gente do regulo, dentro em pouco estavam bebados a cahir, e ninguem se entendia alli. Eu voltei a casa, e tive de deitar-me, de tal modo me recresceu a febre.

Foi immensa gente visitar-me, e como eu não tinha remedio senão ouvir uns e outros, porque aquelles negros não tem a menor consideração por um doente, peiorei muito.

Lobossi mandou-me seis bois, cuja carne foi toda furtada pela gente d'elle, porque a minha estava longe construindo o acampamento, e Augusto, Verissimo e Camutombo completamente bebados, não quizeram saber d'isso.

No dia immediato, Lobossi veio visitar-me logo de manhã; eu estava um pouco melhor, mas a febre era constante e não queria ceder aos medicamentos.

Ás 10 horas, Lobossi mandou-me pedir para comparecer diante do seu grande conselho, que fizera convocar expressamente para eu expôr os meus projectos.

Outra vez Gambela, que presidia á assembleia, me quiz embaraçar, e outra vez se sahiu mal. Tive de explicar geographia a Gambela e aos conselheiros da corôa.

Tracei-lhes no chão o curso do Zambeze, e a Leste paralelo a elle o curso do Loengue, que, com o nome de Cafûcué, vae entrar no Zambeze a jusante dos rapidos de Cariba.

Mostrei-lhes que em 15 dias alcançaria a povoação de Cainco, situada em uma ilha de Loengue, e que desceríamos o rio embarcados até ao Zambeze, e por este ao Zumbo.

Affirmei-lhes, que o Loengue não tinha cataractas, e que o Zambeze de Cariba ao Zumbo era perfeitamente navegavel.

Insisti pois n'este ponto, demonstrando-lhes, que apenas uma travessia por terra de 15 dias, que se podia reduzir mesmo a 10 (citando-lhes para isso um facto de uma expedição Luina que, partindo de Narieze, tinha alcançado Cainco em 8 dias), com uma pequena travessia por terra, elles estariam em rapida communicação com os estabelecimentos portuguezes de Leste, por vias fluviaes completamente navegaveis.

O publico estava admirado da minha erudição, e Gambela, que sabia mais geographia Africana do que muitos ministros d'estado Europeus, e que conhecia ser verdade o que eu expunha, cedeu ás razões.

Depois de longa e acalorada discussão foi resolvido que se enviasse a comitiva a Benguella, e que me fosse dada a gente sufficiente para atravessar o Chuculumbe até Cainco, deixando tres ou quatro fortes postos no caminho, para segurar a passagem áquelles que, indo comigo até ao Zumbo, tivessem de regressar. No

fim da sessão houve grande entusiasmo, e foram logo nomeados os chefes que deviam ir a Benguella, e os que me deviam acompanhar.

Voltei a casa com um tal accesso de febre que perdi a razão, melhorando às 6 horas da tarde.

À noute, annunciaram-me a visita de Munutumueno, filho do rei Chipópa, o primeiro rei da dynastia Luina.

Mandei-o entrar, e vi um rapaz de 16 a 17 annos, muito elegante e sympathico.

Trazia uma calça preta e uma farda de alferes de cavallaria ligeira, em muito bom estado. Fez-me profunda impressão vêr aquella farda! A quem teria pertencido? Como teria ido parar ao centro d'Africa?

Talvez alguma viuva necessitada encontrasse na venda d'aquelle objecto, que pertencera a um esposo estremecido, algumas migalhas de pão para matar a fome.

Perguntei a Munutumueno como tinha obtido aquella farda? e elle respondeu-me, que tinha sido presente de um sertanejo Biheno, havia já muito tempo.

Indaguei se não lhe havia encontrado nada nos bolsos, e elle respondeu-me que não tinha bolsos. Uma farda de official sem bolsos, era impossivel.

Pedi-lhe para m'a deixar examinar, e tendo elle desabotoado o peito, effectivamente vi que não tinha bolso alli.

Roguei-lhe que se voltasse e comecei a explorar-lhe os bolsos das abas. Elle estava admirado, porque não sabia que tinha bolsos alli. Em um d'elles os meus dedos encontraram um pequenino bilhete.

Iria saber a quem tinha pertencido aquella farda?

O que conteria aquelle papelinho dobrado que eu tinha diante dos olhos e não me atrevia a abrir?

Cheio de commoção, desdobrei o papel, e vi n'elle algumas linhas escriptas a lapis, que li avidamente.

Não pude conter uma gargalhada.

O papel dizia assim:

«Se lhe não sou indifferente, rogo-lhe o absequio de me indicar o modo de nos correspondermos.»

Por baixo um nome e uma morada.

Sabia de quem fôra a farda.

O nome era o de um dos meus amigos e antigo condiscipulo, que hoje occupa uma distin-

tissima posição n'uma das armas scientificas do exercito portuguez.

Um dia em publico commetti a indiscripção de pronunciar o nome do signatario do bilhete, que eu possuo, e ainda que indiscreto fui, não creio ter de modo algum offendido aquelle nobre official e distincto cavalheiro.

Uma farda que o talento e a applicação ao estudo fizeram trocar por outra, mais distincta; que, abandonada ou dada a algum criado, pela instabilidade das cousas, foi parar ao centro de Africa, creio é cousa que não desdoura ninguem. Em quanto ao bilhete de amores, creio bem que ainda meños o deve vexar.

Infelizes d'aquelles que, aos desoito annos, não escreveram bilhetes assim, e mais infelizes os que depois dos trinta já os não podem escrever.

«Aquillo, meu amigo, foi cousa que um *papá*, ou uma *mamá*, sempre impertinentes em taes casos, te não deixou entregar, ao sahir do theatro ou de um baile, á tua Dulcinea d'aquella noute, ou que a tua timidez dos desoito annos fez recolher ao bolso. Imagino, meu amigo, que te debes ter rido, sabendo que aquelle bilhete esquecido, depois de atravessar os mares, atravessou aquelles inhóspitos paizes, e andou em companhia de um preto no alto Zambeze. É verdade, que, para te consolares, sabes que esse preto era filho de rei.»

N'esta aventura, eu fui o unico tolo, em ter tido pensamentos tristes, á vista do bilhete encontrado no bolso da farda de um alferes de cavallaria, porque logo devia suppôr, que tal bilhete só podia ser um bilhete d'amores.

Um alferes de cavallaria, em Portugal, como em todos os paizes, é sempre um fogacho onde as mariposas vem queimar as azas douradas.

Pensando na proposição que acabo de formular, deitei-me cheio de tristeza, lembrando-me que já era major.

No dia immediato, recresceu a febre a ponto de eu não poder andar. Lobossi foi visitar-me, e levou comsigo o seu medico de confiança.

Era um velho, pequeno e magro, de barba e cabello branco.

Principiou elle por tirar do pescoço um cordão onde tinha enfiado oito metades de caroços de uma fructa qualquer que eu não conhecia. Começou, com grande recolhimento, a pronunciar umas palavras magicas, e atirou com os caroços ao chão. D'estes, uns ficaram com a parte interna voltada para a terra, outros com a ex-

terna. Elle leu n'aquella disposição, concluindo da leitura, que os meus parentes mortos se tinham apossado de mim, e que era preciso dar-lhes alguma cousa para elles me deixarem. Eu aturei tudo com a maior paciencia, fingindo acreditar o que elle me dizia, e dei-lhe um pequeno presente de polvora.

N'aquelle dia o Gambela deu-me um presente de dez cargas de milho e massambala.

Estando concluido o meu acampamento, mu-dei para elle.

No dia 29 de agosto, a febre cedeu um pouco ás fortes doses de quinino que tomei, e senti bastantes melhoras. O meu estado moral é que peiorava de instante a instante.

Tinha alguns momentos de desalento inexplicaveis. A minha energia cedia ante a fraqueza moral que se apossava de mim.

Estava sob o peso esmagador de um terrivel ataque de nostalgia.

O rei mostrava muitos cuidados pelo meu estado, mas cada portador que vinha encarregado de saber da minha saude, era emissario de um pedido cada vez mais impertinente.

N'aquelle dia mandou elle os seus musicos tocarem e cantarem para me entreter, mas mandou em seguida pedir-me dois cartuxos de polvora por cada musico.

N'essa tarde ouvi grandes toques de tambores na cidade, e o rei mandou-me pedir, que mandasse dar alguns tiros na grande praça, desejo que eu satisfiz mandando doze homens dar fogo.

Soube depois que aquillo era uma convocação á guerra, e antes de fallar nos motivos d'ella, di-rei em poucas palavras a historia do Lui, desde o ponto em que ficou narrada pelo dr. Livingstone, isto é, desde a morte de Chicreto.

O imperio, poderosamente sustentado pela mão de ferro, sabia prudencia e fina politica de Chibitano, marcou-se com uma profunda pegada de decadencia no reinado de seu filho Chicreto. David Livingstone, muito grato aos favores de Chicreto, que lhe deu os meios de ir a Loanda e a Moçambique, é talvez bastante suspeito nos elogios que dispensa a este rei; e mesmo na narrativa da viagem que alli fez depois com seu irmão Carlos e o doutor Kirk, não pôde deixar de narrar a desordem e profunda decadencia em que encontrou o imperio Macololo.

Das gentes vindas do sul com Chibitano, isto é, Macololos, poucos existiam já, tendo sido decimados pelas febres do paiz, que nem os natu-raes poupam. A embriaguez e o uso do bangué,

de mistura com os desregramentos dos chefes, tinham feito perder toda a auctoridade aos invasores. Morto Chicreto, succedeu-lhe seu sobrinho Omborolo, que devia reinar durante a menoridade de Pepe, irmão muito mais novo de Chicreto, e filho ainda do Grande Chibitano.

Os Luinas conspiravam, e um dia Pepe foi assassinado. Omborolo não tardou a ter a mesma sorte, e tendo sido ordenada uma *Saint Barthélemi* por os Luinas, os restos d'esse forte exercito invasor foi assassinado, escapando apenas poucos, sob o commando de Siroque, irmão da mãe de Chicreto, que fugiu para Oeste, passando o Zambeze em Nariere.

Os Luinas, depois d'essa carnificina traiçoira, aclamaram seu chefe Chipópa, homem de tino, que não deixou desmembrar o paiz, e procurou conservar o imperio, poderoso como em tempo de Chibitano.

Chipópa reinou muitos annos, mas as ambições appareceram e, em 1876, um tal Gambela fel-o assassinar, e acclamar seu sobrinho Manuanino, creança de 17 annos.

O primeiro acto do poder de Manuanino foi mandar cortar a cabeça a Gambela, que o tinha feito rei, e despresando todos os parentes e amigos do pae que o elevaram ao poder, chamou para junto de si só os parentes maternos. Aquelles conspiraram, fizeram uma revolução, e tentaram assassinal-o, em março de 1878: mas Manuanino, tendo alguns fieis, pôde escapar-se, e fugiu para o Cuando, onde assaltou e devastou a povoação de Mutambanja.

Lobossi, aclamado rei, enviou contra elle um exercito, e Manuanino teve de retirar d'alli, e repassando o Zambeze em Quisqueque, internou-se no paiz do Choculumbé, atravessou este paiz, e foi juntar-se a uns brancos, caçadores de elephantes, que estavam na margem do Cafuque. Lobossi entendeu que a sua segurança dependia da morte de Manuanino, e mandou contra elle um novo exercito. Foi do resultado d'aquella expedição que n'esse dia chegaram noticias.

Chegados perto do logar onde estava o ex-soberano com os brancos, que elles chamam *Muzungos*, intimaram estes a que lhes entregassem Manuanino para o matarem, e como houvesse recusa, elles os atacaram, mas, com tanta infelicidade, que foram completamente batidos pelos brancos, escapando muito poucos, que n'essa tarde chegaram a Lialui a narrar o seu desastre.

Eis aqui o motivo porque os tambores tocavam convocando á guerra, e porque o rei Lobossi

me pediu que mandasse dar tiros na grande praça da cidade.

Já que fallei na historia do Lui, não devo proseguir sem narrar um dos seus episodios mais interessantes, porque se refere a um typo verdadeiramente sympathico.

É Siroque, aquelle Macololo, que, na occasião da Saint Barthelemi dos Macololos, conseguiu escapar com um grupo de gente, passando o Zambeze.

Siroque, intrepido e audaz, caminhou a Oeste até encontrar o Cubango, onde se estabeleceu, vivendo da caça dos elephantes.

Depois subiu o rio até ao Bihé, e fixou-se alli por muito tempo, chegando por vezes a ir a Benguella em comitivas sertanejas. Um dia porém, tendo umas questões em que bateu os que o atacaram, retirou por prudencia para o interior, indo acampar no rio Cuando abaixo do Cuchibi, onde continuou a vida de caçador.

Siroque era intelligente e bravo, e de uma familia que tinha reinado, não podia deixar de ser ambicioso.

Sonhou com o restabelecimento da monarchia Macolola no Lui, e foi-se approximando d'alli pelo Cuando.

Um pombeiro do Bihé, seu amigo e que lhe tinha fornecido polvora, denunciou-o e Manuanino, então aclamado de pouco, fel-o assassinar junto da povoação de Mutambanja, pela mais cobarde traição.

Todos os seus foram victimas, e a azagaia do assassino de Siroque abriu o tumulo ao ultimo dos Macololos

Aquelle dia amanhecido tão bonançoso para o adolescente monarcha, que só via sorrir-lhe a vida, tornara-se de repente sombrio e carregado, envolvido em nuvens de tempestade.

As noticias más succedem-se, e corria o boato de que Lo Bengula, o poderoso rei do Matebeli, projectava um ataque contra o Lui.

Andavam todos desorientados, todos emittiam alvites, todos pensavam loucuras; só dois homens se conservavam serenos no meio d'aquelle povo semi-louco. Eram Machauana e Gambela—Gambela o ministro da guerra, Machauana o general em chefe ¹.

Ordens acertadas e rapidas eram dadas por elles a emissarios fieis, que partiram para povoações distantes.

O que seria de mim no meio dos novos acontecimentos que agitavam o paiz?

Diziam e repetiam, que foram os *Muzungos* que mataram os sicarios de Lobossi, enviados contra Manuanino, e se alli se soubesse que eu era *Mzungo*, estava irremediavelmente perdido. Estes povos felizmente ignoram isso, e pensam que os portuguezes de leste são de outra raça differente dos portuguezes de oeste.

No Lui, os portuguezes das colonias de oeste são chamados *Chiudêres*, nome que lhes dão os Bihenos; os das colonias de leste, *Mzungos*, e os inglezes do sul, *Macuas*. A todo e qualquer preto que vem das colonias portuguezas chamam *Mambares*, de certo corrupção da palavra *Quimbares*, com que são designados os pretos semi-civilisados de Benguella. D'ahi proveio o erro do doutor Livingstone, arranjando a oeste das serras de Tala Mugongo uma raça de *Mambares*.

Os *Quimbares* são pretos de qualquer procedencia, geralmente escravos ou libertos, que já são meio civilisados. São, finalmente, a gente das senzalas de Benguella e as escravaturas dos brancos da costa.

Em Benguella chamam *Quimbundos* ao gentio selvagem do interior, designando com esse nome mais particularmente os Bihenos,

No dia 30, logo de manhã, Lobossi mandou dar-me parte de que se ia fazer a guerra, e dos motivos que a isso o obrigavam.

O emissario foi o proprio Gambela, que me disse logo, que, sendo o Chuculumbe o theatro da guerra, era impossivel a minha viagem por alli e por isso, que tudo o que haviamos combinado estava prejudicado

Aquelles acontecimentos tornavam muito critica a minha posição.

N'essa tarde, estando eu com um novo e violento accesso de febre, vieram prevenir-me de que os pombeiros Bihenos me queriam fallar.

Levantei-me a custo e fui ouvil-os.

Depois de variados preambulos disseram-me que me iam deixar o mau caminho que as cousas tomavam no Lui, e só desejavam voltar ao Bihé.

¹ Noticias do Lui que já recebi na Europa, umas mandadas por o dr. Bradshaw, outras vindas do Bihé, dizem-me que os Luinas, depois da minha estada entre elles, soffreram um cruel ataque de umas tribus do N. E., que o dr. Bradshaw chama Ma Kupi-Kupi. Depois d'isso, Lobossi mandara ma-

tar o Gambela, Machauana, e o joven Munutumueno, filho do rei Chipópa. Corria ha pouco no Bihé, que o rei Lobossi tinha sido assassinado, e já alli havia outro soberano, que as ultimas noticias do sertão, de fonte pouco segura, diziam ser o proprio Manuanino.

Cobardes! Abandonavam-me no momento em que eu mais precisava d'elles!

Miguel, o caçador de elephantes, o pombeiro Chaquiçongo, e dois carregadores, Catiba e um carregador, e o doutor Chacaiombe, vieram protestar-me a sua amizade, e declarar-me que ficavam commigo. Todos os *Quimbares* me vieram fazer egual declaração.

Aquella resolução inesperada dos Bihenos fez-me recobrar o sangue frio que já não tinha ha dias. Augmentavam as difficuldades, era preciso lutar, e eu sacudi o entorpecimento moral que se ia apossando de mim.

Immediatamente despedi os Bihenos, que puz fóra do acampamento, entregando-os ao preto Antonio, o velho Antonio que eu tinha designado a Lobossi para ser chefe e guia da comitiva que elle ia mandar a Benguella.

Fiz em seguida a conta á minha gente, e achei-me com 58 homens.

No dia immediato Lobossi veio a minha casa, e fez-me repetidas exigencias de cousas que eu não possuia, e elle queria por força que eu tivesse e lhe dêsse. Estava cada vez mais importuno. Era uma criança, mas criança impertinentissima. Precisava de uma paciencia sem limites para o aturar.

Lobossi mandou-me chamar n'essa noute. Fui lá, e elle disse-me que a minha viagem pelo Chuculumbe era impossivel, mas que me daria guias e alguma gente para eu tornear pelo sul e ir ao Zumbo.

Disse-me que o boato a respeito dos Matebeles não tinha fundamento, que d'aquelle lado havia paz e elle terminaria facilmente com Manuanino. Queixou-se muito amargamente de eu lhe dar poucas cousas, dizendo que se eu nada mais tinha, lhe dêsse todas as armas e a polvora que possuia, porque, seguindo para o Zumbo com gente d'elle, seria defendido por ella, e não precisava levar tanta gente armada.

Offereci-lhe as armas dos Bihenos que me tinham deixado n'esse dia, e que tive o cuidado de lhes tirar, e sete barris de polvora, mas neguei-me formalmente a dar-lhe uma só que fosse das outras, dos homens que me ficaram, ou das minhas particulares.

Retirei-me pouco satisfeito d'aquella entrevista.

No primeiro de setembro levantei-me muito doente, e depois de ter feito as observações da manhã, tornei a deitar-me, quando o Verissimo entrou espavorido na barraca, e me diz que Lo-

bossi mandara chamar toda a minha gente, e lhe exposera, que eu tinha vindo alli de proposito para me ir juntar aos *Muzungos* que estavam no Cafuque com o Manuanino, e fazer-lhe guerra a elle. Isso estava demonstrado pela minha insistencia em querer ir ao Chuculumbe. N'essa noute fóra elle prevenido dos projectos que meditava, e por tanto, me obrigar a sahir dos seus estados, e só me deixaria livre o caminho do Bihé,

Encarregara elle o Verissimo de me vir fazer a intimação, cousa que em nada me desconcertou o espirito, porque desde a vespera á noute, eu esperava novidade grande.

Mandei chamar o Gambela, mas elle teve o cuidado de fazer com que o não encontrassem em todo o dia.

Um recado que fiz chegar a Lobossi, mostrando-lhe a inconveniencia do passo que dava, porque eu lhe podia fazer muito mal impedindo os sertanejos do Bihé de virem alli, teve por unica resposta novo mandado de despejo, e só livre o caminho do Bihé.

Á tarde, nova prevenção, de que as forças que estavam reunidas para a guerra, não sahiriam sem eu ter deixado o paiz do Lui em caminho de Benguella.

Respondi ao enviado, que dissesse ao rei Lobossi, que dormisse sobre o caso, porque a noute era boa conselheira, e que esperava ainda a sua ultima decisão no dia immediato.

A 2 de setembro, logo de manhã, recebi a visita de Gambela, que vinha da parte do rei ordenar-me que sahisse do seu reino immediatamente, e o unico caminho livre era o do Bihé. Não pôde passar nem por alli, nem por alli, nem por alli, me disse elle, apontando para o N., E. e S.

Contra todos os usos do paiz, o Gambela, em quanto esteve em minha casa, conservou as armas na mão, e eu entretive-me brincando com um magnifico revolver Adams-Colt.

Fingi que meditei a minha resposta, e disse-lhe, «Amigo Gambela, vá dizer a Lobossi, ou tome o recado para si, que eu não arredo um passo d'aqui para seguir o caminho de Benguella. Tem ahi um numeroso exercito, que me venha atacar; eu saberei defender-me, e se morrer, o Mueneputo lhe tomará contas d'isso. Vocês estão indispostos com os Matebeles, ameaçados pela guerra civil levantada por Manuanino indisponham-se tambem com o Mueneputo, e estão perdidos. Outra vez lhe repito, que não

sahirei d'aqui senão para seguir o meu caminho.»

Gambela sahio da minha barraca furioso.

N'essa noite Machauana veio furtivamente visitar-me. Preveniui-me elle de que Gambela aconselhara ao rei para me mandar matar, e que Lobossi se negara a isso terminantemente. O caso foi passado em conselho, a que assistia Machauana, que me fez mil prevenções para estar de sobre-aviso.

A larga conversação que tive com o antigo companheiro de Livingstone, mostrou-me que entre elle e Gambela havia reixa velha. O antigo guerreiro de Chibitano, depois muito afeiçoado ao rei Chipópa, só pensava em vêr occupar o throno do Lui ao filho d'este, seu pupillo e seu protegido, o joven Munutumueno, o meu alferes de cavallaria ligeira.

Tendo podido ler no coração do velho aquelle odio e aquella affeição, considerei-me salvo. O seu poder era grande, porque elle tinha influencia n'uma enorme parte das tribus do Lui, e por isso as azagaias, que tanto ferem alli nas revoluções, o tinham poupado. Fiz-lhe muitos protestos de gratidão, e pedi-lhe que me prevenisse logo que o rei Lobossi determinasse matar-me. Elle prometteu e retirou-se.

Eu fui deitar-me, levando a referver na mente, um plano singelo, que me abstive de comunicar a Machauana, para lhe evitar ideias cubiçosas, que elle não tinha n'aquelle momento.

Resolvi, se acaso Lobossi decretasse a minha morte, chamar cinco dos meus homens mais decididos, uma especie de cães que eu tinha commigo, como eram Augusto, Camutombo e outros, e ir com elles logo á audiencia do rei, onde todos estão desarmados, fazel-os, a um signal meu, saltarem sobre Lobossi, Gambela, Matagja e os outros dois conselheiros intimos, e eu de um pulo acercar-me de Machauana, o general em chefe, o homem que tinha alli acampados dez mil guerreiros, e gritar-lhe bem alto «Viva Munutumueno, rei do Lui, viva o filho de Chipópa!»

Uma revolução feita n'estes termos não podia deixar de dar bom resultado n'um paiz que ama as revoluções, e onde se faria a primeira em que não houvesse uma gota de sangue derramado.

Acalentando este pensamento salvador, adormeci profundamente, para acordar no dia 3, ao chamamento do meu muleque Catraio, que me

vinha prevenir de que Lobossi estava alli, e me queria fallar.

Levantei-me e fui receber o rei. Elle vinha participar-me que tinha mudado de parecer, e que todos os caminhos estavam livres para mim.

Que me daria guias até ao Quisséque, mas que, em vista das cousas que se estavam passando nos seus estados, não podia dar-me força para me seguir, nem se responsabilizava por qualquer desastre que me pudesse acontecer, indo eu com 58 homens apenas.

Agradei-lhe aquella decisão, e declarei-lhe, que tinha por costume, só eu mesmo me responsabilisar pela minha vida, e não tornar ninguém responsavel d'ella.

Antes de se retirar, fez-me muitos pedidos, que ficaram sem satisfação, por não ter nada do que elle queria. Um dos pedidos que me fazia todos os dias, eram o de seis cavallos. Tendo-me visto chegar a pé, e sabendo que eu não tinha cavallos, era impertinencia tal desejo.

Soube depois, que a nova decisão tomada por Lobossi fôra filha de reiteradas instancias do Machauana, que lhe mostrou a inconveniencia do passo que dava, fazendo-me sahir dos seus estados a pesar meu.

No dia 4, de manhã, estando um pouco melhor da febre, fui assistir a uma audiencia do rei, que se mostrou em extremo amavel para commigo. Logo ao nascer do sol, Lobossi sahio dos seus aposentos, e ao som de marimbas e tambores dirige-se á grande praça, onde vae sentar-se junto a uma alta sebe semi-circular, cujo centro é occupado pela cadeira real.

Por de traz d'elle senta-se a gente que compõe a cõrte, e á sua direita Gambela e os outros conselheiros, se estão presentes.

Na frente do regulo, a 20 passos, a musica em linha, e aos lados, em muitas fileiras, o povo.

Alli tratam-se um certo numero de negocios, que não precisam ser tratados em conselho privado. Aquella audiencia é tambem judicial. N'aquelle dia tratava-se de um crime de furto. O queixoso chamou o accusado, que veio sentar-se em frente d'elle, e fez a accusação. O accusado negou o crime, e logo de entre o povo sahio um homem que veio advogar em favor do reu. Alli qualquer amigo ou parente pôde defender o amigo ou parente.

Gambela tomou a palavra, e o accusado veio ajoelhar em frente d'elle; fez-lhe varias perguntas, e mandou-o embora.

Continuou o debate, comparecendo testemunhas de accusação e defesa. O crime foi provado, e o accusador pediu que lhe entregassem a mulher do ladrão, ficando indemnizado da perda de uns fios de missanga, objecto do roubo pela posse da mulher.

Terminado este debate, appareceu outro homem accusando a mulher de lhe não obedecer. Esta accusação foi seguida de muitas outras semelhantes, e mais de vinte subditos de Lobossi fizeram amargas queixas contra as esposas, demonstrando-me que as mulheres em Lialui estavam em completa revolta domestica. Depois de alguma discussão foi resolvido que toda a mulher que não obedecesse cega e absolutamente ao marido fosse amarrada e mettida na lagôa, onde passaria uma noute só com a cabeça de fóra.

Approvada esta nova lei, Gambela ordenou a alguns chefes que a promulgassem nas povoações.

Uma cousa muito curiosa n'aquellas audiencias é o modo porque Gambela conferencia com o rei em segredo, diante de todos. A um signal de Gambela, começa a musica a tocar, e os oito batuques fazem uma bulha de tal modo infernal, que é impossivel perceber uma palavra das que trocam o rei e o ministro.

Em seguida á audiencia, o rei vae para um aposento proprio para se embebedarem.

Vem panellas e panellas de capata, e elle e os seus prestam um verdadeiro culto ao deus Baccho. D'alli vae para a cama, e á tarde, depois de novas libações, dá nova audiencia. Logo que, ao anoitecer, termina a audiencia, vae comer, e segue para o serralho, d'onde raramente sahe antes da uma hora, e recolhendo a casa para dormir, vae deitar-se ao som ruidoso dos tambores.

O cessar dos batuques annuncia que o regulo está recolhido, e então a guarda, composta de uns quarenta homens, começa a tocar uma musica, que, apesar de monotona, é agradável, e toda a noite cantam um côro suave e harmonioso a meia voz. Esta musica que no Barôze acalenta o somno do soberano, serve para mostrar que a guarda vela em torno do seu aposento. N'estes poucos traços dou uma ideia resumida do viver monotono do autocrata africano, viver repartido entre a lascivia torpe e a embriaguez brutal.

N'aquelle dia, 4 de setembro, soube, que devia a vida a Machauana, que, em conselho

privado, se oppôz formalmente a que me mandassem assassinar, dizendo que elle tinha estado em Loanda com Livingstone, e alli tinha sido muito bem tratado pelos brancos, assim como os Luinas que o acompanhavam, e por isso não podia consentir que fizesse mal a um branco da mesma raça.

Chegou mesmo a ameaçar os poderes constituidos, o que era caso grave para elles, porque no Lui os ministros morrem sempre na queda dos ministerios, precaução tomada pelos novos conselheiros, que com alguns golpes de azagaia cortam pela raiz as opposições.

Cá na Europa, algumas vezes, procura-se denegrir a reputação dos antecessores, buscando desdoural-os aos olhos do povo, para lhes diminuir a força moral como opposição. Eu acho mais nobre, mais digno e mais seguro o systema politico dos Luinas, o que não quer dizer que o recomende.

O conselho, em vista da attitudo e das razões de Machauana, decidiu que eu não morresse; mas parece que algum dos conselheiros por conta propria decidiu o contrario, porque n'essa noute, estando affastado do acampamento, preparando-me para tomar alturas da lua, uma azagaia de arremesso passou tão perto de mim que a haste vergastou-me o braço esquerdo. Olhei para o lado d'onde partira a arma, e vi um preto a vinte passos, empunhando outra. Tirar o revolver e fazer fogo sobre elle, foi acto mais instinctivo do que pensado. Ao estampido do tiro, o assassino virou costas e correu em direcção a Lialui. Corri sobre elle. Sentindo-me no encalço, o preto deitou-se por terra. Reccei uma cilada, e foi a passos medidos que me aproximei d'elle, prompto a fazer fogo.

Vi que o membrudo indigena estava de bruços com as azagaias cahidas ao lado.

Peguei-lhe n'um braço, e ao tempo que senti as carnes estremecerem ao contacto da minha mão, senti um liquido quente correr-me por entre os dedos. O homem estava ferido. Fil-o erguer, e elle disse-me, tranzido de medo, umas palavras que eu não entendi. Apontando-lhe o revolver, obriguei-o a acompanhar-me ao acampamento.

Alli não fizera sensação o tiro de revolver, porque todas as noutes se ouvem mais ou menos tiros. Chamei dois muleques de confiança, e entreguei-lhe o meu prisioneiro cuja ferida examinei. A bala entrara junto á cabeça superior do humero direito, perto da clavícula, e

não tendo sahido, suppôz estar fixa na omoplata. Não lhe apparecendo sangue nas vias respiratorias, calculei que o pulmão não tinha sido offendido, assim como o fio de sangue que corria da ferida, pela sua tenuidade me mostrava que nenhum dos vasos importantes da circulação tinha sido cortado. N'estas condições a ferida não apresentava gravidade, pelo menos de momento.

Depois de lhe fazer um ligeiro curativo, mandei chamar o Caiumbuca, e ordenei-lhe que me acompanhasse a casa do rei, fazendo com que os muleques conduzissem para alli o ferido.

Lobossi tinha voltado de casa das amantes, e conversava com Gambela antes de se deitar. Apresentei-lhe o ferido e perguntei-lhe o que era aquillo. O rei mostrou um grande terror, vendo-me coberto de sangue do assassino, que eu nem tinha lavado; e um olhar trocado entre Gambela e o ferido, mostrou-me quem tinha sido a cabeça que enviara aquelle braço. Lobossi mandou logo retirar d'alli o preto, e disse-me que aquillo era um grande agouro, e que já não dormeria aquella noite socegado.

Narrei o acontecido, e Gambela apoiou muito o que eu tinha feito, lastimando que eu não tivesse morto o preto, e dizendo-me que ia matar meio mundo.

O preto era desconhecido em Lialui, e os da guarda de Lobossi disseram nunca o terem visto; Lobossi pediu-me que guardasse sobre o facto o maior segredo, assegurando-me que não me acontecia outra em quanto estivesse nos seus estados.

Eu voltei ao campo mais desconfiado que nunca das amabilidades de Gambela.

Por noite fóra senti que alguém tentava penetrar na minha barraca, e puz-me a pé sem ruido, prompto a surprehender aquelle que julgava fazer-me surpresa.

A pessoa era de certo conhecida, porque a minha cadella Traviata não ladrava, e fazia festas com a cauda para o ponto por onde alguém se introduzia de rastos.

Esperei um momento, e ao clarão da fogueira conheci a preta Marianna, que, com meio corpo dentro da barraca, me fazia signal para que estivesse calado.

Entrou, achegou-se a mim e disse-me: «Toma cautela. O Caiumbuca atraiçoa-te. Depois que voltou comtigo de casa do rei, tornou a Lialui a fallar com Gambela, e logo que chegou aqui reuniu com muito socego a gente de Silva

Porto, e esteve a fallar com elles na barraca d'elle. Eu fui escutar e ouvi fallar em te matarem. O Verissimo tambem lá estava. Elles disseram, que como tu não entendias a lingua do Lui, quando tu lhes disseses uma coisa para dizer ao rei, elles diriam outra, e te dariam tambem a resposta trocada, que assim haviam de fazer com que o rei te matasse.

«Toma cautela, olha que elles são muito maus.»

Agradei muito á pequena o aviso e dei-lhe o unico collar de missanga que me restava, e que eu reservava para uma das favoritas de Machauana.

A declaração da Marianna veio ferir-me profundamente. Os homens em que eu confiava eram os primeiros a atraiçoar-me.

Mil pensamentos tristes, que não conseguiram alquebrar-me o espirito, produziram uma noute de insomnia. É verdade que a prevenção de Marianna veio dar-me uma vantagem enorme sobre elles, que ignorava que eu lhes conhecia a traição nos seus detalhes; e de manhã ao levantar-me, eu repetia a mim mesmo o rifão portuguez, de que «um homem avisado vale por quatro.»

Gambela foi visitar-me, e repetiu-me mil protestos de amizade; mas eu presentia que o perigo pairava em torno de mim, e que a espada de Damocles estava suspensa sobre a minha cabeça.

Nesse dia entreguei a Gambela as cartas para o governador de Benguella, e a comitiva do rei do Lui, commandada por tres chefes Luinas e guiada pelo velho Antonio de Pungo Andongo, seguiu caminho da costa.

Com ella foram os Bihenos que me haviam abandonado. Estava satisfeito com aquelle primeiro resultado obtido; e se os meus trabalhos se perdessem e mais nada fizesse, o ter posto um povo tão poderoso em relações com a civilização Europêa da costa, era já um resultado importante da minha viagem ¹.

¹ Esta expedição Luina mandada por mim, chegou a Benguella, onde foi muito bem recebida pelo governador Pereira de Mello, e pelo corpo commercial da cidade, sobre tudo por Silva Porto, que empregaram todos os esforços para os animarem a voltar alli em viagens de trafico. Esta tentativa minha, a que em Benguella deram alguma importancia, passou quasi despercebida na Metropoli. É comtudo, se é importante que o Europeu vá levar o commercio aos paizes do interior, é mais importante ainda, para o trafico e para a civilização, fazer com que o indigena venha negociar as feitorias da Costa.

A revelação feita n'essa noite por Marianna, trazia-me preocupado, e eu só pensava no meio de parar o golpe que me feria, com a traição d'aquelles em que eu mais confiava.

Formei um plano que decidi pôr em pratica n'esse mesmo dia.

A narrativa dos repetidos e graves acontecimentos que se deram commigo depois da minha chegada ao Lui, não me tem deixado fallar dos povos Luinas e seus costumes.

Em logar de encontrar allí essa raça forte e vigorosa, creada por Chibitano, e que existiu com o imperio Macololo, fui deparar com uma raça abastardada, misto de Calabares, Luinas, Ganguelas e Macalacas, que tem unido o seu sangue, marcando cada cruzamento uma pégada de decadencia. O uso immoderado do banguê ou cangonha (*Cannabis indica*), a embriaguez e a syphilis, tem lançado aquelle povo no mais abjecto embrutecimento moral, e enfraquecimento physico.

O primeiro d'aquelles tres grandes inimigos da raça preta chegou-lhe do sul e leste pelo Zambeze; os dois outros foram allí importados pelos Bihenos, que lhe trouxeram ainda outro inimigo não menos terrivel, o trafico da escravatura.

Poucos paizes africanos levaram tão longe como os Luinas a pratica da polygamia. Gambela, á epocha da minha estada no Barôze, tinha mais de setenta mulheres!

O Lui, ou Barôze propriamente dito, isto é, o paiz que fica ao norte da primeira região das cataractas, compõe-se da enorme planicie onde corre o Zambeze, que tem de 180 a 200 milhas do N. a S., e por vezes, de 30 a 35 O. a E., planicie elevada 1,012 metros ao mar; do paiz mais elevado a leste, onde assentam inumeras povoações, que vem estabelecer as suas culturas na grande planicie, e ainda na enorme planura do Nhengo, onde corre o Ninda. A planura do Nhengo é separada do leito do Zambeze por uma nervura de terreno elevado de 20 metros, que corre parallela ao rio, e onde estão muitas povoações, livres das maiores cheias.

Durante o tempo das grandes chuvas, a planicie do Zambeze é inundada, e eu medi em algumas arvores onde tinham ficado signaes do maior nivel das aguas tres metros.

No parallello 15° tem ella uma largura de trinta milhas, e por isso, na epocha das cheias, calculando uma corrente minima de 20 metros por minuto, devem passar allí 240 milhões de metros

cubicos de agua por hora. Isto dá uma medida do que são as chuvas na Africa tropical, accrescentando-se, que regularmente a inundação atinge o seu maximo em oito dias.

O povo Luina, que em grande parte vive na planicie, retira para o paiz montanhoso durante as inundações.

Ao retirar das aguas, volvem a occupar as povoações abandonadas na invernia, e cobrem o campo com os rebanhos enormes, que, diga-se a verdade, não encontra allí um pasto viçoso em epocha alguma do anno, porque os prados são formados, pela maior parte, de caniçal, onde abunda uma especie do *Calamagrostis arenaria*.

As culturas são feitas mais na margem direita do que na esquerda do Zambeze, e sempre junto das encostas.

A inundação deixa na planicie um sem-número de pequenas lagôas, que se atulham de vegetação aquatica, e que são outros tantos focos miasmaticos de infecção palustre. Ha epochas no anno em que os proprios indigenas são fortemente atacados pelas febres endemicas.

Nas lagôas abunda peixe e ha muitos batráchios.

É d'estas lagôas que se fornecem de agua potavel os indigenas, mas é preciso confessar, que elles só a bebem depois de transformada em capata.

Os Luinas são pouco agricultores, e muito pastores. Os seus rebanhos constituem a sua principal riqueza, e no leite das vaccas encontram o seu principal alimento.

O haver do Luina consiste em algumas vacas e algumas mulheres.

O leite fresco e o leite azedo (coalhado) são, com a batata doce, a base da sua alimentação. A farinha de milho é empregada para fazer a capata, de mistura com a de massambala, principal cultura do paiz.

Os Luinas fabricam o ferro, e todas as suas armas e todos os seus utensilios são feitos no paiz. Não usam facas, e não podemos deixar de nos admirar das esculpturas que fazem em madeira, sabendo que não empregam facas, e mais ainda, logo que conheçamos o instrumento com que trabalham. No Lui, onde o machado termina a obra grossa de desbaste, começa a obra da azagaia. O ferro d'esta é instrumento para tudo. Os bancos onde se assentam, as escudellas em que comem as vasilhas do leite, e todos os seus utensilios de madeira, são cortados com ella.

Entre elles ha um primorosamente trabalhado, em geral, e é a colher. Vivendo de leite, o Luina não pôde prescindir da colher, e dispensa a faca. O seu systema de alimentação explica a falta d'esta e o muito uso d'aquella.

A industria ceramica limita-se no Barôze á fabricaçãõ de panellas para cozinha, para a capata, e grandes talhas de barro para guardar cereaes. Além d'isto, fornalhas para os cachimbos de fumar o *bangue*.

O Luina só fuma o *bangue*; o muito tabaco que cultivam é empregado exclusivamente para cheirar, e d'elle fazem grande uso homens e mulheres. É este o povo mais coberto que encontrei em Africa. É raro vêr-se alli um homem ou mulher despidos da cintura para cima. Os homens, como já disse no capitulo anterior, usam umas pelles passadas em um cinto, que pendem adiante e atraz, chegando até aos joelhos. Um manto de pelle, que posto, assemelha as capas do tempo de Henrique III, cobre-lhes o tronco e cahe-lhes até meia perna.

Um largo cinto de couro, independente do que lhes segura as pelles da cinta, muitas manilhas e muitos amuletos, completam o seu trajar. As mulheres trajam um saio de pelles, que adiante chega ao joelho, e atraz desce até ao grosso da perna. Sobre o saio um largo cinto enfeitado de buzio (*caurim*). Um pequeno manto de pelles, muitas missangas ao pescoço e muitas manilhas nos braços e pernas, são o vestuario do paiz. Vemos hoje muitas indigenas substituindo as pelles por estofos europeus, os capotes por cobertores de algodão, e mesmo todo o trajar gentilico, por o fato do homem civilisado: mas eu aqui não curo das excepções, fallo no traje primitivo do paiz, e não nas innovações que o commercio alli tem levado. É preciso comtudo revelar, que este povo tem uma tendencia manifesta para se vestir. De certo, antes da invasão dos Macololos, os Luinas deviam andar muito pouco cobertos. Os povos Chuculumbes, seus visinhos de leste, andam completamente nus, homens e mulheres. A oeste os Ambuelas foram tambem encontrados nus, pelos primeiros sertanejos portuguezes que alli se aventuraram ¹, e ainda hoje não se cobrem muito.

O trajar dos Luinas que eu descrevi, é o mesmo usado outr'ora pelos Macololos, e por isso é de crer que fosse introduzido por elles.

Essa tendencia, que eu faço notar d'este povo para se vestir, deve merecer a attenção do commercio, e é uma tendencia a explorar em beneficio d'elle, dos indigenas e da civilisação.

As mulheres nobres, e em geral as ricas, untam o corpo com manteiga de vacca misturada de talco em pó, que lhes dá á pelle um lustro avermelhado, e ao mesmo tempo um cheiro desagradabilissimo.

Entre os Luinas encontram-se muitas espingardas de fulminante, de fabrica ingleza, levadas alli pelos sertanejos do sul, e outras de sillex Belgas, vindas do commercio portuguez de Benguella; mas os indigenas, ao contrario do que acontece, com todos os povos da costa de Oeste até ao Zambeze, preferem as armas de fulminante, e alguns ha, que só querem já carabinas raiadas. Não usam cartucho como os Bihenos e povos circumvisinhos d'estes, e trazem a polvora solta em cornos, ou em cabaças. As armas do paiz são azagaias, porrinhos e machadinhas. Não usam frechas.

Tem por arma defensiva grandes escudos ogivae, de couro de boi, armados em madeira. Cada homem traz, em geral, de cinco a seis azagaias de arremesso.

Os ferros d'estas azagaias, sem serem envenenados, não são por isso menos terriveis, devido ás barbas desencontradas que lhes fazem, de modo que, na maior parte dos ferimentos, é preciso matar o ferido para lh'as arrancar do corpo.

O que eu vi usarem os Luinas, e mostrou a preferencia que tem, foram as missangas chamadas no commercio de Benguella, missanga leite, azul celeste e Maria II.

Os cassungos finos, branco, azul e encarnado são tambem estimados.

Fazendas todas são boas para o Lui, preferindo elles as melhores. O arame de latão, de tres a quatro milímetros de diametro, tem valor, e a roupa feita, cobertores, armas de percussão, fulminantes, polvora, chumbo em barra, e artigos de caça, são alli cotados em subido preço.

Em todo o paiz o commercio é feito exclusivamente com o regulo, que faz d'elle monopolio, pertencendo-lhe todo o marfim que se caça nos seus estados, e todos os gados dos seus subditos, a quem elle os pede quando precisa. Das fazendas, armas e outros artigos que permutta faz presentes aos seus caçadores, chefes de povoação, côrte, etc.

(Continúa.)

¹ Silva Porto, em 1849.

VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

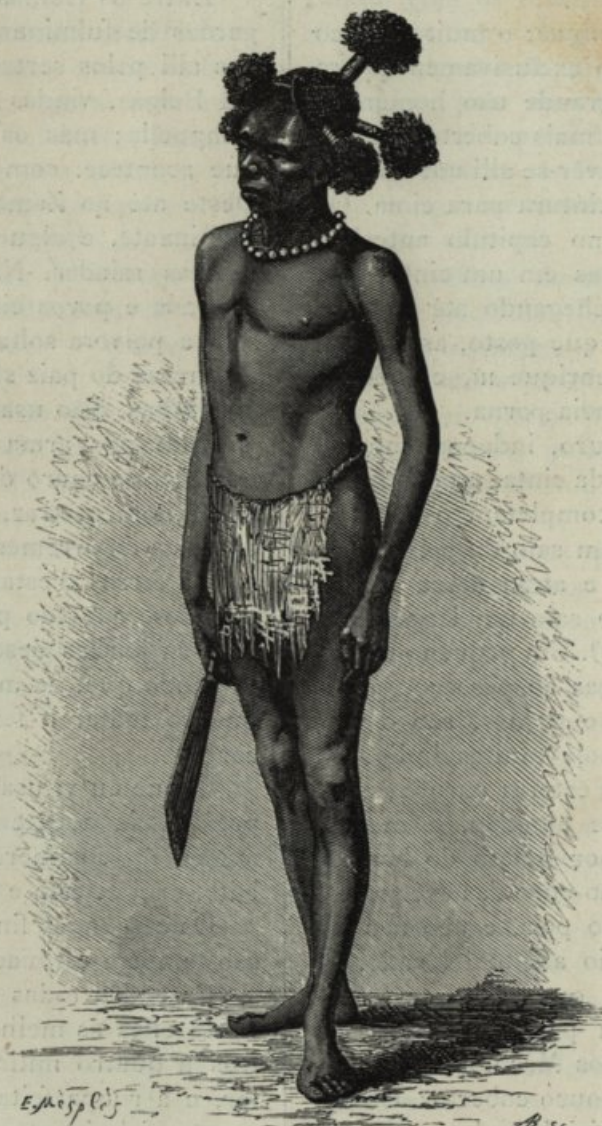
ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuação da folha 9 — 3.º anno)

TINHA NO meu quarto, com medo que m'os roubassem para m'os tornarem a vender, uma grande porção de crâneos. Ninguém se approximava d'alli e quando parti demoliram o compartimento. Tive grandes difficuldades em obter dos meus Mafors que arrumassem os crâneos a bordo do práo; deviam, diziam elles, acarretar-nos desgraças. Foi-me todavia necessario deixar Korido mais cedo que eu queria; cançado da minha presença, o sanadi declarou-me que me devia ir embora; queria, dizia elle, ir á pesca e não podia deixar-me só em casa. Talvez que devendo eu só pagar-lhe na occasião da partida o homem receiasse que, esgotando-se as minhas mercadorias, nada ficasse para elle.

Dispozemo-nos pois a deixar estes insulares, entre os quaes tinhamos encontrado uma hospitalidade tão pouco cordial. Os habitantes da ilha Korido e dependencias, ás quaes juntarei os das ilhas Biaks e Jobia, pareceram-me constituir uma nova sub-familia dos Papús que visitei, entre os quaes distingui os Mafors e os Arfaks, abstrahindo dos Karons que como já disse, são Negritos.

Estes insulares, pela sua estatura mais elevada, pelo oval do rosto mais alongado são mais proximos parentes dos Arfaks, do que dos Ma-

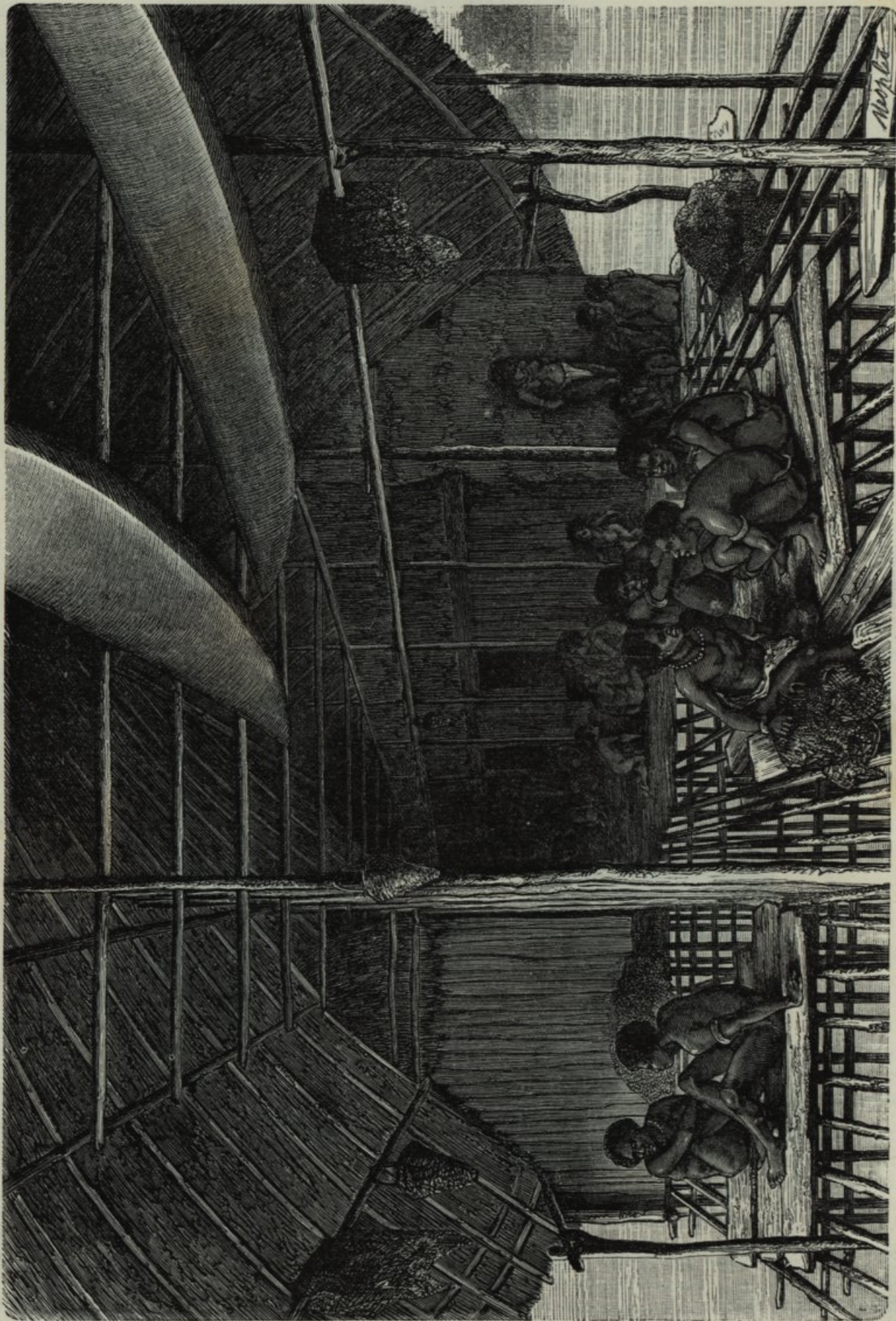


PAPÚ ALFUR) DA ILHA MAFUR

fors e mais affirmam esta semelhança pelo seu caracter feroz e belicoso, pelo costume, commum aos Arfaks, de cortar cabeças para fazer tropheus. As unicas differenças physicas bem apreciaveis encontram-se na maior regularidade das feições, o que os torna mais bellos, e na cabelleira, que, em vez de ser lanosa, é muitas vezes, principalmente nos rapazes, simplesmente frisada, a ponto de cahir em aneis em volta da cabeça, em vez de formar a grande trunfa dos Mafors ou os novellos dos Arfaks, penteado a que os cabellos d'aquelles difficilmente se prestariam. Este penteado pareceu-me ser principalmente commum aos Biaks. Nas suas povoações não vinem Biaks, nem habitantes da Jobia, reputados mui sanguinarios e muito perigosos para os estrangeiros; mas encontrei uns e outros repetidas vezes e sempre me fez impressão o alongamento do rosto e a fôrma do nariz que é

completamente aquilino e algumas vezes fino e arqueado.

O nosso regresso a Dorey não se fez sem difficuldades. O vento soprou violentamente do sudeste durante quatro dias e quatro noites; as vagas embatiam furiosas d'encontro ao nosso fragil barco que fazia agua por todos os lados e apesar de aferrarmos a vella o vento arrastava-



INTERIOR D'UMA HABITAÇÃO EM KORIDO

nos para o Oceano, bem a norte do nosso destino. Felizmente, no quarto dia, o vento saltou durante duas horas para este, o que nos permitiu correr para o sul; depois houve calma-

ria, sendo necessario remar contra a corrente. Quando chegamos a Dorey a tripulação estava exausta de forças.

M. Maindron estava em Andai curado, graças



SEPULTURA DA ILHA MAFOR

aos disvellos de M. e m.^{me} Valders, mas ainda fraco e fatigado. Eu começava tambem a sentir

os funestos effeitos do clima; os meus homens estavam todos atacados pelas febres e eu susten-



DOIS TYPOS PAPÚS DA ILHA JOBIA

tava-os em pé graças á medicamentação diaria do quinino.

Estavamos no mez de julho, época do regresso dos schoners malaios a Ternate; era forçoso partir ou ficar um anno inteiro na Nova-Guiné;

tanto as nossas provisões como a nossa saude não permittiam tão dilatada demora.

Empacotadas todas as minhas colleções embarcamos no primeiro schoner a partir. Foi no dia 16 de julho de 1877.

Demorei-me ainda quinze dias na ilha Salwati para completar as collecções.

O maior perigo esperava-me no proprio momento em que abandonamos as Costas da Nova-Guiné com o coração cheio d'alegria pelo regresso a paizes civilisados. O vento era do sudoeste e soprava violentamente; para passar o estreito de Dampierre foi-nos mister ir até alturas do norte da ilha Batanta.

Tudo correu bem até á occasião em que chegamos a oeste do estreito.

O nosso schooner era impellido por uma forte corrente, quando de repente, fôra já do abrigo das montanhas de Batanta, veio embater contra o vento, como d'encontro a invisivel muralha. O navio empinou-se como cavallo, a quem um cavalleiro espicaça com a espora e ao mesmo tempo com vigorosa mão lhe caça o governo.

Anoitecia, o vento tornava-se tempestuoso, levantando furiosamente a massa liquida que a corrente impellia contra a sua força. O navio era sacudido como uma casca de noz, tudo estalava desde a quilha até ao mastro real, as vellas batiam d'encontro ás vergas, os volumes que pejavam o tombadilho eram d'um para outro lado atirados como dados que um jogador febrilmente remeche no copo.

O navio fazia agua e as bombas em mau estado não a esgotavam. A noite estava tão escura que nada se divisava a dez metros de distancia. O capitão já não sabia as alturas em que estava e a cada momento podiamos esmigalhar-nos d'en-

contro a qualquer cachopo. Graças ao meu binoculo vi, felizmente a tempo de fazer virar de bordo, que corriamos sobre um grupo de pequenas ilhas. A agua cada vez subiu mais no porão; a tripulação conseguira immobilisar os volumes de mercadorias; mas a bomba desarranjára-se completamente, era necessario prompto remedio; desarrumamos no porão, com risco de por ellas sermos esmagados, algumas caixas e alguns barris, cavou-se no carregamento de casca de *massoi* uma especie de poço e fizeram a elle descer um pequeno moço de bordo que apanhava a agua n'um balde que, de mão em mão, chegava até á borda d'onde era arremessada ao mar; conseguimos assim não esgotar a agua, mas lutar contra a invasão d'ella.

Toda a noite — e foi longa — assim foi passada. Ao nascer do sol o vento cahe sempre um pouco. Vimos então a que perigo escapamos, estando quasi em cima das ilhotas. O mar continuava bravo, mas pudemos alcançar o mar largo e continuar a nossa derrota. Emfim a 10 d'agosto, ás cinco horas da manhã entramos no porto de Ternate. O presidente hollandez, em quanto eu esperava o paquete que me devia reconduzir a Batavia, offereceu-me a mais esplendida das hospitalidades. D'esta ultima cidade para França a bordo dos vapores das *Messageries maritimes* foi apenas uma viagem de recreio, um pouco longa é verdade, pois que só entrei em Paris no dia 5 de dezembro de 1877.

FIM

MEMORIAS DO ULTRAMAR

(Continuação da folha 10 — 3.º anno)

TODO ESTE é mui fertil de mantimentos e gados de toda a sorte, e em mais e diferentes generos do que ha em nossa Hespanha, porque, alem de haver todos os que

ha em Hespanha, assim de gados como de aves, ha outros mui diferentes, como são: elephantes, rhinocerontes, zebras, bufalos, pallancas (que são vaccas bravas), moquaquas, muitos veados

Os dicionaristas suppõem a palavra derivada de estadio. «Estadio de homem ou de homens» encontra-se realmente em alguns escriptos, mas é possivel que a derivação mais correcta seja de «estalão», fr. ant. *estalon*, segundo Moraes, ou de *stalo* ou *stallo*, lat. do seculo XIII, segundo Vieira, que significava craveira, estatura humana, ou ainda, segundo penso, simplesmente de *statura*, dimensão perpendicular do homem.

Feo Cardoso tratando d'estas salinas (1825) diz correr

cada pedra do sal d'alli extrahido por uma macuta ou 50 reis. N'um officio do governador Abreu Castello Branco, de 1828, indica-se-lhe o mesmo valor; estabelecendo a maior dimensão de cada pedra em 8 ou 10 pollegadas. E a este respeito observa Lopes Lima que «este valor actual de uma macuta equivale, com pouca differença, ao de 200 reis, que B. R. de Aragão assignava a cada pedra de sal nos principios do seculo XVII, porque n'esse tempo a moeda miuda que corria em Angola eram uns panninhos de palha chamados *li-*

e corsas em muita abundancia ¹. Aos naturaes da terra lhes será mui facil pagar tributos dos fructos d'ella, como é: millho, feijões, azeite, sal e outras miudezas que, entre elles, é dinheiro.

E á fazenda de Sua Magestade lhe será de muito proveito porque, na mesma especie, se paga aos soldados, e se forrá todo o rendimento dos escravos para a fazenda de Sua Magestade.

Para isto ter effeito o principal é officiaes da fazenda de El-Rei, para que arrendem estes tributos dos sovas, e os cobrem e haja padrão e livro dos rendimentos d'elles, e menos tributo que poder ser, ou nenhum, se lhes ponha em escravos, senão em fructos da terra, que tudo tem seu preço.

A causa de, até hoje, se não ter feito isto que aqui aponto, é porque os governadores comem estes tributos, e os capitães das fortalezas, e assim não se trata da fazenda de Sua Magestade; e como os fidalgos são perseguidos por escravos e o povo miúdo os não têm, é muita parte para se levantarem e não obedecerem, o que não terá se lhes pedirem e pagarem fructos da terra que cada anno colhem.

A causa de estar o reino hoje em mau estado e não haver feiras, ha sido fazer-se guerra na mesma provincia, de onde nós temos nossa cidade e presidios, e ser tanto em casa que em vez de se fazer e destruir ao inimigo nos destruimos a nós, e só o proveito fica ao governador e seus ministros, e os moradores e mercadores estão perdidos por falta de commercio e Sua Magestade mal servido, pois se não acres-

bongos, á feição de guardanapos, de que cada um valia 50 reis.»

«A primeira moeda de cobre (*macutas*), acrescenta, foi para lá mandada em 1694 com ordem de se pagarem 200 reis, de moeda de cobre, em vez de 700 reis em moeda de palha.»

Teremos occasião, nas publicações ulteriores de fallar d'estes *libongos* ou melhor *lubongos*.

¹ *Pallancas*, diz Balthasar Rebello. *Empallanca* escreve Lopes Lima, dizendo que «que é talvez a verdadeira anta!» *Malanca* e *Palanca*, chamam Serpa Pinto, Capello e Ivens a esta antilope que é, segundo elles, a *Hyppotragus equinus*.

Chamalanca, é outro animal que Lopes Lima suppoz ser a hyena, e carneiro, corrigindo em Quimalanga e Quingue-nha, diz ser o lobão (sic.) Capello e Ivens escrevem Quimalanca que me parece ser a melhor versão. É realmente a hyena. Convem observar que *qui* e *tchi* é prefixo de singular, e *ma* do plural.

O *moquaquas* de Rebello, devem ser os *macocos*, de Lopes Lima e de outros.

centou, nem acrescentará, nada em sua fazenda, até que não haja officiaes reaes com mais jurisdicção do que hoje têm.

A causa por que não ha hoje feiras ou gastos de escravos é a seguinte: os governadores pozeram um tyranno tributo nas ditas feiras, que é de cada 10 peças uma para elles, e logo depois que o seu meirinho escolhe esta peça de cada 10, entra o seu comprador e escolhe as mais que ha de proveito; logo entra o ouvidor com seu meirinho negro e toma primeiro que o povo; trás o ouvidor, o secretario do governador e outras pessoas a quem o dito governador tem dado varas de meirinhos n'aquellas feiras, de sorte que elles escolhem os bons escravos e deixam ao miseravel povo o rebutalho ou refugo, que são negros velhos e meninos, que visto a necessidade que têm para fazerem seus pagamentos as compram, sendo ruins, pelo preço que elles levaram as boas, e as vem vender a quarta parte menos, de maneira que se perdem e não ganham de comer no dito trato, e assim uns se tiram de tratar nas feiras, outros mandam a partes remotas de onde a tyranna jurisdicção não chega, e assim ficando os escravos do governador e seus ministros fogem os mercadores negros d'elles, porque escolhem o melhor, e assim nunca haverá feira, porque elles a querem sómente para si e para seus creados, dando-se-lhe pouco do bem commum.

Acho pouco remedio a que o possa haver, porque ainda que cá se lhe dê, os governadores lá fazem seu proveito, e é tanto o que d'aqui e da guerra tiram que, creio, sempre procuram estas duas occasiões, e se não for um governador muito temente a Deus cada vez o farão peor, porque sempre se irão descobrindo maiores caminhos á cubiça.

Só o remedio que isto pôde ter é não levarem os governadores tanta jurisdicção na fazenda e justiça, e haver ministros que pugnem pelo serviço de Sua Magestade e de Deus.

E por mais penas que os governadores ponham aos moradores, nem Sua Magestade mercê, tanto que os governadores quizerem usar, como hoje, fazem, de ser a feira e resgate seu todo, não poderão obrigar aos moradores a que mandem ao dito resgate, porque não serve de mais que de lhe fazerem a feira boa para elle e seus creados como acima digo.

(Continua.)



OS CINCO TUMULOS—Desenho de A. de Bar, segundo uma gravura da edição ingleza

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRVÉS REGIÕES
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuação da folha 11—3.º anno)

AS MULHERES gozam de bastante consideração, e entre a nobreza não fazem nada, passando a vida sentadas em esteiras, a beber capata e a cheirar tabaco. Possuem muitos escravos, pela maior parte Macalacas, que as servem.

Os grandes rebanhos dos Luinas são de bois, de uma raça magnifica, e mesmo as suas gallinhas e cães são de melhores raças do que os que encontrei até alli.

O valle do Barôze está cercado por este a sul da terrivel mosca zê-zê, o que os obriga a concentrarem os gados na planicie, e torna difficil a sahida d'elles, a não ser para oeste no caminho de Benguella, todo limpo do prejudicial diptero.

Eis em curto resumo o que eu vi d'esse paiz, que primeiro, antes da invasão de Chibitano, foi visitado por um portuguez (Silva Porto), que foi visto depois por David Livingstone, debaixo do

imperio dos Macololos, e que eu encontrei em condições bem differentes, sob a dynastia Luina, em 1878.

Retomando a narrativa das minhas tristes aventuras, no dia 5 de setembro, dia seguinte ao da revelação de Marianna, resolvi fazer com que os traidores fossem trahidos por um dos seus, e lancei as minhas vistas sobre Verissimo Gonçalves.

Chamei-o á minha barraca, e mostrei-lhe antes de lhe fallar, a copia de uma carta apocrypha, escripta para Benguella, em que eu dizia ao governador, que, tendo desconfianças de Verissimo, lhe pedia que mandasse prender a mulher, o filho, e a mãe d'elle, e se acaso acontecesse eu ser victima de alguma traição, as mandasse para Portugal, onde eu disse ao Verissimo que os meus parentes as fariam queimar vivas.

Depois d'este exordio, assegurei-lhe, que aquella carta fôra escripta como simples prevenção, porque eu confiava plenamente na sua dedicação por mim; mas que essa dedicação tinha de estar vigilante, porque eu desconfiava levemente do Caiumbuca, e se me acóntecesse alguma desgraça, eu não poderia evitar os horrores que estavam reservados aos entes que lhe erãr caros. Disse-lhe sobre tudo, desconfiava que Caiumbuca não transmittia ao rei o que eu lhe dizia, assim como me dava transtornadas as respostas de Lobossi. Que elle deveria estar sempre presente nas minhas entrevistas com Lobossi, e dizer-me em portuguez (Caiumbuca não fallava portuguez) o que elle dizia ao rei.

Verissimo embaraçado, disse-me que eu não me enganava, e contou-me tudo. Eu preveni-o que não deixasse perceber nada a Caiumbuca, e que me tivesse ao corrente do que elle tramava.

N'essa tarde Lobossi mandou-me dizer que estava prompta a gente que me devia acompanhar, para eu seguir para a costa de Moçambique, e por isso podia partir quando eu quizesse.

Eu estava um pouco melhor, e desde a minha chegada ao Zambeze, ainda não tinha passado tão bem como n'esse dia.

O meu acampamento era muito grande, porque os Quimbares se haviam dividido pelas barracas dos Quimbundos depois da sahida d'estes. O centro era um largo circular, de não menos de cem metros de diametro. A um lado, dentro da fila das barracas, ficava a minha barraca, cercada por uma sebe de cannas, que fechava um recinto, onde só entravam os meus moleques de serviço.

Era a 6 de setembro. O thermometro durante o dia tinha marcado com persistencia 33 graus centigrados, e o calor reflectido pela areia tinha sido incommodo.

A noite apresentou-se serena e fresca, e eu, sentado á porta da minha tenda, pensava no meu Portugal, nos meus e nos amigos, no futuro da minha empreza, tão ameaçada alli, e ora alegre ora triste, não perdia a fé e esperava. O acontecimento da ante-vespera vinha pairar como nuvem negra sobre o ceu limpido da esperança.

Os meus Quimbares, recolhidos nas barracas, conversavam junto das fogueiras, só eu estava fóra. De subito prendeu-me a attenção um sem-numero de pontos luminosos que vi atravessarem o espaço.

Sem saber ao principio explicar o que seria aquillo, tive um presentimento, e sahi do cercado de caniço que rodeava a barraca.

Logo que cheguei fóra, tudo me foi revelado, e um grito pungente de angustia suprema escapou-se-me da garganta.

Alguns centos de indigenas cercavam o acampamento, e lançavam achas ardentes sobre as barracas cobertas de hervas seccas.

Em um minuto o incendio, ateado por um vento forte de este, tomava incremento horrivel. Os Quimbares sahiam espavoridos das barracas incandescentes, e pareciam loucos.

Augusto e a gente de Benguella reuniram-se em torno de mim. Em presença de um perigo tão terrivel, aconteceu-me o que por mais de uma vez me tem acontecido em eguaes circumstancias. Fiquei sereno e tranquillo de espirito, pensando só em lutar e vencer.

Gritei á minha gente semi-louca de se vêr apertada em um circulo de fogo, e consegui reunil-a no meio do espaço interior do campo.

Á frente de Augusto e os muleques de Benguella, entrei na minha barraca em chammass, e consegui tirar d'alli as malas dos instrumentos, os meus papeis e trabalhos, e a polvora. A esse tempo as barracas abrazavam todas, mas o fogo não podia attingir-nos. Verissimo estava a meu lado, inclinei-me para elle e disse-lhe: «Eu defendo-me aqui por mui tempo, passa por onde poderes e como poderes, e vai a Lialui dizer a Lobossi que a sua gente me ataca, diz tambem a Machauana o perigo que corro.»

Verissimo correu ás barracas em chammass, e eu vi-o desaparecer por entre as labaredas. A esse tempo já as azagaias ferviam em torno de nós,

e já haviam alguns ferimentos graves, entre elles um do preto Jamba, de Silva Porto, que tinha uma azagaia cravada no sobre olho direito. As azagaias respondiam os meus Quimbares com as balas das carabinas, mas o gentio avançava sempre, e já entrava no acampamento, onde as barracas consumidas não offereciam barreira insuperavel. Em torno de mim, que desarmado segurava a bandeira da minha patria, estavam batendo-se como verdadeiros bravos os meus valentes Quimbares. Estavam todos? Não. Faltava alli um homem, um homem que deveria estar ao meu lado e que ninguem tinha visto. Caiumbuca, o meu immediato, desaparecera!

Ao amortecer do incendio, eu vi que o perigo era real e enorme. Eram cem contra um.

Parecia a imagem do inferno vêr aquelles vultos negros, que com estridente grita pulavam ao clarão das chammas, avançando para nós cobertos com o alto escudo e brandindo as puidas azagaias. Foi um combater encarniçado em que as carabinas de carregar pela culatra, pelo seu fogo sustentado, continham em respeito aquella horda selvagem.

Comtudo eu calculava que o termo do combate não estava longe, porque as munições desapareciam rapidamente; eu só tinha no começo quatro mil tiros para as carabinas Snider, e vinte mil para as armas de carregar pela bôca, mas não seriam essas as que me defenderiam; e logo que o fogo abrandasse, por faltarem as armas de carregamento rapido, seriamos esmagados pelo gentio desvairado. O meu Augusto, que parecia um leão raivoso, chegou-se a mim com suprema angustia, mostrando-me a carabina, que acabava de rebentar. Disse ao meu muleque Pépêca que lhe entregasse a minha carabina de elephante e a cartuxeira. Augusto correu para a frente, e fez fogo para onde o grupo do gentio era mais compacto. Um momento depois, a grita infernal dos assaltantes tomou um tom differente, e virando costas, tomaram elles precipitada fuga.

Só no dia seguinte, pelo rei Lobossi, eu devia saber o que produzira um tal reviramento. Foram os tiros do meu Augusto.

Na cartuxeira de que elle lançou mão havia balas carregadas de nitro-glicerina.

O effeito d'estas, fazendo desaparecer em bocados, pela explosão, as cabeças e os peitos em que acertavam, produziu o panico no meio d'aquelle gentio ignaro, que viu n'uma coisa nova para elle, um feitiço irresistivel.

Foi a providencia que me quiz valer.

Conheci que estava salvo. Meia hora depois appareceu-me o Verissimo, com uma grande força capitaneada por Machauana, que vinha em meu soccorro, por ordem do rei Lobossi. Lobossi mandava dizer-me, que era estranho a tudo, e que, provavelmente, o seu povo, sabendo que eu fôra alli para os atacar de combinação com os Mazungos de leste, que estavam com Manuanino, fizeram aquillo por sua conta; mas que elle ia tomar as mais vigorosas providencias para eu não soffrer mais aggressões. Tudo aquillo, se não foi ordenado por elle, foi por Gambela.

Verissimo, vendo os desastres do combate, perguntou-me o que haviamos de fazer? e eu respondi-lhe com as palavras de um dos maiores homens portuguezes dos ultimos seculos:— «Enterrar os mortos, e tratar dos vivos.»

No incendio soffremos perdas graves, mas mais graves eram as perdas de vidas por tão insolito ataque. A bandeira portugueza estava furada das azagaias selvagens, e salpicada do sangue dos bravos; mas as manchas que tinha, só serviam para fazer realçar a sua pureza immaculada; e mais uma vez, longe da patria, e por terras ignotas, tinha-se sabido fazer respeitar, como sempre o soube, e como sempre o saberá.

Depuz as armas de soldado, para me improvisar em cirurgião cuidadoso, e o resto da noite foi passado a curar os feridos e a alentar os sãos, sempre apercebido e vigilante, apesar dos novos protestos do rei Lobossi.

Logo que amanheceu, foi procurar o rei, e fallei-lhe asperamente sobre o acontecimento da noute. Tornei-o, diante do seu povo, responsavel pelas desgraças d'aquelle noute; e disse bem alto, que aquelles que tivessem a chorar a perda de parentes, só a elle deviam lançar culpas.

Disse-lhe, que queria seguir sem perda de tempo, e annunciei-lhe que ia estabelecer o meu campo nas montanhas, onde podesse com vantagem resistir a um novo ataque.

Elle teimou muito commigo para lhe dar ou ensinar o feitiço que eu tinha empregado na vespera, fazendo com que os pretos rebentassem por si. Era assim que elles explicavam o caso funesto das balas explosivas, inconscientemente empregadas por o meu Augusto.

Apesar da muita vontade que eu tinha de deixar a planicie e ir para as montanhas, não pude realisar esse desejo senão a 9, por causa do estado dos feridos; e no dia 7 e 8, lutamos

com a fome, porque ninguem nos quiz vender de comer, e o rei dizia, que nada tinha para me dar. Foram as lagôas que forneceram abundante pesca e alguns patos muito magros. Machauana mandou-me leite, e continuou a mostrar-me a maior dedicação. Foi, como disse, a 9 que dei-xei a planicie e alcancei as montanhas perto de Catongo, chegando todos, feridos e sãos, no maior estado de fraqueza.

O novo systema adoptado, de nos matarem pela fome, preocupou-me, e dava-me serios cuidados n'um paiz sem caça.

Tínhamos, é verdade, a pesca das lagôas.

CAPITULO X

A CARABINA D'EL-REI

A traição — Perdido — A Carabina d'El-Rei — Miséria — Novas scenas com o rei Lobossi — Partida — No Zambeze — Caça — Moangana — O Itufa — As pirogas — Sioma — Cataracta de Gonha — Bellezas naturaes — O basalto — A região das cataractas superiores — Balle — Bombué — Na foz do rio Gôco — Cataracta de Nambue — Os rapidos — Viagem vertiginosa — Catima Moriro — Quisseque — Eliazar — Carimuque — O rio Machila — Muita caça — Tragedia — Embarira.

Depois de marcha de 15 milhas, acampeei na floresta que cobre os flancos das montanhas de Catongo. Marcava esta aldeia a S.E. uma milha distante do sitio que escolhi para acampar.

Junto do meu campo havia uma pequena aldeola, onde eu mandei pedir de comer. Algumas mulheres vieram vender pouca cousa a troco dos involucros metallicos dos cartuxos queimados das carabinas Winchester.

Depois de construido o campo, fomos pescar nas lagôas proximas, e tiramos algum peixe, que se comia cozido em agua sem sal.

De Caiumbuca não havia noticias, e eu convencencia-me que elle tinha partido com a gente que retrocedera ao Bihè, quando n'essa tarde me vieram dizer, que elle estava no acampamento, e me queria fallar.

Apresentou-se, dizendo que fôra acompanhar a comitiva de Lobossi, que seguira com o preto Antonio, porque tinha de mandar prevenir a gente da sua libata no Bihè, de que tinha muita demora ainda no sertão, pois seguia commigo para a costa de leste.

Eu fiquei perplexo, e sem saber o que deveria fazer com relação a elle; e depois de pensar um momento, resolvi aceitar a desculpa da ausencia

d'elle na noute do combate, e não lhe mostrar que tinha perdido a minha confiança, e que sabia da sua projectada traição. Elle pediu-me para regressar n'essa noute a Lialui, dizendo que voltaria no dia immdiato com a gente que Lobossi me deveria mandar, para eu seguir para Quisseque, logo que o estado de alguns feridos m'o permittisse.

Disse-lhe que pedisse ao rei para mandar-me dar mantimentos, a menos que não quizesse que morressemos á fome no seu paiz.

Caiumbuca partiu sem fallar a ninguem da minha gente

No dia 10, continuei a mandar pescar nas lagôas para ter que comer e os meus.

Passei o dia trabalhando; tendo para o lado de oeste um horisonte sem fim, onde, como em pleno mar, o espaço azulado vinha unir-se á terra em circulo enorme, lembrei-me de determinar a variação da agulha magnetica pela amplitude, methodo mais simples do que o dos azimuthes, que eu tinha sido forçado a empregar até então.

Preparei a agulha de marcar, e estava dispondo-a para a observação, muito antes de tempo, porque o sol estava ainda elevado do horisonte uns dez graus, quando um phenomeno curiosissimo se deu na atmosphaera. Estava ella limpida, de um azul um pouco carregado, mas sem uma nuvem, sem um extracto no horisonte. De repente o limpo inferior do sol começou a perder a sua fôrma circular, e a desaparecer lentamente, como se eu observasse um occaso no oceano; e isto dez graus acima do horisonte, por ceu na apparencia limpo, como já disse. Só depois do seu completo desaparecimento é que se podia mal perceber, pelo feixe de luz que em leque se espargia no ceu, uma barra de extracto, tão eguaes em côr ao azul da atmosphaera, que a vista mais apurada a confundiria com ella, parecendo que a limpidez do firmamento não era interrompida até ao horisonte. Algumas vezes mais observei equal phenomeno, mas não a tanta altura, nem tão perfeitamente definido.

Como eu esperava, n'esse dia, não me appareceu, nem Caiumbuca, nem a gente que Lobossi devia mandar-me.

Na noute de 10 para 11, eu queria observar um reaparecimento do 1º satellite de Jupiter, que deveria ter logar proximo da meia noute; e como eu não quizesse perder essa observação, por encontrar grande differença em longitude na posição do Zambeze, recommendei ao Augusto, que me chamasse quando a lua estivesse

na altura que lhe indiquei, o que correspondia ás 11 horas; e cheio de fadiga, deitei-me cedo e adormeci profundamente, esperando que Augusto velasse, depois da instante recomendação que eu lhe tinha feito. Por noute fóra acordei ao chamamento de Augusto, e acordei sem sobresalto, julgando ser a hora indicada por mim; mas, logo que respondi ao meu fiel negro, elle disse-me, cheio de commoção: «Senhor, estamos atrainçoados; a gente fugiu toda, e roubaram tudo.»

Levantei-me, e sahi da barraca.

O acampamento éstaca deserto.

Lá fóra, Augusto, Verissimo, Camutombo Ca-traio, Moêro e Pépéca, e as mulheres dos muleques, estavam silenciosos e pasmados olhando uns para os outros.

Não pude conter uma gargalhada.

O que me admirava allí, era vêr Augusto, o Verissimo e Camutombo ao pé de mim.

Era tão critica a minha posição, vivendo no meio de tantas miserias, rodeado de tantos perigos, que não sei mesmo quem n'elles quere-ria ser meu socio. Animos mais fortes e espiri-tos mais energicos do que os dos pretos que acabavam de fugir, não teriam querido parti-lhar da minha sorte.

Sentei-me, rodeado das oito pessoas que ha-viam ficado e puz-me a indagar o succedido. Queria pormenores que ninguem me dava. A gente tinha fugido toda, sem que algum dos presentes a presentisse. Os cães, habituados com elles, não ladraram. O Pépéca foi passar revista ás barracas, e nada encontrou.

As poucas cargas que tinham ficado á porta da minha barraca, e que consistiam em polvora e cartuchos, haviam desaparecido.

Fugiram roubando a minha propria miseria. Só me restava o que havia dentro da minha bar-raca. Eram os meus papeis, os meus instrumen-tos, e as minhas armas; mas armas de nenhum valor, porque uma das cargas roubadas conti-nha os meus cartuxos, e sem elles de nada ser-viam.

Fui sem detença fazer inventario do meu mi-seravel haver, e achei-me com trinta tiros de balas d'aço para a carabina Lepage, e com vinte e cinco cartuxos de chumbo grosso da espin-garda Devisme, que de pouco ou nada serviam. Era tudo quanto possuia.

Não pude deixar de curvar a cabeça ante este ultimo golpe que me feria, e um atroz confrangimento de coração trouxe-me, pela primeira vez

em Africa, o presentimento de que estava per-dido. Estava no centro d' Africa, no meio da floresta, sem recursos, dispondo de trinta balas apenas, quando só da caça poderia viver e só a caça me poderia salvar; e tinha em torno de mim só tres homens, tres crianças e duas mu-lheres!

Augusto exprovara-se o ter adormecido, quan-do eu o mandara velar, e entrou n'um furor lou-co, querendo ir na pista dos fugitivos e matar todos. Custou-me a conter a ira feroz do meu preto fiel; e sem consciencia do que dizia, sem a menor convicção nas palavras que proferia, or-denei-lhes que se fossem deitar, que não receias-sem nada, porque eu remediaria tudo. Eu fica-ria de vela. Recolhidos ás barracas, eu fiquei junto da fogueira, quasi inconsciente e sem for-ças. O abalo moral tinha despedaçado o corpo, já fortemente abatido pelas febres. Sentado, com os braços encostados nos joelhos e a cabeça en-costada ás mãos, eu olhava fito para a crepitação da chamma, sem ter um pensamento, sem uma ideia, em perfeito estado de imbecilidade. Com-tudo, o instincto filho do habito, fez-me sentir, que estava desarmado; chamei o meu muleque, e sem ter consciencia d'isso pedi-lhe uma arma. Elle entrou na barraca e trouxe-me uma, que eu, sem reparar, colloquei sobre os joelhos.

Durou muito tempo aquelle estado de abati-mento, até que as ideias principiaram a vir mos-trar-me os horrores da minha posição. Havia muitos mezes, que eu caminhava ávante, pobre e sem recursos; havia muito tempo que eu con-tava sómente com a caça para sustentar a minha caravana. Essa ideia perfeitamente arraigada no meu espirito, tinha-me dado sempre a força de seguir, de ter fé e de esperar. De repente senti em mim um vazio enorme. A ideia tinha cahido por terra, e desaparecido com a caixa que con-tinha os meus tiros, o meu thesouro, o meu unico recurso.

Deve ser ao encarar uma posição como a mi-nha que o homem se suicida.

Com aquella pungente agonia que me dila-cerava a alma, deixei pender a cabeça e os meus olhos fixaram-se na carabina que eu tinha pou-sada nos joelhos. Olhei, talvez meio minuto, e uma ideia atravessou-me o espirito. De um salto entrei na barraca, e corri a levantar as pel-les do meu leito, debaixo das quaes, para le-vantar a malinha que me servia de travesseiro, estava um estojo de couro, rectangular, baixo e comprido.

Foi com mão febril que abri aquelle estojo esquecido, e apalpei tremulo os objectos que elle continha. As ideias occoriam-me de novo em tumulto. Deixei o estojo, e abri a mala dos instrumentos, onde a caixa do meu sextante Cazella estava entalada por duas latas, que senti debaixo da mão com que apalpava. Sahi precipitadamente da barraca e do acampamento, e corri ao matto, onde de dia tinha posto a enxugar o meu grande tresmalho, depois da pesca. A rede estava estendida e tensa pelo peso do chumbo que lhe envolvia a tralha.

Apalpei phrenetico aquelle chumbo, e colhendo a rede voltei ao campo, curvado ao peso d'ella. Cheguei junto á fogueira, e depuz no chão o meu fardo.

Quem visse o que eu tinha feito havia alguns minutos, julgar-me-hia louco, e louco estava eu de contente.

O avaro devorando com os olhos avidos de cubiça o thesouro que empobrece a sua miseria, não deve ter na vista expressão differente da que eu tinha a olhar para aquella carabina. É que ella para mim era a vida, a salvação, e tudo. É que ella para o meu paiz era uma expedição coroada de exito; era a realisação de um voto formulado por elle no seu parlamento; era o bom exito obtido, tanto mais meritorio, quanto mais estorvado.

A arma que afagava nas mãos, como afagaria uma filha estremecida, a arma que me ia salvar, e commigo a expedição atravez d'Africa, era A CARABINA D'EL-REI.

No estojo d'aquella arma havia apparatus para fazer balas, e tudo o necessario para se carregarem os cartuxos, logo que existissem os involucros metallicos, cada um dos quaes, pelo seu systema de construcção, pôde servir muitas vezes. Uma pequena caixa, que vinha no estojo já quando El-Rei me offerecera o valioso presente, continha quinhentos fulminantes.

As ideias que se succediam em mim quando me lembrei d'aquelle recurso, trouxeram-me a reminiscencia de duas latas de polvora que eu desde Benguella empregava, á falta de cousa melhor, para entalar a caixa do sextante dentro da mala. Faltava o chumbo, mas a minha rêde de pesca ia fornecer-m'o.

Assim, pois, eu podia dispôr de alguns centos de tiros; e com alguns centos de tiros sentia-me com força de criar recursos n'esse paiz de caça.

O resto da noute foi para mim como manhã bonançosa depois de noute de temporal.

Ao alvorecer, ainda não tinha formado um plano, mas estava tranquillo e confiante.

Mandei chamar o chefe da aldeola proxima, e convenci-o a mandar dois homens a Lialui contar o succedido ao rei Lobossi; disse-lhe tambem, que ia mudar o meu campo para mais proximo da aldeia, e logo nós quatro, eu, Verissimo, Augusto e Camutombo, construimos quatro barracas e um forte cercado, onde nos recolhemos com o meu magno espolio.

N'esse dia trabalhei como um rude lenhador, e de machado em punho, cortei a madeira para a minha barraca, e construi-a eu mesmo.

Durou o trabalho até depois do meio dia, hora a que me estendi nas pelles de leopardo do meu leite, dormindo a somno solto até ao pôr do sol.

O meu Augusto tinha pescado, e tinham armado laços aos patos, conseguindo agarrar um. Entretivemos com aquella alimentação sem condimentos a fome já impertinente, e eu volvi a deitar-me, mas dormi pouco e pensei muito. Sustentar nove pessoas era mais facil do que sustentar uma grande comitiva, e por isso a questão mais momentosa e que mais urgente era resolver, estava, se não resolvida, pelo menos muito simplificada por si mesmo.

A ideia de proseguir na minha viagem estava perfeitamente arraigada em mim, e sem ainda saber como, sem ter chegado a formular um projecto, sabia que havia de ir, porque queria ir. A minha confiança era tal, que os meus homens já estavam descuidosos e indifferentes. Diziam elles, que eu sabia o que havia de fazer, e quando lhes dizia, que não tinha ainda formado um plano, riam-se e diziam:—«o senhor bem sabe já.»

Passei o dia preparando cartuxos da carabina d'El-Rei. Tinha 2 kilogrammas de polvora finissima, e como a carga de cada cartuxo era de 5 drachmas (8 grammas e meia), podia com aquella polvora carregar duzentos e trinta e cinco tiros, que com alguns que eu ainda possuia, e com os trinta de balas d'aço da carabina Lepage, prefaziam um total de trezentos cartuxos.

Chumbo para balas havia de mais, porque o peso das duzentas e trinta e cinco balas era ao menos de nove kilogrammas, sendo o de cada bala de 35 grammas, e o chumbo da rede devia pesar um pouco mais de trinta kilos,

Fulminantes tinha duzentos a mais.

Voltaram os portadores que mandei a Lobossi com recado d'elle para que eu fosse viver para Lialui até tomar uma deliberação.

Decidi logo não sahir do matto onde estava, e mandar o Verissimo a Lialui tratar com elle. Dei-lhe as minhas ordens, e mandei que sahisse antes de amanhecer no dia immediato, para ter tempo de voltar no mesmo dia.

Um violento accesso de febre prostou-me, e tive de me recolher muito doente.

No dia seguinte a febre tinha augmentado, e eu estive impaciente até á volta de Verissimo, que só chegou de tarde.

Vinham com elle uns muleques do regulo, que me traziam alguma comida e um presente de leite coalhado, enviado por Machauana. Lobossi mandava dizer-me que era muito meu amigo, e que estava prompto a ajudar-me, mas que fosse eu viver para casa d'elle, e que com tempo decidiríamos o que havíamos de fazer. Mandei dizer-lhe pelos muleques que logo que estivesse melhor iria fallar-lhe, mas que não deixaria o matto, e que me era impossivel ia viver com elle, por causa das febres. Estava ancioso por me achar só com Verissimo, para ter noticias de Lialui.

A primeira cousa que elle me contou fez-me logo profunda impressão. Disse-me, que, quando chegara a casa de Lobossi estava reunido o grande conselho em discussão acalorada.

Uns enviados do chefe de Quissique, Carimuque, tinham chegado alli, pedindo accesso no paiz para um missionario inglez, que estava em Patamatenga, e queria vir ao Lui

Á entrada d'esse sujeito no paiz do Barôze oppunha-se com toda a sua eloquencia o ministro dos estrangeiros Matagja, e d'ahi nascera a acalorada discussão a que assistira o Verissimo, sendo resolvido em conselho, que não fosse concedida a licença para o homem penetrar nos estados do rei Lobossi.

O Verissimo, que me contou este incidente, a que não ligou a menor importancia, começou a narrar-me o que tinha podido colher de noticias ácerca das intrigas dos muleques de Silva Porto e Caiumbuca; mas eu é que não o escutava já, e aquelle missionario inglez (*Macua*, diziam elles) não se me tirava do pensamento. Quando o Verissimo acabou o seu aranzel, que eu não ouvi, tinha resolvido o meu problema, e a resolução consistia em ir encontrar aquelle missionario.

Como realizal-a não sabia ainda, mas que o encontraria era já convicção minha.

Fui avidamente buscar uma pessima carta d'Arica que tinha, e calculando approximada-

mente onde seria Patamatenga, medi uma distancia de seiscentos kilometros.

Seiscentos kilometros, a uma media de 10 kilometros por dia, eram sessenta dias de jornada, e trezentos tiros que eu possuia, divididos por sessenta dias, dava-me cinco tiros por dia. Ardia já em desejos de me pôr a caminho, mas ardia em febre tambem, e comecei por deitar-me.

Nos dias 14 e 15 a febre cresceu de intensidade, não me permittindo sahir da barraca; mas tendo algumas melhoras na noute de 15 para 16, resolvi logo ir a Lialui fallar ao rei, e tratar de pôr em execução um plano que tinha concebido para ir encontrar o missionario, ideia que me não sahia da mente.

Ainda muito doente, parti logo de manhã para casa de Lobossi. Fui muito bem recebido por elle, que negou ter sido connivente em Caiumbuca e os pretos do Silva Porto, na fuga dos meus *Quimbares*; o que era falso, porque sem o consentimento d'elle, não poderiam elles ter passado o Zambeze.

Pedi-lhe que me ajudasse a ir encontrar um missionario que eu sabia estar em Patamatenga; ao que elle respondeu, perguntando-me: como queria eu ir para alli, não tendo carregadores? Esta pergunta do rei foi muito applaudida pelos assistentes, que notaram a espezteza d'elle em m'a fazer.

Disse-lhe, que era verdade não ter carregadores, mas que tinha o rio Liambai, e elle tinha barcos, e se elle me dêsse barcos, eu dispensava os carregadores, tanto mais que não tinha cargas.

Elle contestou, que havia effectivamente o Liambai, mas que o rio tinha cataractas, e como as poderia eu passar? Novos applausos da parte do auditorio.

Respondi, que sabia isso, mas que alli os barcos e as cargas iam por terra, e a jusante das quedas continuavamos a navegar.

Elle retorquiu, que o seu povo tinha muito pouca força, e não podiam arrastar os barcos por terra. Novamente applaudido, estava fazendo um gosto immenso em patentear o seu espirito fino diante dos ouvintes; e de salto, sem esperar resposta, perguntou-me: porque não tinha ido viver com elle para Lialui, como me tinha ordenado?

Respondi serenamente, que não tinha ido, nem iria, por muitas razões, sendo a principal, o ser elle um refinado velhaco, que, desde a mi-

nha chegada, só tinha procurado enganar-me, para me roubar. Chamei-lhe ladrão e assassino, levantei-me e puz-me a caminho.

O auditorio, estupefato do meu atrevimento, nem se lembrou de me embargar o passo.

Dirigi-me a casa de Michauana, onde estive conversando com Monotumueno, o filho do rei Chipopa, e legitimo herdeiro do poder, a quem fiz a profecia de que ainda seria rei do Lui¹.

Ia a retirar-me para as minhas montanhas, quando um enviado de Lobossi veio pedir-me em nome d'elle para eu lhe ir fallar. Fui logo.

O rei disse-me que não tinha razão para me zangar com elle, que era muito meu amigo, que ia apromptar barcos, e que o Liambai estava livre para mim.

Eu fiz-lhe um grande sermão, em que lhe disse, que elle era mal aconselhado; que o que tinha dado o poder e grande nome aos reis Macololos, foi a grande protecção que dispensaram a Livingstone. Que os Luinas queriam perder o commercio, e que elle completaria a ruina do Lui começada por Manuanino. Que o seu povo, não a camarilha que o rodeava, mas o seu povo sensato, ainda o expulsaria do poder, por incapaz de governar, e não fazer mais do que dispartes.

Fez-me novos protestos de amizade, affirmando-me, que me daria os barcos, e que não seria por culpa d'elle se eu não chegasse a alcançar o missionario, mesmo porque queria que eu mudasse de opinião a seu respeito.

Assegurou-me que voltasse descançado para Catongo, onde me mandaria dizer que os barcos estavam promptos, logo que tivesse arranjado as tripulações. Chamou diante de mim o chefe de Libouta, e deu-lhe ordens a esse respeito.

Eu não acreditava em nada d'aquella comedia, e disse-lh'o. Elle pediu-me que não formasse maus juizos, e esperasse os factos.

Voltei a casa de Machauana, que conversou largamente commigo a respeito de Caiumbuca e da fuga dos meus Quimbares. Por elle soube toda a verdade, nos seus detalhes, e só fiquei ignorando quem fôra ao longe o motor dos acontecimentos.

Chegado ao Lui, fui sinceramente bem recebido por aquella gente, e o nome do Mueneputo, com que eu me abrigava, foi escutado com res-

peito. Declarei os meus projectos, e elles foram calorosamente approvados, porque muito convinha aos luinas estar em comunicação com a costa de Leste. Dias depois da minha chegada, rebentou no Chuculumbe a revolução, á testa da qual se achava Manuanino, o rei desthronado. Caiumbuca foi então dizer a Lobossi, que não era estranho áquella revolta, e que queria ir para Leste juntar-me aos brancos que apoiavam Manuanino. N'essa occasião Caiumbuca levou os Bihenos a abandonar-me, dizendo-lhes que o rei o prevenira de que me ia mandar matar, e não poderia impedir que fosse morta a gente que estivesse commigo.

Os Bihenos, levados por elle, declararam-me que não queriam estar commigo, e Caiumbuca fingiu-se indignado.

A primeira e única vez que em Africa faltei ao meu principio de sertanejo, de desconfiar alli de todos e de tudo, fui enganado. É verdade que Silva Porto, o homem em quem eu tinha a maxima confiança, dissê-me e escreveu-me que podia fiar-me em Caiumbuca, e eu fiei-me n'elle.

Facilmente podia desfazer aquella intriga entre homens instruidos; mas deve comprehender-se, que para pretos foi bem tramada, e não seria facil convencel-os da verdade.

Apesar d'isso, a minha attitude chegou a convencer Lobossi, e foi então que os muleques de Silva Porto foram dizer ao rei que tinham ordem de seu senhor para me abandonarem alli, mandando-lhe elle dizer, que me fizesse matar, se queria que os sertanejos do Bihé voltassem alli sem o que não teria mais relações com Benguella.

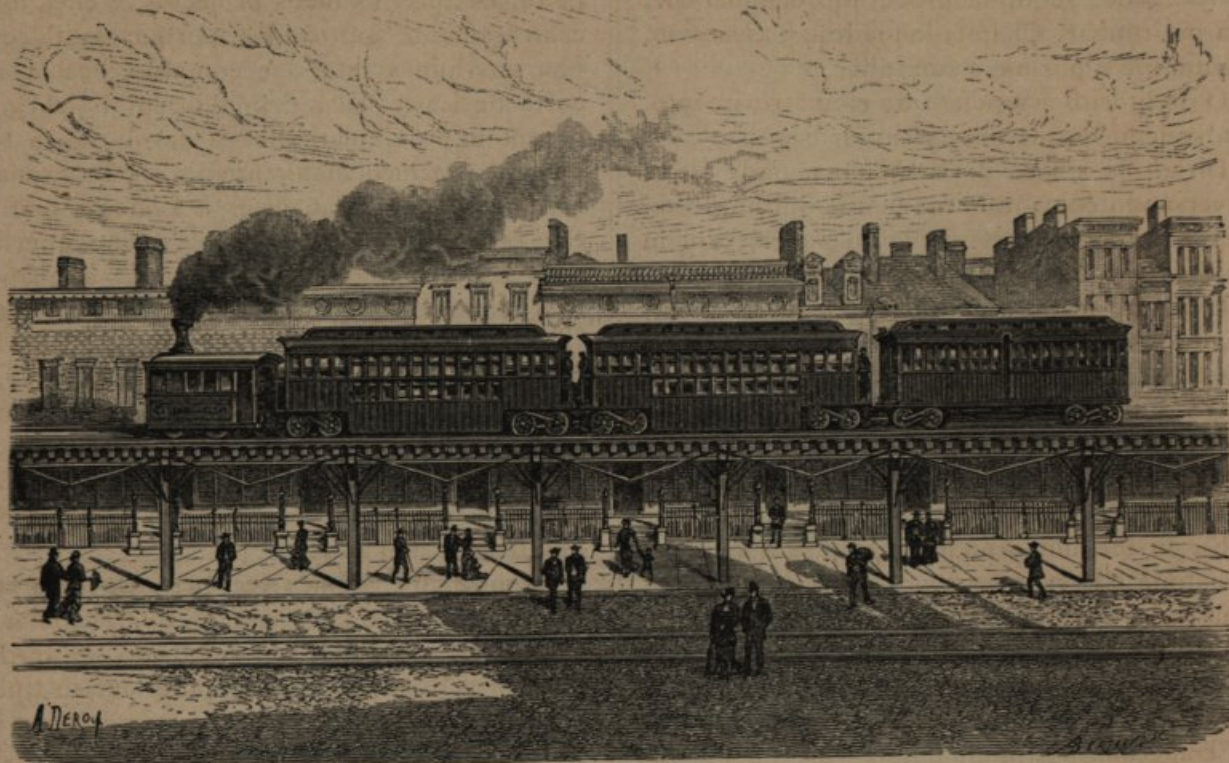
Foi então que tentaram matar-me, affirmando Machauana, que Lobossi sempre se oppoz a isso, assim como a maioria do seu conselho, mas que Gambela era de opinião contraria.

Caiumbuca e os muleques de Porto, foram dizer a Lobossi que tudo o que eu tinha nas minhas malas eram roupas e fazendas muito ricas, despertando-lhe assim a cubiça, que a tantos exploradores tem perdido no continente Africano.

Apesar de todas as intrigas e dos factos que ellas produziram, eu ia continuar a minha viagem com a gente de Benguella, quando o ataque da noute de de 6 de setembro m'a dizimou e uma nova intriga dos pretos de Silva Porto levôu á fuga os restantes. Por ordem de quem trabalhou Caiumbaca? Eis o que não pude saber.

(Continua.)

¹ Fui mau propheta. Monotumueno foi assassinado pelo rei Lobossi em dezembro de 1879.



New-York — COMBOIO PERCORRENDO A TERCEIRA AVENIDA — Desenho de Deroy, segundo uma photographia

AS NOVIDADES DE NEW-YORK E O NIAGARA NO INVERNO

POR

M. EDUARDO DE LAVELEY

I

NEW-YORK

Os ESTADOS-UNIDOS da America tem sido explorados, descriptos e estudados por tantos viajantes eminentes, por escriptores de tão grande talento e por tão profundos pensadores, que parecerá temeridade o qualquer atrever-se ainda a fallar, mesmo levemente, da Grande Republica. New-York principalmente é a cidade mais conhecida dos Estados-Unidos e o Niagara, a maravilha da natureza mais vezes descripta. O que todavia me dá coragem para tratar um assumpto tão estudado já, é que aos americanos poucos annos bastarão para transformarem completamente a sua metropole commercial, e que á natureza alguns dias, horas mesmo, bastam, como ao toque de uma vara magica, para modificar aquella das suas obras que nos parece eterna.

Labouaye e Simonin fallaram da New-York

d'alguns annos atraz e Chateaubriand phantasiou mais, do que descreveu, o Niagara de ha um seculo; mas apenas alguns mezes bastaram para construir os caminhos de ferro áereos no centro de New-York e poucos viajantes, creio eu, têm visto a queda gigante apertada n'um estojo de gelo comprimindo-lhe o desenvolvimento d'uma das forças naturaes, a mais gigantesca e a menos compressivel. Vêr New-York coberta pela sua rede ferreo-viaria e dominada pelas torres titanicas da sua famosa ponte pensil dá-nos um aspecto novo; contemplar o Niagara no inverno, durante um frio excepcional, apresenta-nos um quadro completamente novo, muito passageiro, mas que nem por isso deixa de ser mais original.

Visitando a America como engenheiro, depois d'alguns dias passados a visitar a «cidade imperial» apressei-me a aproveitar as ultimas semanas do fim do outono para explorar os Estados do Far-West e as minas recentemente descobertas no Colorado, de que mais adiante

fallarei. Era já completo inverno quando voltei para os Estados do Este e foi pela ocasião de frios intensísimos do mez de dezembro de 1878 que visitei as quedas do Niagara.

O que nos surprehende immediatamente ao pôrmos o pé em New-York é a grande quantidade de vehiculos publicos circulando por toda a parte, dando-nos a impressão d'uma actividade devoradora e d'um movimento sem repouso. Se os trens de praça são alli quasi desconhecidos, em compensação os *tramways* e os *omnibus* cruzam-se, chocam-se e succedem-se, formando uma confusão indefinivel de que nem os *boulevards* de Paris, nem a ponte de Londres, nem a rua de Toledo em Napoles, nos podem dar uma idéa. Nas estreitas ruas commerciaes da cidade antiga, não é raro vêr trinta ou mais vehiculos seguirem-se pelo espaço de muitos minutos. O *yankee* sempre muito apressado apropriou-se do proverbio inglez «time is money» para ainda mais febrilmente o applicar. O americano não gosta de andar. Serve-se o maior numero de vezes que pôde de meios de locomoção mais rapidos e commodos do que os que nos facultou a natureza. Todo o excesso é um mal; mas o mal obriga-nos a procurar o remedio. Esta enorme concorrência de vehiculos produz o peijamento e por tanto demoras. Então nasceu a idéa dos caminhos de ferro áerios, cuja execução a disposição especial da cidade e os costumes dos seus habitantes tornaram facil.

Em New-York, como em todas as grandes cidades dos Estados-Unidos e da Inglaterra, os negociantes e os banqueiros, n'uma palavra todos os homens que se entregam a qualquer ramo do commercio, têm os escriptorios no centro da cidade e a sua casa n'outra parte distante do bulicio da população e da agitação dos negocios. D'isto resulta que, a certas horas do dia, de manhã ás 9 horas e ás 5 da tarde, um movimento consideravel de passageiros se dirige d'um ponto para outro. A configuração de New-York, edificada n'uma lingua de terra em fórma de dedo, muito estreita e muito alongada, entre Hudson e o rio d'Este, obriga os commerciantes a fazerem longos trajectos para ir da extremidade d'este dedo, onde está o centro commercial, para a outra, onde estão construidas as casas particulares. Foi para diminuir as distancias que se construíram os caminhos de ferro áerios *elevated railroads*. Para evitar demoras e para transportar rapidamente os passageiros apresentaram-se dois projectos.

Um consistia em imitar em New-York o que já se fizera em Londres construindo vias subterraneas; outro creava as redes ferro-viarias sustentadas por columnas. Um, o primeiro, era mais dispendioso, mas tinha-se pela experiencia a certeza do seu bom resultado; o outro era menos caro, mas sujeito a todas as incertezas d'uma experiencia e ás reclamações das sociedades dos *tramways* e *d'omnibus* já existentes. Em virtude da sua barateza e confiando no bom senso yankee escolheram os caminhos de ferro áerios.

As cidades americanas, vastos taboleiros em que os quarteirões se interceptam com uma regularidade geometrica, em geral pouco têm a perder sob o ponto de vista pittoresco; além d'isso, mesmo em New-York, só algumas ruas são reservadas ás edificações ostentosas. As outras iam ser completamente sacrificadas, mas nem por isso o mal era grande! Estas ruas só ficariam servindo para armazens e escriptorios; mas não era com esse destino que ellas tinham sido construidas? Em quanto ás reclamações das companhias dos tramways e dos cocheiros, que temiam vêr os seus cavallos espantados, não fizeram caso d'ellas.

Era necessario construir a via em ruas de diversas larguras e por conseguinte adoptar diferentes systemas, conforme as difficuldades a vencer. Primeiro do que tudo deviam-se assegurar ás columnas destinadas a sustentar os *rails* uma completa estabilidade, e era esse o primeiro obstaculo. Nas casas americanas os compartimentos subterraneos muitas vezes estendem-se por baixo do pavimento das ruas. Foram portanto obrigados a comprar esses subterraneos para n'elles construir alicerces bastante fortes em que se appoiassem as columnas. Feito isto restava construir a via.

Na parte antiga da cidade, cortada de ruas estreitas, o meio de construcção depressa se encontrou. De dez em dez metros collocaram arcos de ferro forjado que iam d'um a outro passeio; estes arcos ligados entre si por pranchões, sustentam as quatro linhas d'uma dupla via. As carruagens e os piões circulam sob uma especie de tunnel que quasi completamente lhes intercepta a luz do dia e por cima da qual a todos os instantes passam com um ruido surdo comboios de grande velocidade.

Este systema praticavel n'este caso especial tornava-se inexequível nas ruas largas. Os arcos de ferro sustentando os *rails* deveriam então ter uma amplissima abertura, e portanto lançaram

mão d'outro meio. Neste caso os pilares não têm o seu assento á beira dos passeios, mas no meio das ruas divididas em tres partes eguaes. De cada lado das vias fica uma passagem para os vehiculos ordinarios e por debaixo da via ferrea circulam os tramways. Em vez de collocar os arcos de ferro perpendicularmente á rua, dispozeram-os no mesmo sentido e para solidificar as duas vias, assim separadas, ligaram-as entre si com poderosas travessas egualmente de ferro forjado intervalladas pelo espaço de vinte metros. Foi este o systema seguido na construcção da linha da setima avenida.®

Ainda restava a hypothese d'uma arteria ainda mais larga, a terceira avenida, por exemplo. Era necessario resolverem-se a separar completamente as duas vias e collocar uma d'um lado e a outra do outro. Este problema que embaraçaria a mais d'um engenheiro foi resolvido e por uma maneira nova, simples e arrojada, isto é á moda americana. Columnas de ferro retangulares, com vinte centimetros por lado e aparentemente pouco solidas, dispostas isoladamente, sustentam uma via ferrea com as suas locomotivas, os seus rails e os seus vagões, como os postes que marginam os nossos caminhos de ferro sustentam os fios telegraphicos. Nada tão extraordinario como o aspecto da terceira avenida em New-York.

A rua estende-se a perder de vista sempre em linha recta, ladeada por casas axadresadas com riscos brancos a imitar tijolo. Estas edificações têm um ar de novidade e de fragilidade que faz lembrar brinquedos de creanças. O ar é atravessado em todas as direcções por redes de fios telegraphicos, sustentados por grossos postes caiados como os espantalhos das nossas searas maduras. De cada lado da rua, por cima das cabeças dos cavallos, sustentada por columnas tão frageis, que de longe nem se avistam, assenta essa imagem da estabilidade e do poder; uma linha de caminho de ferro, para a qual o solo ainda nos não parece assaz firme.

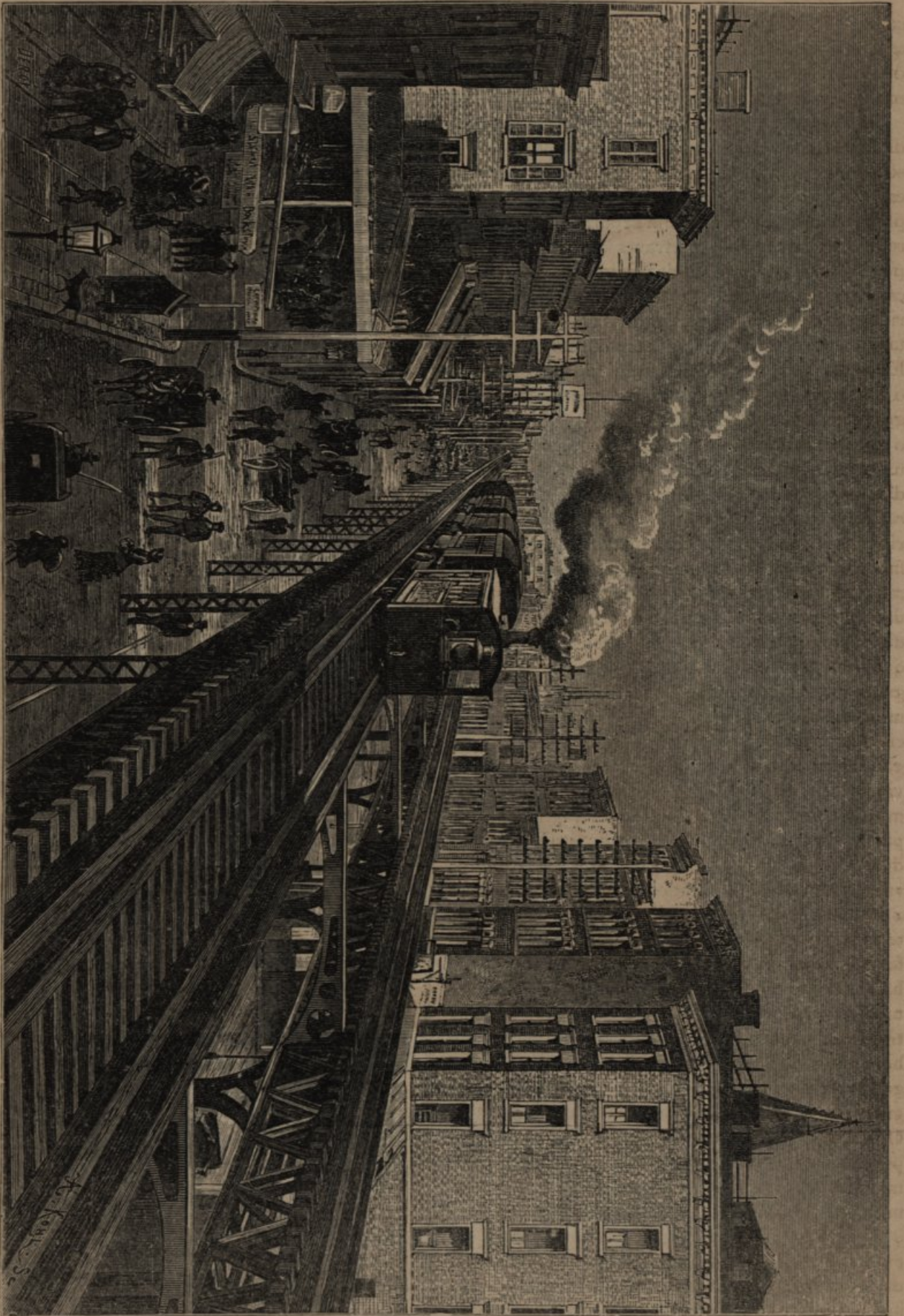
Por baixo circula a multidão, os vendedores ambulantes apreçoam lapis, phosphoros, cincoenta carroagens ao mesmo tempo trotam, e dos confins do horisonte corre com furia e com ronco surdo e sinistro, acompanhada por uma tenue nuvem de fumo, a locomotiva que deixa a traz só um tinir de ferro que as vibrações reproduzindo-se não deixam terminár. Para que um comboio, em caso d'accidente n'uma das vias, possa passar para a outra, ha pontes unindo as

duas. A collocação da via é a cousa mais simples. As columnatas de ferro quadradas na base alargam-se na extremidade superior e formam uma especie de plata-fórma, onde são adaptados os rails. Entre uma e outra columnata ha pranchões de ferro tambem ligados entre si por travessas de madeira, em que assenta a linha.

Para evitar os descarrilamentos a via está mettida entre fortes barrotes e assim uma carroagem que salte fóra da linha fica na impossibilidade de se precipitar na rua. A gravura que apresentamos dá uma perfeita ideia d'esta via áeria. As estações, distanciadas umas das outras por espaços de trezentos metros approximadamente, estão edificadas em pontos em que muitas ruas se cruzam. O acesso para estas estações faz-se por meio de duas escadas, uma servindo para os que descem e outra para os que sobem. Assim evita-se a agglomeração e os choques.

O material é construido com o maior cuidado. Para diminuir o mais possivel o peso das locomotivas e dos vagões a sua rodagem é feita de papel, fabricada por um processo relativamente novo. A massa do papel é comprimida por uma força hydraulica até se tornar tão dura como pau, conservando todavia pela sua homogeneidade uma resistencia e uma elasticidade muito maior. Estas rodas de papel cintadas com aço reúnem admiravelmente as duas qualidades indispensaveis; solidez e leveza.

Por baixo da locomotiva um reservatorio de folha de ferro recebe as cinzas e as aguas que sahem da machina e tudo aquillo que poderia cahir sobre os que na rua se agitam. Os comboios compõem-se da locomotiva e d'uma, ou duas carruagens de grandes dimensões de systema americano com corredor ao centro. São confortavelmente aquecidas por tubos d'agua quente passando por baixo dos assentos. As cadeiras muito commodas são de verga ou estofadas. É inutil dizer que ha uma unica classe e só as grandes carruagens americanas podem circular nas linhas ferreas áerias. Para entrar na cidade velha a via não pôde constantemente ir em linha recta e, posto que os angulos das ruas sejam de 90 graus, é forçada a contornal-os. Assim acontece que nas voltas mais apertadas as carruagens quasi ficam suspensas sobre a rua, formando a corda do arco da circumferencia descrita pelos rails; estas voltas são algumas tão apertadas que, para que os comboios podessem passar, foi mister cortar as esquinas a algumas



DUPLA VIA NO CAMINHO DE FERRO AEREO DA SETIMA AVENIDA — Desenho de A. Deroy, segundo uma photographia

casas. Compreende-se bem que, a locomotiva, que ordinariamente anda com uma velocidade de seis leguas por hora, n'estes pontos vae o mais de vagar possível.

É nos caminhos de ferro áereos que se pôde admirar em todo o seu esplendor esse genero de litteratura especial da nossa época, em que a America tanto se avanta:—o *réclame*. Entre as janellas e o tecto das carruagens ha em todo o seu comprimento uma facha coberta d'annuncios com os *réclames* mais curiosos. Aqui é uma fabrica de sabão representada por uma mulher lavando roupa n'uma pequena bacia. A figura presa a uma mola, a que as oscilações da carruagem imprimem movimento, tem os movimentos proprios d'uma lavadeira. Alli, n'uma vaccaria attrahe-nos a attenção uma leiteira que muge uma formosa vacca Durham. O movimento das mãos, é extraordinariamente bem feito. Mais longe é Hamlet dirigindo-se a Ophelia: «Vae para um convento, Ophelia.» Ophelia, americana até ás unhas, responde: «Sim, vou meu amigo, mas deixa primeiro que compre o enxoval na camisaria numero 32 da decima-quinta rua.» Ao lado Paulo e Virginia, recolhidos em castos devaneios, vêem ao longe as ondas cristalinas perderem-se no azul do mar. «Que meigas palavras, ó meu adorado! suspira aos teus ouvidos o longinquo murmúrio

do Oceano?—Segreda-me que não fume senão o melhor tabaco da casa Jackson.» Uma outra estampa representa um personagem, primeiro muito triste e depois muito alegre. A alegria

provem-lhe de ter mascado o melhor tabaco—o *Jackson's best*.

Não serão verdadeiros modelos do genero?

O preço de cada viagem é de 100 réis, seja qual fór a extensão percorrida, excepto ás horas d'abrir e fechar os escriptorios, das nove ás dez da manhã e das cinco ás seis horas da tarde; a estas horas o preço é metade. A revisão dos bilhetes faz-se á sahida das estações, onde é preciso ao sahir que o passageiro lance o seu *ticket* n'uma especie de funil de crystal, o que permite ao empregado a verificação.

Os comboios nunca esperam os viajantes retardatarios.

Se no momento em que chega o passageiro a estação está fechada, o passageiro resta-lhe esperar dois minutos e seguir o seu destino. Nas longas avenidas bem direitas vêem dois e tres trens caminhar pela mesma via, uns atraz dos outros, e outros dois ou tres caminham em sentido contrario na via fronteira.



PILAR DA PONTE BROOKLYN - Desenho de Taylor, segundo uma photographia

(Continua.)

MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES
COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1593-1631

TERRAS E MINAS AFRICANAS

SEGUNDO

BALTHAZAR REBELLO DE ARAGÃO

(Continuação da folha 12—3.º anno)

COM ESTE reino ser rico e haver cincoenta annos que é povoado, assim na cidade de S. Paulo, como nos presidios, não ha cousa a que tenha nome de El-Rei: nem casas, nem feitorias, nem armas reaes.

Sua Magestade mandou pôr um tributo em os escravos que se embarcam, de 2 tostões em cada um, que rende cada anno 5:000 ou 6:000 cruzados, e até hoje se não tem feito cadeia, nem casas de camara, nem fará; a causa é que os ouvidores têm a administração d'esse tributo e se valem d'elle pagando salarios de thesoureiro, apontador e escrivão, a seus creados, e do demais se aproveitam e valem d'este dinheiro em seus tratos. E para que as obras se façam ha de ter esta administração em os vereadores, a camara, e o ouvidor que lhe tome conta cada anno, e assim se farão as obras depressa e não estará o dinheiro empatado, como hoje está.

É necessario haver no dito reino juiz dos feitos de El-Rei, porque, como hoje ha bispo, ha muitas differenças sobre a jurisdicção real, e os vassallos de Sua Magestade padecem muito detrimento por falta de justiça.

O porto de Pinda é no reino de Coŕgo, na boca do grande rio Zaire, em altura de 6 graus da parte do sul: estará de Loanda 80 legoas, costa abaixo para a linha.

É terra muito fertil de mantimentos e muitas infinitas madeiras e bons mastros grandes e leves; podem-se fazer muitos engenhos de assucar.

Este rio entra em o mar com 7 legoas de boca, e é tanta a furia que traz que bota a corrente de agua doce 20 leguas ao mar, e assim é mui trabalhoso de atravessar e se não pôde entrar por elle a riba sem se acostarem á parte do sul, onde chamam o Padrão, em o qual sitio

se pôde fazer fortaleza que defenda a entrada aos hollandezes, que de continuo estão dentro n'elle, resgatando muita quantidade de marfim¹.

A causa d'estes inimigos resgatarem tanta quantidade de marfim é que Sua Magestade tem arrendado o estanco d'elle aos contratadores dos escravos e que ninguem o possa navegar, pela qual causa não tratam os vassallos de Sua Magestade de o comprar, pois o hão de tornar a vender aos contratadores por mui pouco preço, e assim ninguem quer comprar nem tratar no dito marfim, pela qual causa todo vac a mãos dos hollandezes.

Devia Sua Magestade largar este resgate aos seus vassallos, do que lhe viera muito mais proveito que ter feito d'elle estanco.

O primeiro será que lhe pagarão seus reaes direitos, o segundo que o não levarão os inimigos, o terceiro que entrarão n'este reino, cada anno, dois mil quintaes de marfim, que os inimigos levam, e hoje não entram quinhentos por mão do contratador, e sómente os direitos valerão mais do que hoje vale o marfim que os ditos contratadores resgam.

Esta fortaleza se pôde fazer com muita facilidade, indo tudo o necessario da Loanda, assim de fabricas como de mantimentos, por tempo de tres ou quatro mezes, que supposto a terra ser fertil, no principio pôde haver occasiões por onde haja necessidade, mas pelo tempo em diante será de muita utilidade ao serviço de Sua Magestade.

¹ Do porto de Pinda encontraremos mais interessantes informações nos documentos de Garcia Mendes Castello Branco e de outros, que hão de seguir-se. Igualmente a respeito do Zaire, sua navegação e commercio.

O reino que chamam de Benguella está em altura de 11 graus da parte do sul, e, supposto que lhe chamam reino, até hoje não sabemos onde tenha seu rei. É gente mui atraçoada e pouco guerreira. Terra mui fértil de gado e mantimentos; ha muito e bom cobre: 5 leguas do mar estão as minas abertas, de onde os naturaes o tiram e levam a vender a terras do Preste João, e é muito e em muita quantidade: tem um rio por onde se pôde chegar a ellas¹.

Manuel da Silveira, que Sua Magestade mandou povoar o dito reino, fará pouco effeito n'elle por sua aspera condição e pouca experiencia e menos cabedal, de que a terra é mais capaz; foi pôr a povoação em altura de 13 graus em uma bahia muito boa, mas fica mui affastada das minas do cobre.

N'este reino não ha resgate de escravos porque não se costumam a vender uns aos outros; ha muitos senhores mas nenhum é rei: dizem ter rei, mas é tão remoto que até agora não sabemos de onde assiste nem seu nome.

As provincias que eu entrei no descobrimento que fazia para Manopottapa, por mandado de D. Manuel Pereira, são grandes e mui ricas de mantimentos e muitos rios; terra mui fria e sadia; ha muitas arvores de Hespanha, como: oliveiras, parras, figos, alecrim e outraservas; é gente pouco guerreira; são grandes creadores e lavradores; ha muito cobre e ferro e dizem haver muita prata; tem um rei que chamam Chicova; não cheguei lá por se levantar el-rei de Angola contra a fortaleza de Cambambe, a qual vim socorrer, estando 80 leguas pela terra dentro e 140 do mar; é jornada que, com facilidade, se pôde emprehender, por ser terra fértil e de gente fraca.

Rodeiam ao reino de Angola cinco reis mui grandes: primeiro, el-rei de Congo, logo o de Matamba; terceiro, os Malembas; quarto, os Massingas; quinto, os Mossongos, fora o de Ben-

guella que não nomeio por rei; todos estes reinos são mui grandes e de muitos gentios e falam com pouca differença uma lingua, a qual corre até Moçambique por aquelle sertão dentro.

Dizem os naturaes que em a altura de 16 graus está um grande lago onde ha muitas feras e cobras de estranha grandeza, do qual saem muitos rios, e querem dizer que nasce aqui o Nilo¹.

Ha cannas que eu vi que podem servir de mastros de grandes navios.

Ha n'este resgate de escravatura um grande damno que é os naturaes não quererem vender as boas peças sem as ruins, e assim lhes compram todas, e cã os mercadores não querem senão as boas e nos rejeitam as ruins, pelo qual respeito as tornamos a vender ao mesmo gentio para suas sementeiras.

Devia Sua Magestade mandar que este refugio se embarcassem para o Rio de Janeiro, pagando

¹ Infelizmente é extremamente vaga a indicação d'esta interessantissima tentativa de travessia. Encontrar-se-ha um dia alguma noticia desenvolvida d'ella? Não desesperamos de que assim aconteça. Donde partiria Rebello de Aragoão? De Loanda, onde tinha a sua residencia, como outros documentos indicam, e onde estaria o governador que o enviou? Mas elle diz que estivera 80 leguas pela terra dentro e 140 do mar.

Contaria elle as 80 *pela terra dentro*, do ultimo ponto occupado pelos portuguezes? Qual era? Contal-as-ha de Cambambe, como parece? Lembremo-nos que elle dá ao reino de Angola 150 leguas de maior largura, o que contado de Loanda deita até aos dominios do actual Muatayanvo, e em confronto com os documentos de tempo não parece muito exagerado.

Em todo o caso elle determina ter chegado a 140 leguas do mar. Como as calcula? Ainda com uma grande deducção arbitraria de 50 por cento o calculo indicaria que chegara á serra de Tala-Mogoongo ao norte, ou á planura do Bihe ao sul.

A simplicidade, porém, com que elle diz que não pôde chegar a Chicova, suppondo que se refere á Chicova nossa conhecida e que já o era soffrivelmente no seu tempo, parece indicar maior extensão de caminho percorrido. De resto as breves indicações topographicas que dá não lançam grande luz na questão.

Os povos limitrophes de Angola ou Ngola estão designados com razoavel correcção. Os Mossongos são os Ba-songos ou Ma-songos. Massingas devem ser Majingas, ou então *Mashings*. A observação linguistica é notavel. E a tradição do lago central d'onde sae um rio grande como o de Nilo, coincide com narrativas anteriores e posteriores referidas ás regiões de uma e de outra costa africana. Não é como muitos pensam uma reminiscencia erudita da geographia de Ptolomeu. Não podia ser, e as palavras de Balthasar Rebello bem o mostram.

¹ Pela comparação d'este trecho com a memoria da conquista de Benguella, 1617-1622, que publicaremos, reconhece-se que Balthasar Rebello se refere ao rio Cubo ou Cuvo, cuja foz, no chamado porto de Sumbe Ambela, fica em 10° 53' 30" S. e 22° 50' 30" E. segundo Castilho.

Todos sabem a que os nossos antigos chamavam as terras do Preste João, e por isso é escusado discutir esta allusão exagerada ao commercio dos povos de Sumbe Ambela ou mesmo do Hume com aquellas outras, allusão que ainda assim, inspirada muito naturalmente pela tradição local, indica remotas relações sertanejas, aliás provadas por outros documentos.

17000 réis de direitos por não tornarem outra vez á gentildade.

Todo este gentio toma bem a fé e se fariam com muita facilidade christãos, por não terem idolos nem lei nenhuma; reconhecem a Deus e ao diabo e sabem que ha inferno e paraizo; algumas estatuas a que teem reverencia não são de Deus, senão de seus antepassados e avós, e cada qual tem a sua, mas não por lei nem obrigação.

Para esta gente ser bem doutrinada ha de ser por frades de S. Francisco, a que elles têm muito respeito, repartidos por doutrinas, como se faz e usa em Indias de Castella, e assim serão facilmente christãos.

Os clerigos são poucos para tantas terras e são mais cubiçosos, pelo que creio que por via de frades desinteressados se fará muito serviço a Deus e os sovas estarão quietos e pagarão seus tributos.

Tem Sua Magestade n'este reino dez religiosos da Companhia, a que paga 2:000 cruzados, gente santa e virtuosa, mas não se occupam no beneficio d'esta christandade, o que já fizeram no principio d'ella, e era de muito proveito. Hoje não sei a causa por que o não fazem.

A peor gente que n'este reino anda são os mulatos, filhos de brancos, que sabem a lingua.

Fazem muitas revoltas e roubam os sovas.

Deve Sua Magestade mandar não sejam encarregados em cargos de seu serviço, porque com os ditos cargos se fazem grandes ladrões e revolvem todo o reino. Os Iacas é gente forasteira e que vive de roubar e fazer guerra ¹.

Esta gente veiu ha muitos annos a estes reinos e tem corrido todo este sertão até Moçambique, onde pelejaram com os portuguezes, e vindo a este reino em grandes quadrilhas, se espalharam por muitas partes, como hoje andam.

D'estes se vieram alguns a nosso amparo e serviço, fugindo a seus capitães, e foram cres-

cendo tanto em numero que faziam já muita sombra e damno n'este reino, e sempre os capitães de experiencia temerem o que hoje se vê. A primeira rasão é por os governadores lhes darem senhorios e cabeças de sua mesma nação; a segunda por usarem mal d'elles. Esta gente sempre é bom tel-os por amigos, porque com temor d'elles obedecem e estão quietos os sovas, mas de presente se quiz apertar tanto com elles que se levantaram e levaram muitos escravos nossos, captivos; creio serão maus de reduzir á nossa amizade, pela ruim companhia que lhes fazemos, estando debaixo de nosso amparo, mas podem-se adquirir outros por amigos e tratál-os bem.

A gente por si é cruel e grandes ladrões, e mais o foram depois que nós usámos d'elles: andam a roubar injustamente e captivam o miseravel gentio; porém, a culpa não é do iaca, senão dos governadores e capitães que os mandam, e assim se devem conservar para amigos e usar bem d'elles no tempo necessario.

Fazendo-se fortaleza em Pinda será de menos custo que qualquer das da conquista, porque o dinheiro d'aquelle reino são uns busios de que Sua Magestade tem grandes minas nas praias do Brazil e vale lá muito barato, porque os do Brazil trazem muita quantidade que vendem para o reino do Congo e Pinda, e assim custará mui pouco o gasto da dita fortaleza depois d'ella feita.

Muitas cousas poderia apontar dos costumes d'esta gente, e como se pôde conservar, e muitas outras cousas da terra que por não ser largo deixo de o fazer para quando v. ex.^a m'o mandar.

O dito basta para se entender o estado da terra e o muito que se pôde fazer n'ella sendo governada por governador temente a Deus, que sem isso tudo aproveita pouco.

Nosso Senhor a pessoa de v. ex.^a guarde por largos annos como este creado lhe deseja.

(Continua.)

serão tambem os *ban-gallas* os representantes d'aquelles *gallas*, e os *bam-sumbi*, d'aquelles *Çumbas*?

A Ibaka de Stanley é evidentemente a Iacca de Capello e Ivens que dos exploradores modernos são os primeiros que puderam dar-nos noticia segura d'aquella região e d'aquelle povo original, cujo chefe se denomina Mequianvo, e tambem Muene-Puto-Cassongo. Muene-Puto! Outra singularidade! Este nome empregado pelas tribus africo-equatorias e austraes de uma a outra costa para designar o senhor *branco*, ou o rei de Portugal, usado pelo chefe dos Iaccas, que na costa occidental estiveram ao serviço dos portuguezes e tiveram muitas relações com elles, não será uma reminiscencia d'essas relações, como que a affirmção orgulhosa da superioridade dos Iaccas sobre os outros indigenas?

¹ Ao contrario de quasi todos os documentos antigos, e principalmente dos que têm sido impressos, Balthasar Rebello escreve correctamente Iacas, como Capello e Ivens, mais correctamente ainda, devemos acreditar-o, Iaccas, e não Jacas e Jagas, que é ainda hoje a fôrma geral.

Já na relação annual dos jesuitas da Guiné se diz que *Iacas* no Congo, *Gingas* em Angola, *Zinbas* nas terras orientaes, *Gallas* na Abyssinia, *Çumbas*, e depois *Manes* na Guiné, era chamado o povo feroz e antropophago que operou no seculo xvi uma terrivel invasão em todas aquellas regiões. Esta questão interessantissima não pôde ser tratada n'uma simples nota. Não haverá correspondencia ou relação alguma entre os Iaccas ou Ma-Iaccas, os Akkas, os Makalakas, etc.? Não